

UNIVERSIDADE DE SOROCABA PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO,
PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TABTA ROSA de OLIVEIRA

ESPAÇOSTEMPOS DE BRINCAR: UMA BORDADURA COM MEMÓRIAS

Sorocaba/SP
2021

A hand-embroidered landscape on a light-colored fabric. The sky is blue with white clouds. The foreground features a white house with a blue roof and a blue door, a yellow tree with a red trunk, and red dashed lines representing hills. A button is sewn onto the fabric near the house.

Espaço tempos de brincar:
uma bordadura com memórias

Tabta Rosa de Oliveira

TABTA ROSA de OLIVEIRA

ESPAÇOSTEMPOS DE BRINCAR: UMA BORDADURA COM MEMÓRIAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof. Dr^a Alda Toginini Romaguera

Sorocaba/SP
2021

Ficha Catalográfica

O52e Oliveira, Tabta Rosa de
Espaçostempos de brincar : uma bordadura com memórias /
Tabta Rosa de Oliveira. -- 2021.
220 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

1. Crianças. 2. Brincadeiras. 3. Espaços públicos. 4. Infância. 5.
Espaço. 6. Tempo. 7. Educação – Filosofia. I. Romaguera, Alda
Regina Tognini, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Tabta Rosa de Oliveira

ESPAÇOSTEMPOS DE BRINCAR: UMA BORDADURA COM MEMÓRIAS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Alda Regina Ioginini Komaguera
Universidade de Sorocaba



Prof.Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba



Prof.^a Dr.^a Miriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

À família que tinha rodinha nos pés, meu pai Norberto,
minha mãe Eliane e meus irmãos Thiago e Timóteo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus que me acompanha no meu levantar e no meu deitar e que me sustenta em todos os momentos da minha vida.

À minha família, meu marido Eduardo, e minha pequena Helena que abdicaram da minha presença em muitos momentos e que me apoiaram durante todo meu percurso.

À minha amiga e irmã do coração Carla Salles que costurou memórias comigo e aceitou buscar novos modos de ser-em-grupo.

À minha orientadora Prof^a Alda Romaguera que com sua sensibilidade aguçada, sua sabedoria e escuta me direcionou no caminho da pesquisa, soltou a linha da agulha e acompanhou meu bordar.

Ao grupo Ritmos de Pensamento, que me acolheu ainda antes do mestrado e que hoje faz parte do meu dia a dia, não só da pesquisa, mas da vida.

Aos meus colegas próximos de jornada, Mauro Tanaka e Vanessa Marconato pelas inúmeras trocas e pela companhia nestes anos intensos.

Aos professores da disciplina do mestrado. Ao Prof^o Pedro Goergen pelo percurso de aprendizado, à professora Eliete Jussara Nogueira pelos compartilhamentos e por aceitar fazer parte da banca de qualificação e defesa como professora suplente. À professora Vilma Nista Piccolo por mostrar-se sempre interessada nas pesquisas e nos forçar a sempre refletir. Ao professor Marcos Reigota pela inspiração que promove a minha compreensão como educadora ecologista e por aceitar contribuir com minha banca de qualificação e defesa.

À professora Miriam Carlos pelas contribuições e pelo aceite nas minhas bancas de qualificação e defesa.

Aos meus pais e meus irmãos que são minha base e meu olhar para o horizonte. Em especial, minha mãe Eliane, por me apoiar de forma prática nas idas e vindas com a Helena nos meus dias de disciplina do mestrado e no feitiço das costuras finais.

À minha sogra Suely que também me apoiou nos momentos em que precisei me ausentar e dividiu minhas funções maternas.

Ao meu professor de artes Betu Cury que lançou a semente das artes, meu mestre a quem sempre volto para contar dos meus feitos.

Aos inúmeros voluntários que participaram dos eventos de brincar, em especial às fotógrafas Edilene Ponciano, Isabele Salles, Moira Dalete e os fotógrafos José Alexandre e José Neto por registrarem e participarem da composição imagética deste trabalho.

À Universidade de Sorocaba (UNISO), por abrir as portas para minha pesquisa, à CAPES pela bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias (PROSUC) pelo suporte financeiro.

E, por fim a todos que atravessaram este percurso e contribuíram com partilhas, trocas, suporte e aprendizados.

Muito obrigada!

A ciência cava até a base da realidade objetiva; a arte alça voo no âmbito da imaginação. Se a ciência precisa da arte, é meramente para dar liberdade à mente para divagar, para chegar a ideias novas. Somente quando testada contra os fatos as ideias nascidas da imaginação podem reivindicar a verdade. E se a pesquisa é o estabelecimento de tais reivindicações, então não pode haver pesquisa que não seja científica. Mas se a verdade vai além dos fatos, então a ciência só pode se tornar pesquisa na medida em que estiver disposta a abrir mão da objetividade e seguir o caminho da arte, em uma correspondência mundana que pavimenta o uníssono da imaginação e da experiência, em um mundo ao qual atendemos e que nos atende. Então, seria para a ciência, juntar-se à arte em busca da verdade, com uma forma de saber-sendo, através das práticas da curiosidade e do cuidar. Finalmente, é aí que reside o sentido da pesquisa.
(INGOLD, 2019)

RESUMO

Fios foram soltos, outros bordados, no tempo ralentado do fazer das mãos, esta pesquisa se compôs. Um tempo que compreendeu o processo, que fluiu entre, que abriu espaço para os acontecimentos com/ na/ da pesquisa. A intenção foi investigar os gestos de brincar como potência nos parques da cidade. Diante da realidade múltipla da pesquisadora, mãe, educadora ecologista brincante, perguntas ecoavam, de que diferentes modos o devir criança se manifesta nos encontros de brincar? Sem quintais nem pátios nas escolas, que *espaçostempos* de brincar e de contato com a natureza atravessam o cotidiano infantil? Na tessitura com autores, os conceitos de tempo e espaço foram bordados reforçando os contornos da redução do tempo de brincar livre e a diminuição de espaços naturais de interação das crianças nas grandes cidades. O quintal já não era mais o mesmo, o pátio também, e o tempo para observar o caminhar das formigas era ligeiro frente à rotina das famílias urbanas. Para evidenciar a potência da relação com a natureza e as possibilidades de experiência neste encontro com os espaços naturais, com outras crianças e outras infâncias em devir, esta pesquisa propôs cartografar cinco edições dos eventos Brinca, Sorocaba! Neste caminho, as imagens dos eventos e as narrativas das memórias dos encontros foram entrelaçados pelo conceito de devir criança e, pulsaram os *acontecimentos/sentidos* da narradora personagem que apresentou seu *afectos* e *perceptos* através das palavras pulso que transbordaram dos movimentos do fazer das mãos. A bordadura trouxe o tempo de reflexão, e deste fazer manual nasceu o caderno de memórias bordadas. Pelas lentes da menina que roubava crianças, a pesquisadora, narrou, bordou, cartografou os acontecimentos vividos na pesquisa. Perpassou os conceitos de cotidianos, memória, devir criança e educação menor, e, compreendeu que as crianças resistem ao inventar contatos com a natureza, que os adultos resistem quando acessam suas infâncias se e quando se abrem aos encontros, com eles mesmos, com as crianças, com a natureza. E nestes encontros em devir há liberdade, diversidade, alteridade, comunhão e principalmente a possibilidade de outros modos de ser-em-grupo.

Palavras chave: Cotidianos infantis. Memórias. Devir criança.

ABSTRACT

Threads were loosened, others embroidered, in the slow time of making hands, this research was composed. A time that understood the process, that flowed between, that opened space for events with/in/of the research. The intention was to investigate the gestures of playing as a power in the city's parks. Faced with the multiple reality of the researcher, mother, educator, ecologist, playful questions, echoed, in what different ways does child development manifest itself in play meetings? Without yards or courtyards in schools, what spaces of play, and contact with nature go through children's daily lives? In the context of authors, the concepts of time and space were embroidered, reinforcing the contours of reducing the time of free play and the reduction of natural spaces for children to interact in large cities. The yard was no longer the same and the time to watch the ants walk was light compared to the routine of urban families. In order to highlight the power of the relationship with nature and the possibilities of experience in this encounter with natural spaces, with other children and other children in the process of becoming, this research proposed mapping five editions of the Brinca, Sorocaba! In this way, the images of the events and the narratives of the memories of the meetings were intertwined by the concept of becoming a child and, pulsating the events/meanings of the narrator character who presented his affections and perceptions through the words pulse that overflowed from the movements of making hands. Bordering brought time for reflection, and from this manual making, the notebook of embroidered memories was born. Through the lens of the girl who stole children, the researcher narrated, embroidered, and mapped the events experienced in the research. He went through the concepts of daily life, memory, becoming a child and a smaller education, and understood that children resist by inventing contacts with nature, that adults resist when they access their childhoods if and when they open up to encounters, with themselves, with children, with nature. And in these encounters in becoming, there is freedom, diversity, alterity, communion, and especially the possibility of other ways of being-in-group.

Keywords: Children's daily lives. Memories. Becoming a child.

Guia de pontos do caderno de bordar

Figura 1: Ponto de bordado: Mapa	21
Figura 2: Ponto de Bordados: Horizontes	25
Figura 3: Ponto de bordado: Desenho de infância	29
Figura 4: Ponto de bordado: Contornos do quintal	35
Figura 5: Ponto de bordado: Zigue-zagues	39
Figura 6: Ponto de bordado: (entre)linhas e pespontos	51
Figura 7: Ponto de bordado: multiplicidades	97
Figura 8: Ponto de bordado: Fitas	107
Figura 9: Ponto de bordado: Gotas	113
Figura 10: Ponto de bordado: Ares.....	125
Figura 11: Ponto de bordado: Círculo	129
Figura 12: Ponto de bordado: Emaranhado	135
Figura 13: Ponto de bordado: Asas.....	139
Figura 14: Ponto de bordado: Traços	141
Figura 15: Ponto de bordado: Encontro de linhas	147
Figura 16: Ponto de bordado: Correntes	149
Figura 17: Ponto de bordado: Laço	153
Figura 18: Ponto de bordado: Planos	155
Figura 19: Ponto de bordado: Texturas	157
Figura 20: Ponto de bordado: Cama de gato	159
Figura 21: Ponto de bordado: Foco	163
Figura 22: Ponto de bordado: Bolhas	165
Figura 23: Ponto de bordado: Explosão	169
Figura 24: Ponto de bordado: Múltiplos pontos	173
Figura 25: Ponto de bordado: Experiências	179

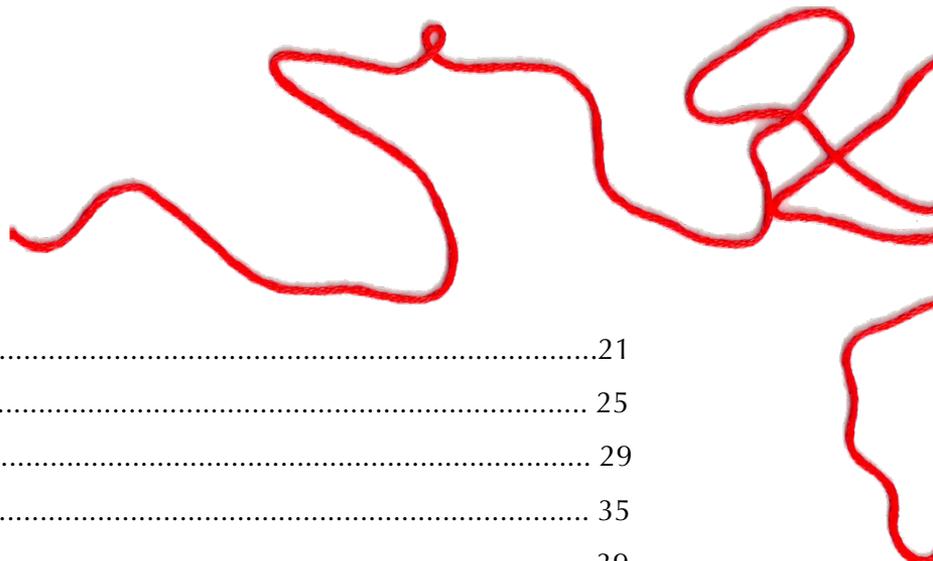
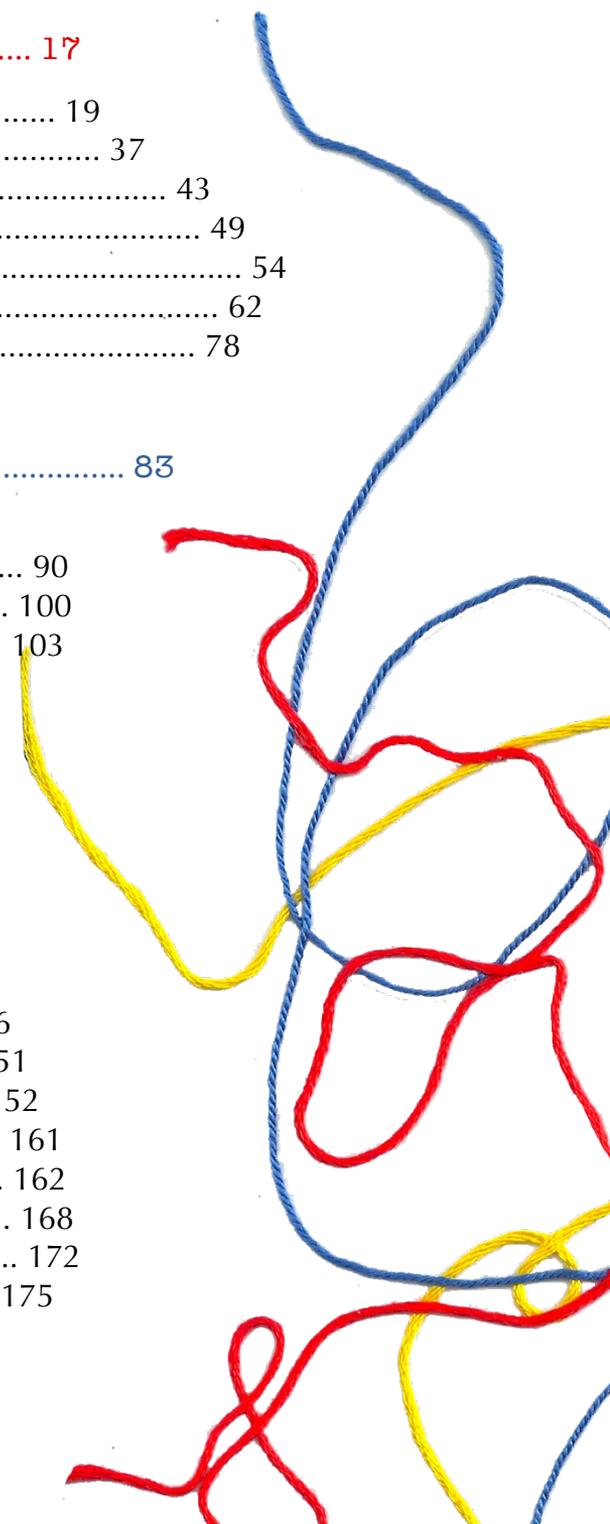


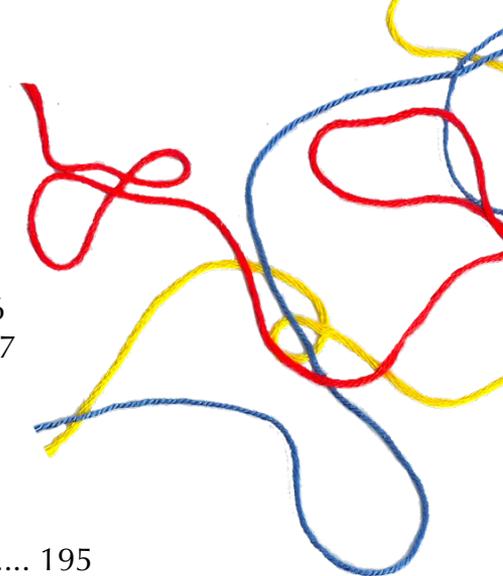
Figura 26: Ponto de bordado: Desfoco	183
Figura 27: Ponto de bordado: Preenchimento	185
Figura 28: Ponto de bordado: Caminhos	201
Figura 29: Costuras	211
Figura 30: Caderno de Memórias	213

Sumário

1. Memórias que fazem bem lembrar.....	17
A menina que roubava crianças.....	19
Devir mãe	37
A bisbilhoteira das infâncias	43
A educadora ecologista	49
Alinhavando a pesquisa	54
A aprendiz pesquisadora	62
Referências	78
2. Cartografia dos pontos	83
Súplica do tempo	86
O caderno de bordar	90
Afinal, o que é memória? Matéria da experiência?.....	100
O decalque do bordado	103
Territórios de experiência	109
A aprendiz cartógrafa	112
Referências	117
3. Bordando cotidianos	121
Liberdade, corpo, intensidade	127
Curiosidade, atenção, ritmo	144
(Com)tato	146
Enlace	151
Toque, cuidado.....	152
Sorrisos	161
(Com)partilhar	162
Conexões	168
Encantamento	172
Multiplicidades	175

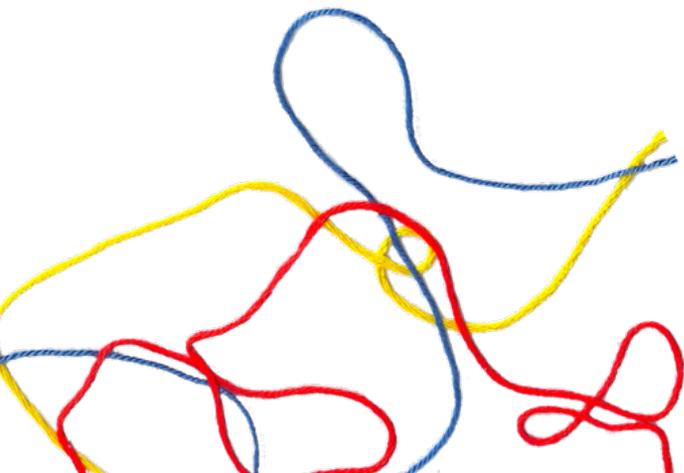


Ser-em-grupo	176
Fraternus	177
(Des)compasso	187
Referências	188
4.(Des) encontros	191
(Im)possibilidades	195
Referências	198
5.Debordar.....	199
Referências	207
Anexos.....	209
O Artefato	209
Autorizações	213



MEMÓRIAS QUE FAZEM BEM LEMBRAR

*A criança que eu fui um dia mora
Dentro desse adulto que eu me tornei
Na mesma gaveta onde eu guardo os
" Para de sonhar, leva a vida a sério "*
*E ela representa tudo o que eu quis ser um dia
Mas, parei de sonhar e levei a vida a sério
Sim!! Exatamente como me disseram pra fazer
Mas ao contrário de mim, ela nunca desiste
Ela insiste em me fazer sorrir*
*Essa criança não marcou hora na minha agenda lotada de desculpas
Não pediu licença, simplesmente abriu a porta e veio me visitar
E como quem fala
Ei! Você não tá mais de castigo
Ela me olhou e disse a coisa mais séria que eu já ouvi
Você quer brincar comigo?*
(CASTRO, 2017)



Como na poesia de Alan Castro, a criança que fui um dia, também veio me visitar. Ela me tirou da rotina, me bagunçou, me chamou para brincar. Fez-me refletir sobre quem sou, quem era, quem seria, quem ser(ia) e me pediu para res(pirar), para voltar a sonhar. Ela me chamou ao vento, fez-me sentir a brisa, e a fez habitar-me. Ela me fez olhar para minha infância, mas também me fez ver as infâncias. Da minha filha, das crianças ao meu redor, as crianças de perto, as crianças de longe, as crianças na cidade. Fez-me enxergar os muros, as ausências, os isolamentos e pediu: vem brincar! Eu ouvi o convite, e resolvi brincar, mas antes de contar como foi essa guinada que me permitiu chegar ao hoje, retomo as memórias que fazem bem lembrar dessa criança que sempre teve por perto outras crianças.

Escolho a narrativa, em terceira pessoa, para trazer este olhar um tanto distante, curioso e ao mesmo tempo receoso de alguém que vasculha sem saber ao certo o que vai encontrar. Distancio-me num processo reflexivo para ser lida e (in)compreendida por mim e pelos outros como nos diz Bárbara Prado e Marcos Reigota (2008). Narro o que por muito tempo foi esquecido: minha infância, minha relação com a natureza e com as crianças. Estes pequenos relatos, “restos” das minhas memórias como diria Nilda Alves (2000), trazem à tona gestos que compõem minha história de vida, minha construção de identidade, de cultura e de expressão política, conforme Prado, Reigota (2008). Ao rememorar estes momentos, não só registro unidades cronológicas, pontos da minha biografia, mas ponho em prática, nestas idas e vindas de se fazer lembrar, o que Michel de Certeau nomeia “uma arte de fazer pensar”. (2012, p.156)

Esta arte efervesceu não só as minhas memórias, mas acendeu as linhas entrelaçadas do contexto social ao qual eu fui exposta na infância e que hoje reverberam novamente em meu devir infante. Atravessada pelo livro Educação Ambiental: utopia e práxis (PRADO, REIGOTA 2008) compreendo a função social e política de adentrar na intimidade para tirar dela as experiências vividas em relação e percebo o quanto estes encontros afloram e confirmam minha posição hoje como educadora brincante, numa perspectiva ecologista, como evidenciam Prado e Reigota (2008):

As bio:grafias enfatizam a cultura entendida como produção de ideias, sentimentos e experiências. Expressam a diversidade e a ecologia como uma proposta política e opção existencial que tem nas relações sociais, na subjetividade e nas diversas interpretações do que seja meio ambiente e seus principais fundamentos (idem, p.130).

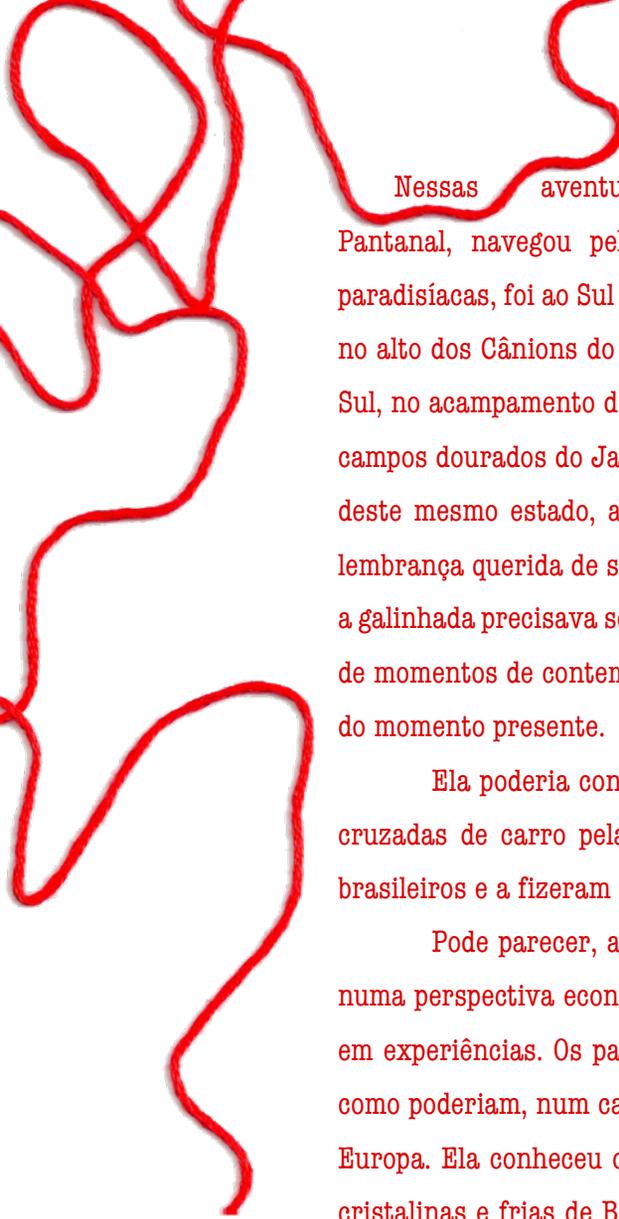
Já havia lido e ouvido sobre o conceito de Bio:grafia (PRADO, REIGOTA, 2008) algumas vezes, mas foi a leitura por completo do livro anteriormente citado, que mediou o entendimento amplo da concepção social imbricada neste processo de narrar-se. Para compor com minha Bio:grafia, proponho costurar um caderno de bordar para auscultar as narrativas que pulsam nesta *escritamemória*. Submersa nas palavras de Certeau (2012) “Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte” (idem, p.140). Bordo para realçar palavras, atravessamentos e pulsos. Bordo para colorir e sublinhar a beleza das histórias que fazem parte do percurso desta pesquisa. Bordo para desbordar os encontros e os desencontros nos eventos de brincar que proponho observar. Bordo para ralentar os processos de reflexão e escrita e transbordar aprendizados neste costurar.

Abro então, a primeira página deste caderno de memórias, e convido os leitores “Senta, que lá vem história”, buscando nas referências infantis, de um quadro do programa Castelo Ra Tim Bum (TV CULTURA, 1994), este momento de atenção brincante e aberto à curiosidade.

A menina que roubava crianças

Tabta gostava de brincar.¹ De boneca, de casinha, de vestido com lençóis, de esportes radicais. Gostava quando seu pai propunha bagunça nas noites em que ficava sozinho em casa com ela e seus irmãos, enquanto sua mãe estudava pedagogia no curso de graduação noturno. Gostava de subir em árvores, brincar de “lutinhas”, e principalmente amava viajar apertada no carro com seus dois irmãos no banco de trás, para qualquer lugar deste Brasil afora nas férias da família.

¹ A fonte American Typewriter colorida e recuada indica os textos nos quais produzo narrativas em terceira pessoa.



Nessas aventuras, pôde conhecer parques nacionais, chapadas, e muitas reservas ambientais; foi para o Pantanal, navegou pelo rio Parnaíba quase no Maranhão, atravessou estradas vazias, conheceu praias paradisíacas, foi ao Sul e quase ao Norte. No parque das Sete Cidades no Piauí, viu inscrições de povos originários, no alto dos Cânions do Sul avistou o horizonte e ao fundo o mar dos grandes paredões de Torres. Sentiu frio no Sul, no acampamento dos pampas e muito calor no Tocantins. Experimentou o ar seco de Brasília, contemplou os campos dourados do Jalapão, passou na Estrada Verde da Bahia antes de ser construída, foi à Imbassaí no Norte deste mesmo estado, antes da invasão imobiliária. Vivenciou muitas histórias em estradas de terra, e tem a lembrança querida de sentar-se na praça central de Tatajuba/Ceará e esperar o almoço ser morto e cozido, afinal a galinhada precisava ser encomendada ainda na chegada ao lugar. Este convite do tempo ralentado traz memórias de momentos de contemplação ao lado de seus pais, que sempre que podiam, ensinavam as suas crianças o sabor do momento presente.

Ela poderia contar inúmeras histórias, mas o que cabe aqui, é dizer o quanto a experiência familiar das cruzadas de carro pelas estradas deste Brasil, trouxeram a ela a intimidade com os Brasis, com os biomas brasileiros e a fizeram amar as belezas deste imenso país.

Pode parecer, ao descrever tantas viagens, que essa família era abastada. De certa forma sim, mas não numa perspectiva econômica. Era rica em saber o valor da simplicidade de investir não em bens ou coisas, mas em experiências. Os pais dessa menina, optaram desde o começo por apresentar aos filhos, o mundo, da forma como poderiam, num carro, numa barraca, num Brasil. Ela não saiu para fora, não foi à Disney, nem conheceu a Europa. Ela conheceu os Pampas, a Caatinga, a Mata Atlântica, o Cerrado. Mergulhou com os peixes, em águas cristalinas e frias de Bonito, e em águas mornas nas grutas da Chapada Diamantina. Dormiu juntinho apertado para não sentir frio, dormiu na rede no Pantanal. Experimentou bode no interior de Pernambuco e não gostou, comeu carne de sol com macaxeira e se esbaldou. Comeu tapioca, antes de virar moda no Sudeste, e ainda prefere muita farinha a qualquer comida internacional contemporânea.

Seu lugar preferido no mundo, agora que conhece além das fronteiras, ainda é a Janela do Céu em Ibitipoca, Minas Gerais. Um parque estadual, que guarda belezas naturais e muitas memórias destes momentos de encontro familiar e que, para ela, sempre será um lugar que cheira canela e tem gosto de amora silvestre.



Figura 1 – Ponto de bordado: Mapa

Fonte: Elaboração própria, fotos da autora.

Faço uma pausa nesta viagem, para contar os afetos que as memórias postas neste deslocamento em terceira pessoa provocaram frente à escrita desta narradora-personagem, que transita num movimento dentro e fora da sua história, para entender a trama tecida desde a infância até os dias de hoje.

Interessante perceber que quando comecei a narrar as memórias desta personagem, apeguei-me ao ponto da trama que a aproximava das crianças, porque achava que este era o ponto que “importava” e quase esqueci de contar as experiências de viagem que, ao observar em outra perspectiva, mostram, o quanto todas essas aventuras explicitam as minhas motivações, como evidencia Schomer:

As lembranças que todos têm de onde vieram, moldam seu sentido do “eu” e, dessa forma, afetam as maneiras como constroem suas vidas. Ademais, as histórias de vida são “narrativas exploratórias” que desempenham papel crucial na vida cotidiana. Na verdade, as histórias podem ser usadas para explicitar as diferentes motivações e trajetórias de vida, mas também como evidência do processo de auto avaliação implícito na narrativa auto- biográfica (Schomer, 2006, p.103 apud PRADO, REIGOTA 2008, p. 125).

Quando iniciei minha narrativa exploratória, não imaginava que tantas efervescências aconteceriam ao recontar esta história. Abro, pois, mais espaço, para a reflexão de um cotidiano ordinário e nômade, da família que nos meses de julho, nos feriados e quando podia, vivia a aventura de ser de qualquer lugar. Sem saber onde iria dormir, onde seria o próximo ponto e quem seriam as pessoas que conheceriam.

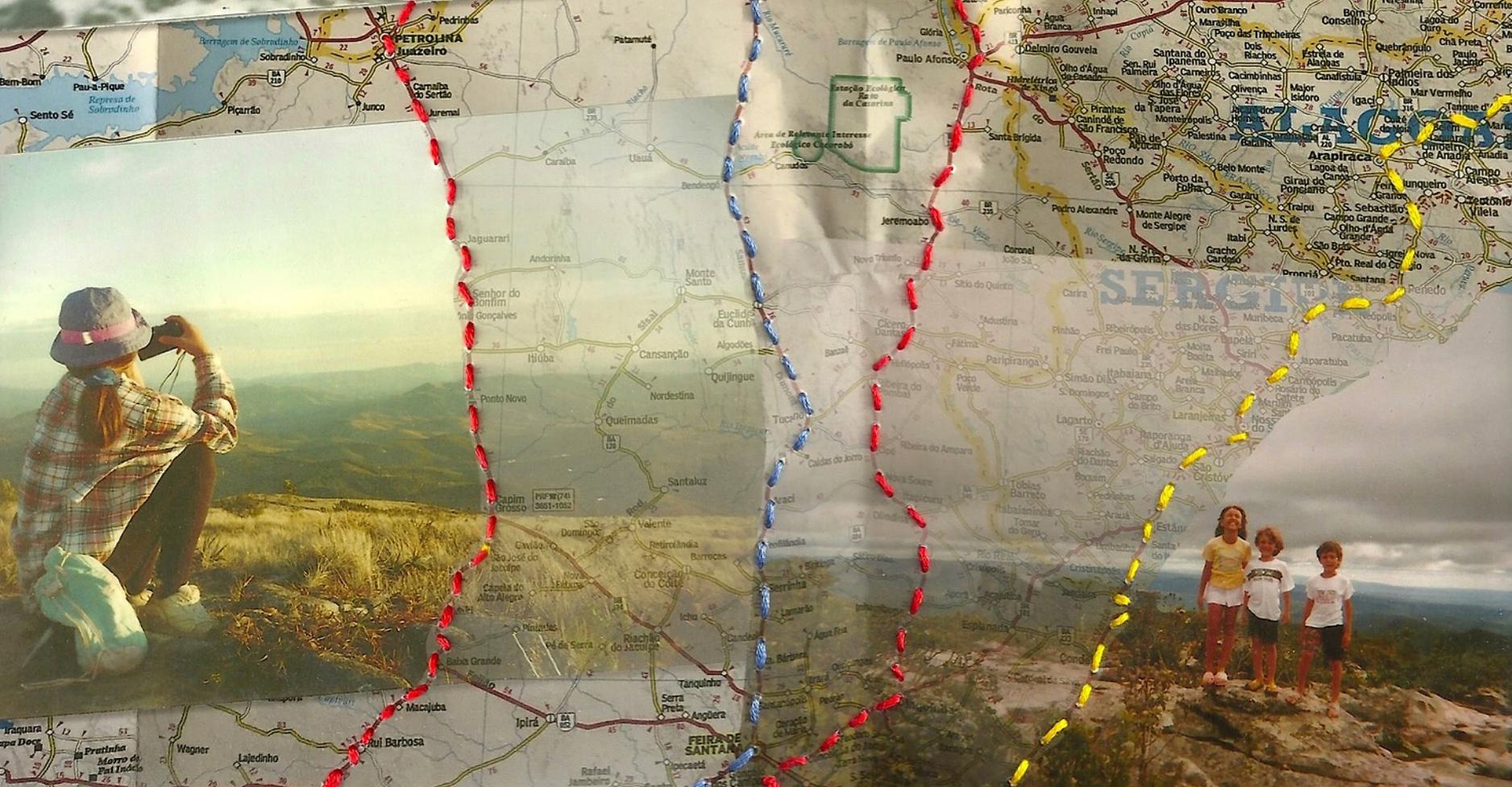
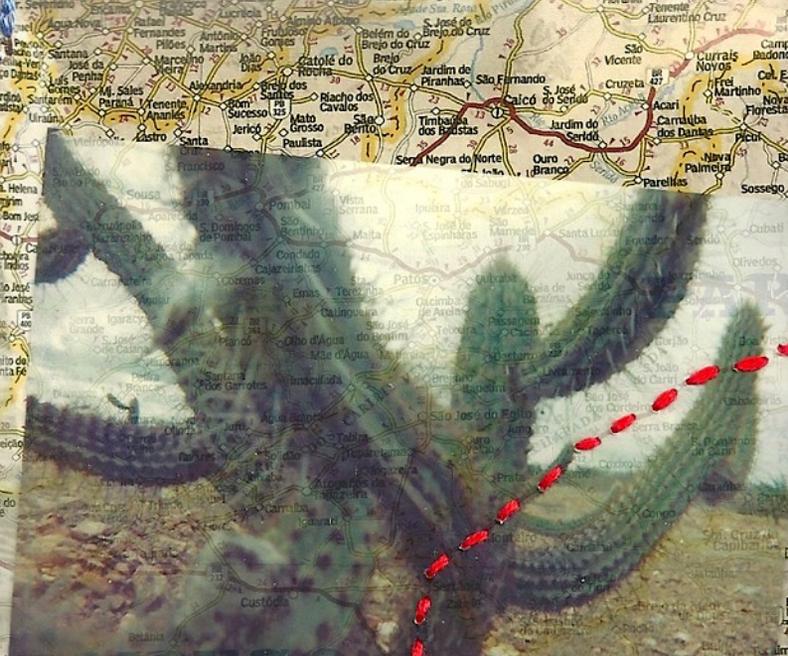
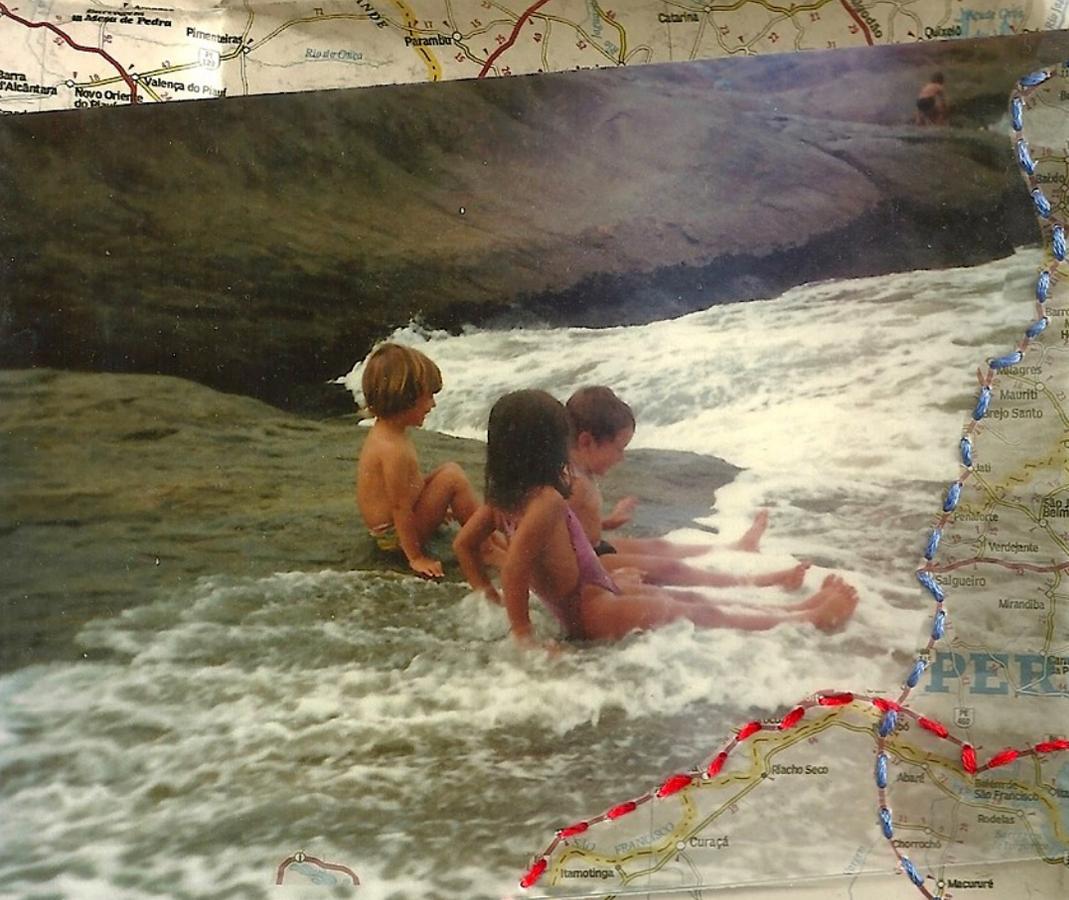
Neste percurso auto avaliativo observei que como percepção identitária me colocava na posição de comum, não era a mais inteligente da turma, mas buscava ser, também não era a rebelde, respeitava as ordens e de certa forma, caminhava sempre na linha. Não era nem rica, nem pobre, tive uma infância “normal”, pois para mim até então, esta normalidade não parecia trazer nenhuma novidade. Mas ao ser atravessada por algumas leituras dos autores já citados: Certeau (1994), Prado (2008), Reigota (2008), e Alves (2000) pude compreender o quanto este ordinário, este cotidiano vivido (re)produz velhos e novos aprendizados. Cria assim fluxos, como Alves e Ferraço (2018) colocam, ao “pensar o cotidiano sempre no plural, como fluxos, com redes em permanentes tessituras de

devir, fluidas e abertas ao acaso, impossíveis de serem contidas ou representadas em suas potências e complexidades” (p.56), e podemos transver muitas e outras possibilidades.

Nesta fluidez e certa de que ao contar a minha história, não somente revelo, para mim, fatos relevantes que me fizeram ser quem sou, mas absorvo as palavras de Prado e Reigota (2008) que afirmam o quanto é importante enfatizar o potencial pedagógico e político de dar visibilidade às práxis cotidianas tanto para a elaboração de políticas públicas quanto de processos de formação de profissionais. Mergulho na canção de Milton Nascimento (1981), e “longe do meu lugar”, torno-me “eu, caçadora de mim”. Olhando de outros pontos de vista, aprecio o que Certeau (1994) nomeia, “paisagem”, e avisto do alto “a miniatura de um quebra-cabeça onde faltam muitas peças.” (CERTEAU,1994, p.38) Sendo assim, cada vez que vasculho entre as peças encontro mais um pedacinho importante da minha trajetória.

Parecia que já havia narrado o suficiente sobre as viagens, pois colhi destes fatos, importantes atravessamentos sobre minha relação com a natureza e com este país. Mas este deslocamento de escrita, posto na perspectiva da Bio:grafia (PRADO, REIGOTA, 2008), revelou outros pontos, outras peças que precisavam ser encaixadas no quebra-cabeças da minha história. Assumo então, como Prado (2004) descreve, um “olhar viajante”. Um olhar que foi moldado, não apenas com esta pesquisa e os aprendizados adultos, mas que foi lentamente esculpido desde a infância desta pesquisadora. Ao refletir sobre estas memórias percebo o quanto as viagens me ensinaram a ter uma atenção ao cotidiano, uma abertura ao acontecimento, como assim descreve o autor:

Assumindo o olhar viajante, que faz seu caminho ao caminhar e que faz de cada momento uma nova descoberta. Cenas do cotidiano que a um olhar desatento poderiam ser corriqueiras e por isso desprovidas de valor, ganham luz e pessoas comuns ganham voz; através das narrativas saltam do seu meio para serem reconhecidas e compreendidas em um contexto ampliado (PRADO, p. 87 apud, PRADO, REIGOTA 2008, p.24).



PERNAMBUCO

SERGIPE

FEIRA SANTANA

PETROLINA Juazeiro

ARAPIRACA

PARAÍPO

Estação Ecológica da Caturité

Pratânia

Wagner

Lajedinho

Rui Barbosa

Ipirá

Macajuba

Baía Grande

Capim Grosso

Queimadas

Santaluz



Figura 2 – Ponto de Bordados: Horizontes

Fonte: Elaboração própria, fotos da autora.

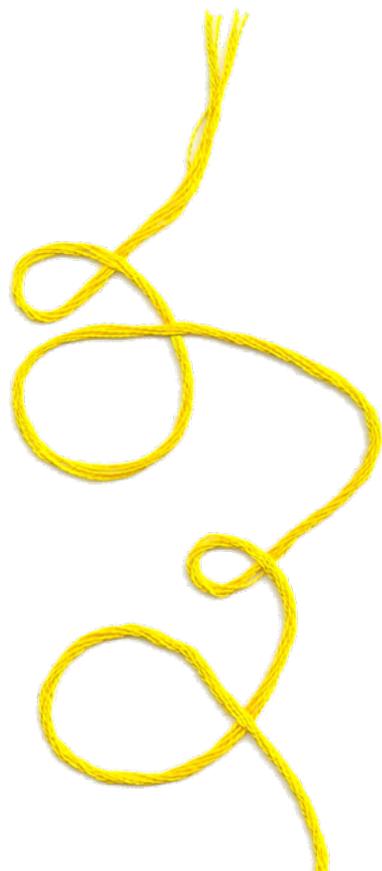
Reconheço hoje, não só a minha história, mas as dobras destas experiências e me animo a desfiar outros contos ordinários desta família que tinha rodinha nos pés.

Era julho de 1994, a família viajava pelo Nordeste do Brasil. A proposta era percorrer a BR101 e adentrar nas praias da Paraíba, Pernambuco e Alagoas, todas sem posto certo para parar. Com um mapa na mão, as crianças no banco de trás, brigavam pelo posto de navegador. Olhavam curiosas para as estradas e seus veios, o que será que havia naquelas cidades de nomes estranhos? Paripueira, Cabedelo, Pitimbu, numa dessas cidades se perderam na noite em que o Brasil se consagrou tetracampeão da Copa do Mundo, em 1994. Enquanto todos estavam recolhidos às suas televisões, ansiosos pelo momento do grande grito. Os pais daquelas crianças, estavam alertas pois já era hora de se recolher, buscar um espaço para dormir e rodavam sem sucesso, já noite, sem encontrar uma pousada, um camping ou algo que pudesse os abrigar.

Aflitos e administrando conflitos entre eles, mãe e pai não deixavam evidenciar a tensão e usavam a locução do rádio, a agitação dos pênaltis, como estratégia para manter a calma no ambiente do carro. Foi no grito de “é tetra”, enquanto ouviam estarecidos a celebração naquela pequena cidade, que o pai ao conversar com algumas pessoas num bar, encontrou uma casa para alugar e dormir nesta noite inusitada. A mãe percebendo a situação da casa, os morcegos circulando, sugeriu a montagem da barraca, em plena sala, e com isso mais um ingrediente foi acrescentado, para que esta noite fosse memorável. Para a menina, foi a melhor copa de todos os tempos, e ouvir pelo rádio trouxe a ela uma experiência única, sensorial. Ela lembra, bem mais deste dia, do que de muitas outras copas.

Outros fatos históricos perpassaram essas viagens, um deles: a implementação do Plano Real, em julho, de 1995. Este fato, foi cenário da passagem da família pelo interior do Nordeste. Entre Juazeiro e Petrolina as duas moedas se confundiam, na lembrança daquelas crianças, uma troca monetária era marcante: só era preciso uma nota de um real para comprar a novidade infantil: o Kinder Ovo. E sempre que podiam, pediam para fazer este câmbio, a nova nota verde versus o chocolate com surpresa.

Também é lembrança das passagens na divisa entre a Bahia e Pernambuco, o hotel “chique”, que mesmo com as constantes reclamações do pai que dizia: “a diária de cinquenta reais é muito cara”. Mesmo assim, era o



escolhido para acolher a família com três crianças. Dormir num quarto grande com muitas camas e ar condicionado era um luxo que poucas vezes eles tiveram em suas andanças por aí. A estátua de Padre Cícero e a ponte do Rio São Francisco ficavam menores frente as brincadeiras infantis neste quarto especial.

A minha família, como podemos ver nestas narrativas, percorreu muitos espaços. Para além da geografia, as viagens ensinaram àquela menina, que o cotidiano vivido podia ampliar o que se aprende nas escolas. A menina vivia a paisagem da caatinga enquanto estudava geografia; observava os movimentos de ocupação urbana e o crescimento da exploração turística nas cidades onde antes não havia nada. Ao visitar e revisitar os diferentes espaços, percebeu as mudanças in loco e não apenas pelos livros.

Retomo o plano em primeira pessoa, para adentrar mais profundamente nas questões *prácticateoriaprática* com Alves (2003) e mergulho numa escrita que assume a junção de palavras para descosturar marcas do meu processo escolar. Como a autora esclarece neste trecho:

Tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’ mas opondo-se entre si (ALVES, 2003, p.2).

Percebo que este modo hegemônico de pensar está tão enraizado no meu processo de escolarização que foi necessário aprofundar minha bio:grafia para perceber estas cicatrizes na/da/com a minha história. Revisitando cada momento, percebi conceitos que por vezes me foram apresentados durante as disciplinas e orientações do mestrado em educação e que, de certa forma, ainda não estavam internalizados em mim. Aprender com/ nos/ dos cotidianos (ALVES, 2003) é perceber a vida, é entender este constante fluxo de aprendizado que não tem hora, nem lugar para acontecer. É abraçar as oportunidades e contemplar o horizonte. Quando criança, isto foi possível para mim, por isso reflito no quanto estas vivências infantis impactaram a construção da pessoa que hoje sou. A criança que fui, aprendeu a olhar e realmente avistou o horizonte em muitos formatos, seja enquanto subia os montes nas muitas trilhas pelas quais passou, seja nas praias desertas que teve o privilégio de desbravar, ela viu muitos horizontes e aprendeu a



Figura 3: Ponto de bordado: Desenho de infância

Fonte: Elaboração própria, fotos da autora.

enxergar além. Este foi o meu cotidiano vivido, assumido aqui não apenas por metáfora ou licença poética, mas como experiência de uma família que não didatizava o olhar e que permitia que todos tivessem a liberdade e o prazer de desfrutar do cotidiano oferecido nestes momentos.

Para produzir um relevo de bordado neste ponto, trago as palavras de Freire (1989) apresentadas na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, onde narrou suas memórias de infâncias para adentrar o conceito de leitura do mundo:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores (FREIRE, 1989, p.9).

Neste fragmento de texto, o autor não só apresenta o ato de ler o mundo, mas também coloca a importância de seus pais neste processo, como discorre no texto a seguir:

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra (FREIRE, 1989, p.10).

Destaco o papel da minha mãe nesta “ajuda”, por conhecer cada um de seus filhos de forma sensível e não padronizar os caminhos da educação para as três crianças.



Eliane apresentou e orientou diferentes possibilidades de trajetórias educacionais, dentro do limite financeiro da família. A menina mais velha, era curiosa e um tanto precoce, percebendo sua vontade de aprender as letras e conhecer as palavras, a mãe permitiu que ela ingressasse no primeiro ano, sem concluir o “Pré II” da educação infantil². Naquele tempo, a família podia decidir esta questão, e a menina ingressou no primeiro ano com 6 anos já completos. Quando Eliane, não conseguiu uma vaga na escola municipal que acreditava ter qualidade, próxima a sua casa, buscou alternativas na educação privada.

A primeira escola não atendeu suas expectativas. Eliane estagiou nesta instituição, no mesmo período em que sua filha estudava o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental, logo percebeu um desalinhamento entre discurso e prática e decidiu mudar a menina de escola. Prontamente buscou outra vez a alternativa pública e não conseguindo, foi encontrar numa escola do outro lado da cidade, na verdade em outra cidade, em Votorantim, uma proposta que acreditava acolher sua criança curiosa.

As palavras de Benjamin (1987b) me inspiram a “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987b, p.198). Hoje, sendo mãe e passando por este mesmo momento de escolhas e busca por escolas, percebo o quanto esta decisão pesou sobre a rotina da família. O deslocamento diário de 20km, entre idas e vindas à Votorantim, não foi uma escolha comum, foi entrelaçada por uma decisão política e pedagógica. Só consigo tomar consciência deste fato, a partir deste exercício narrativo.

Além das escolhas para a menina, a mãe conseguiu, em suas buscas pedagógicas, uma opção lúdica e recheada de experiências para os dois filhos menores, que tinham um ano e meio de diferença entre eles e, por isso, partilhavam mais intensamente suas atividades. Também em Votorantim, ela conseguiu duas vagas na educação

² Atualmente a portaria do MEC, estabelece os seguintes parâmetros para entrada no Ensino Fundamental, já não mais 7 anos completos como os da década de 80, mas “seis anos completos ou a completar até 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula”(CNE/CEB 2/2018) Disponível em : http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98311-rceb002-18&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20%C3%89%20obrigat%C3%B3ria%20a,e%20das%20normas%20nacionais%20vigentes. Acesso em 26 de out 2020.

infantil do SESI, que tinha na época uma estrutura com inúmeras possibilidades, muitos parques, ginásios, lagos, piscinas, tudo sendo disponibilizado para que as crianças pudessem explorar.

Com isso, o carro saía bem cedo todas as manhãs de segunda a sexta, para levar as crianças. Vez ou outra houve a necessidade de fazer o caminho de ônibus. O percurso que levava 25 minutos em média, passava para uma jornada de uma hora e meia pelo menos e mais de três trocas de ônibus. Pequenas viagens que poderiam pulsar mais histórias da família com rodinhas nos pés.

Com o passar dos anos, seus filhos começaram a apresentar suas peculiaridades frente ao processo de educação regular. Tabta era a garota “aplicada”, sempre com boas notas, competia com os colegas para ser a melhor, mas sempre ficava às margens do conteúdo aplicado por seus professores, Thiago, o filho do meio, era disperso, desde a educação fundamental olhava as minúcias da sala de aula, viajava por outros mundos e apenas o que lhe interessava fixava sua atenção, por outro lado, avançava nos conteúdos extra classe, aprendia o que quisesse, de forma intuitiva e autodidata. Timóteo, o filho caçula, mesclava um pouco dos dois, era estudioso em sala de aula e curioso fora dela. Tabta gostava das artes cênicas, da música, sempre que podia estava nos palcos a se apresentar. Thiago era mais na dele, astuto, gostava do universo japonês, de mecânica e se perdia observando as formigas, Timóteo também gostava de mecânica, e fixava impressionantemente todas as informações que lia, até hoje é uma biblioteca ambulante, o tema que lhe perguntarem, certamente ele desenvolverá compartilhando seus dados a quem interessar.

Com crianças tão diferentes, seria possível estarem dentro da mesma estrutura pedagógica? A mãe sensivelmente percebeu, e dentro de suas possibilidades foi apresentando caminhos. Ela não encontrou por exemplo, uma escola que acolhesse seu filho do meio, que desenvolvesse seu lado curioso, e o instigasse. Percebendo sua dificuldade de adaptação a sala de aula com carteiras e horários, procurou a escola mais “flexível” para que ele pudesse concluir o ensino médio, Timóteo conseguiu uma vaga no ensino médio técnico, bastante concorrido na cidade. E Tabta seguiu na escola particular, com o sonho de estudar numa universidade pública.

Na companhia destas reflexões, e com as palavras de Freire (1989) “neste esforço de “re-ler” momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática” (idem,p.3), apresento um pouco mais do cotidiano da menina que percorria a cidade para estudar e observava tudo ao seu redor.

O quintal da menina, era uma extensão das suas aventuras, tinha horta, árvores frutíferas, galinheiro e por um tempo até patinhos. Era um quintal digno de Manoel de Barros (2015), aquele que tinha mesmo suas medidas medianas, mas que parecia maior que a cidade.

Ela também circulava pela cidade, caminhava para ir à igreja, andava de moto para fazer aulas de balé na oficina Grande Otelo, fazia visitas ao Zoológico da cidade, e se lembra com carinho do parquinho na clareira do Parque Chico Mendes. Sua memória não lhe mostra exatamente como era este parquinho, mas toda vez que retorna àquele espaço, fica curiosa para saber: por que não há mais aquele parque na clareira? Neste parque essa menina relembra momentos importantes de conexão não só com a natureza, mas de atravessamentos com a natureza. Foi lá que ela participou do seu primeiro concurso de poesia, foi lá que ela chorou ao perceber que as plantas morriam, e não de morte morrida, mas de morta matada... foi lá que ela teve momentos marcantes de reflexões com a natureza.

Faço apenas uma pausa para reforçar este ponto de ligação com o lugar, chamado Parque Chico Mendes, pois ainda reviveremos muitas histórias da pesquisa neste *espaçofloresta*. Deixo este lembrete e continuo a narrativa...

Fora de seu quintal, Tabta poderia ser encontrada sempre em volta de crianças. Quando pequena, adorava pegar nas mãos dos menores como apoio para que aprendessem a andar. Conforme foi crescendo se candidatava a carregar todos os bebês que passassem pelo seu caminho. Por isso, recebeu como apelido, “a menina que

ACHADOUROS

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.

Manoel de Barros (2015)



Figura 4: Ponto de bordado: Contornos do quintal

Fonte: Elaboração própria, composição com Poesia Achadouros (BARROS, 2015).

roubava crianças”. Sempre que possível, lá estava ela a carregar os bebês. Dava aulas para os pequenos nas comunidades que participava. Poderia ter sido babá, professora, enfermeira, amava estar com as crianças.

Um dia, um professor lhe apresentou o que viria a ser outra paixão: a arte. Por anos as aulas de artes foram as suas preferidas, daí veio o interesse por design e, no fim do ensino médio ela ingressou no curso de Desenho Industrial com habilitação em Projeto de Produto e por um tempo chegou a esquecer as crianças.

Já na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em meio a tantas aulas de desenhos e projetos, não é que ela encontrou uma professora que a encaminhou para um trabalho com crianças? Era uma pesquisa científica: O Processo de Formação de Imagem e o Acesso ao Aprendizado no Ensino Fundamental (2002)³. De novo, lá estava ela às voltas com as infâncias. Passava tardes numa ONG, numa pesquisa participante, dando aulas de reforço escolar para alunos do ensino fundamental. Neste mesmo período, deu outras oficinas para crianças e, ao vasculhar nos seus baús, reencontrou registros destes momentos que a fazem bem lembrar.

Passou o tempo, a menina terminou o curso, ingressou no mercado de trabalho, e se esqueceu deste cordão colorido que sempre costurava histórias faceiras e leves com as infâncias.

Passou a trabalhar no mercado de moda, a criar coleções em escala, a visitar outros países, conceber estratégias que pudessem fomentar a venda, quase não tinha tempo para outra coisa que não fosse o trabalho, o mercado, o consumidor. Estava levando a vida a sério, como bem conta a poesia da epígrafe: “parei de sonhar e levei a vida a sério, Sim!! Exatamente como me disseram pra fazer (CASTRO, 2017).

Devir mãe

Foi preciso um acontecimento, para que este cordão esquecido, atravessasse o meu caminho de menina-mulher e me fizesse tecer um novo capítulo para a minha história. Ao entender que a palavra acontecimento transborda outras camadas, escolho o texto de Alda Romaguera e Alik Wunder (2006) para produzir um vai e vem na agulha e refletir sobre este tema:

³ Atividade de iniciação científica realizada no ano de 2002, com orientação da Prof.^a Dr^a Cláudia Ota Suginohara

O acontecimento não é um fato ocorrido, mas um contínuo deslize da linguagem por aquilo que não se pode dizer, em palavras, em imagens. Aquilo que não se pode dizer, pois não é permitido pelos controles da linguagem e contratos sociais e culturais, aquilo que foi silenciado, que resta como um grito, não é representável. (ROMAGUERA, WUNDER, 2006, p.134)

A experiência de tornar-se mãe era um deslize contínuo, a foto deste momento não era somente uma representação do nascer de uma mãe e de um filho, era o acontecimento representado pelo grito da mãe e do filho no momento de seus nascimentos que deslizavam pouco a pouco silenciados por uma sociedade que não acolhia nem um, nem outro e que impor(ia), depois de quatro ou seis meses, um afastamento de seus corpos, quando ainda não estavam prontos para isso.

Nestes fluxos incertos, sendo apresentada aos desafios de ser mãe, de suprimir a vontade em função da pequena vida que surgia, de não saber se o que estava fazendo era certo ou errado e de abdicar de seus tempos, inclusive biológicos, como o de dormir, descobri-me num movimento de vir a ser. A maternidade não só me conectou com minha filha, como resgatou minhas memórias atra(ver)ssadas com as infâncias. Foi como se alguém me chamasse, como nas palavras da poesia do início: “me olhou e disse a coisa mais séria que eu já ouvi: Você quer brincar comigo?” (CASTRO, 2017). Eu já não era mais a mesma criança que amava estar com outras crianças, também não era somente uma profissional de design, nem profissional do varejo, estilista, coordenadora de moda, ou de vendas; e não mais poderia ser definida pelo rótulo de mãe, mulher e esposa somente. Eu era muitos e novos modos de existir. “O modo não é uma existência, mas uma maneira de fazer existir um ser em um determinado plano. É um gesto” (LAPOUJADE, 2017, p.15). Retomei a potência de meus gestos, agora, de forma intencional, presente e sincera. Consegui compreender, que este acontecimento provocou em mim uma “guinada do ponto de vista, isto é, uma brusca transformação no plano de existência”. (LAPOUJADE, 2017, p.65). E me fez entender que eu não era uma única identidade, mas poderia ser todas estas formas de existir.

**CERTIFICADO
INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Certificamos que **Tabta Rosa de Oliveira**, aluna do Curso de Design Industrial da FAAC – UNESP, desenvolveu atividades de Iniciação Científica durante o ano de 2002, participando do projeto de pesquisa intitulado **Processo de Formação de Imagens e o Acesso ao Aprendizado de Arte ao Ensino Fundamental**.

A pesquisa desenvolveu-se através de estudos de textos, debates e atividades de natureza prática junto às crianças carentes da ONG – Pequenos Obreiros de Curuçá – POC, mais precisamente **utilizando a atividade da imaginação como ponte para o processo de desenvolvimento cognitivo das crianças entre as primeira e quinta séries do primeiro grau**.

Para divulgar os resultados obtidos, a aluna redigiu um artigo a ser divulgado no Congresso de Iniciação Científica da UNESP em 2003.

Bauru, 07 de Agosto de 2003.


Prof. Dra. Claudia Ota Suginoara
FAAC- Desenho Industrial



JUN 07



ESTADO DA CULTURA
DE FORMAÇÃO CULTURAL

Oficinas Culturais

Certificamos que **Tabta Rosa de Oliveira** coordenou a Oficina de “Teatro de Fantoques”, realizada pela Oficina Cultural Regional “Glauco Pinto de Moraes” em parceria com o Departamento de Formação Cultural, no período de 07/08/04 à 28/08/04 perfazendo um total de 20 horas aula.

Bauru, 14 de Outubro de 2004.


Marcelo Graziani
Coordenador da Oficina Cultural Regional “Glauco Pinto de Moraes”



Figura 5: Ponto de bordado: Zigue-zagues

Fonte: Elaboração própria

Diante do entendimento destas multiplicidades trago as palavras de Deleuze e Guattari (2000, p.15) para explicitar os desdobramentos desta apropriação de muitos planos de existência. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade).” Esta minha natureza múltipla compreendida no processo de maternagem, me desterritorializou e me apresentou outras possibilidades, linhas de fuga para uma nova realidade.

A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistências ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.16).

Para caminhar nestes conceitos, e apresentar estas rotas de fuga, trago a imagem do mapa, importante elemento das brincadeiras infantis nas viagens de família, que agora incorporo dentro da perspectiva dos autores citados que o apresentam no princípio de cartografia e de decalcomania (DELEUZE, GUATTARI, 2000):

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos (...)Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (idem, p.21).

Meu mapa estava aberto, já havia sido rasgado, revertido e este era o meu momento de adaptação a uma nova composição de vida, uma composição em fluxos, com entradas e saídas, possibilidades e caminhos ainda não vividos. O encontro com minha filha foi como o convite da epígrafe, ela abriu a porta, solicitando o tempo presente, o “Aión”. Sua vida se misturou a minha, desde a gestação, até mesmo de forma literal, “como um corpo que penetra outro e coexiste em todas as suas partes” (DELEUZE, 1974 p. 8). E deste entrelaçamento, desta mistura, uma outra mulher se fez.

Eu comecei a perceber coisas que não via, e a me incomodar com o que via, resgatei certos hábitos e me permiti deixar outros tantos. Neste movimento deixei meu emprego no mercado de moda para repensar meus próximos movimentos no mercado de trabalho. Ainda inserida na área administrativa, conheci no mundo dos negócios de impacto, ou negócios sociais, uma forma de ver e estruturar uma empresa de dentro para fora, da intenção, do propósito para ação.

Imersa neste contexto, buscando cursos e conteúdos, aproximei-me do livro *As Três Ecologias* de (GUATTARI, 2012). Este encontro pulsou em mim a certeza de que eu não estava sozinha, senti o atravessamento de outros corpos que, como o meu, pulsavam na necessidade de outros modos-de-ser em grupo. A leitura sobre como as redes de parentesco estavam se reduzindo ao mínimo, e o quanto a vida doméstica estava sendo gangrenada pelo consumo da mídia (GUATTARI, 2012), não só confirmou minha percepção como evidenciou os prenúncios escritos por este autor, enquanto eu ainda era uma criança, em 1990. Esta realidade apresentada pelo autor, trazia os sinais do quanto todos estes prognósticos se fariam presentes nos dias de hoje:

Aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referências teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana (GUATTARI, 2012, p.27).

Impactada por estas palavras, decidi não só observar ao meu redor, mas estudar o que pesquisadores contemporâneos falavam sobre os impactos das transformações colocadas por Guattari (2012) no início do livro citado, “as redes de parentescos tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização de comportamentos” (idem, p.7). Quais seriam os impactos dessa ossificação na vida cotidiana das crianças?

Com o intuito de entrelaçar estas e outras perguntas que certamente virão, costuro minhas memórias recentes para apresentar o caminho que me levou ao mestrado e à pesquisa em Educação.

A bisbilhoteira das infâncias

Confrontada pelo cotidiano descrito por Guattari (2012), e buscando novas referências para entender o contexto social no qual estava inserida, busquei ainda solitária por autores que pudessem trazer respostas aos meus questionamentos. Como viver outros modos de ser-em-grupo? Como escutar as crianças? Como voltar ao compasso das infâncias? Como ir ao (des)encontro deste movimento de ossificação social?

Como uma bisbilhoteira, investigava com a curiosidade infantil, escarafunchava respostas nas profundidades de uma rede invisível, também conhecida como *world wide web*, um tecido digital de múltiplos caminhos. Fuçava nas bibliotecas acervos que pudessem me conectar com autores que trouxessem respostas aos meus questionamentos.

A primeira pesquisadora que conheci foi Adriana Friedman (2016). Seu trabalho dedicado a entender o universo simbólico da criança (2005), perpassando o tema do brincar (2004), a linguagem e a cultura das infâncias (2011) me convidaram a aprender e mergulhar em outra postura como adulta, a de ouvinte das infâncias. Como ela, eu acreditava que estávamos vivenciando “uma cultura de muitos brinquedos e menos brincadeiras; muita tecnologia e pouca artesanaria; muita impessoalidade e pouco respeito à individualidade; mais solidão da criança do que troca” (FRIEDMAN, 2004, p. 16). E como num processo de costura, fui alinhavando temas correlacionados, com infância, brincar e natureza.

Na tese de doutorado de Friedman (2011) intitulada “Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças”, fui atravessada pelo tema paisagem, já apresentado de forma vivencial nos meus contos de infância, e que destaco neste trecho, desvelando a perspectiva da autora que traz a seguinte reflexão: “Por que “paisagens”? Porque é nelas que se dá o intercâmbio entre pessoas – crianças e adultos – que criam, comunicam, transmitem, interpretam, em diversos contextos e culturas, os sinais dos sentidos construídos através dos séculos” (FRIEDMAN, 2011, p.12-13).

E complementa adentrando, não somente o contexto social evidenciado pela escolha de observar as paisagens, como também infere que as relações subjetivas e sensoriais atravessam os corpos inseridos nas paisagens.

Em todas estas paisagens, nossos sentidos ficam aguçados: ouvimos mais atentamente, sentimos mais profundamente, enxergamos até o que não existe; cheiramos as essências profundas; experimentamos inúmeros sabores doces, amargos, picantes, salgados. Saciamo-nos de água, terra, ar e fogo (FRIEDMAN, 2011, p.13).

Em seu percurso de pesquisa, a autora também apresenta suas memórias não apenas como um processo biográfico, mas como um caminho para desbravar, conhecer e reconhecer as “entrelinhas” da sua vida e de seus interlocutores – crianças e adultos (FRIEDMAN, 2011). Com este texto e alguns outros desdobramentos textuais desta mesma autora, alinhavo as primeiras intenções de resgatar e investigar minhas próprias memórias, numa posição ética, política e estética, construindo uma bio:grafia.

O segundo alinhavo foi entrelaçado durante uma programação promovida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento (NEPSID) coordenado por Friedman. Naquela tarde de 19 de agosto de 2017, no evento “Encontro com as Infâncias” pude ouvir pela primeira vez Piorski (2016). Em sua apresentação nomeada os “Significados ocultos do brincar” conheci o livro Brinquedos do chão (2016). Deste alinhavo fez-se um bordado, teceram-se múltiplas linhas que estão nestas e outras páginas deste caderno de memórias. Brinquedos do chão (2016) aprofunda o tema do brincar com os elementos da natureza, também abordado por Friedman (2011), e adentra a intimidade destes encontros das infâncias com suas próprias naturezas.

Neste período, outras costuras desta bisbilhoteira a levaram para instituições que estavam e estão na linha de frente de pesquisas e trabalhos com e pela primeira infância, como o Instituto Alana⁴, a Fundação Maria Cecília Souto

⁴ Organização da sociedade civil, sem fins lucrativos que nasceu com a missão de “honrar a criança” e possui os seguintes programas: Criança e Natureza; Território do Brincar; Criança e Consumo; Criativos da Escola; Prioridade Absoluta; VideoCamp; Espaço Alana e Lunetas. Disponível em <https://alana.org.br/#programas> Acesso em 21 de jun. de 2020

Vidigal⁵ e a Aliança pela Infância⁶. Em seus conteúdos mergulhei nas problemáticas do contexto infantil atual, nas lutas e percebi o quanto aquela menina que amava crianças, ainda estava em mim, pulsando novamente, estando com, lutando pela e ouvindo as crianças.

Foi assim que o chamado da criança primeira, minha filha, abriu meus olhos, para as outras tantas crianças e me fez agir de forma bisbilhoteira, procurando por todos os lados aprender mais sobre as infâncias. Corria para um lado e lia sobre o brincar, corria para outro e mergulhava na temática criança e natureza, mais outros passos e escorregava para o tema criança e cidade. Nestas andanças bisbilhoteiras, percebi que por vezes andei em círculos, e mesmo sendo impactada por cada leitura, me faltava alguma coisa.

Ainda não tinha conhecimento do termo, mas o que realmente precisava era o que Alves (2000b) em sua tese denomina rede, como a mesma aprofunda com Lefebvre (1983) “A rede implica e permite uma racionalidade aguçada, mais “complexa” (LEFEBVRE, 1983, p. 35, apud NILDA, 2000b, p.41). Esta rede, que mais à frente em sua pesquisa ela nomeia rede de conhecimentos e o ato de coser este conhecimento, uma tessitura dos saberes (2003), foi aos poucos sendo costurada no meu cotidiano.

[...] redes para mim, existem e só podem ser pesquisadas nos processos cotidianos do viver. São, pois, formados nos processos múltiplos e diferentes dentro das inúmeras relações em que os sujeitos todos, em seus contatos cotidianos, tecem, destecem e tecem outra vez, no espaçotempo do aqui e agora (ALVES, 2000b, p. 77).

Percebi que precisava voltar aos estudos formais, queria ingressar num programa de mestrado, mas qual? Tinha muitas dúvidas, minhas perguntas, contemplavam que campo de pesquisa? Fiz uma incursão no grupo de pesquisa em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, unidade Sorocaba, mas não alinhabei nenhum ponto. Fiz uma

⁵ A Fundação atua desde 2007 na causa da primeira infância. Disponível em <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/> Acesso em 21 de jun. de 2020

⁶ Movimento internacional que acontece em favor da infância. Disponível em <http://aliancapelainfancia.org.br/> Acesso em 21 de jun. de 2020

disciplina como aluna ouvinte no Programa de Comunicação da Universidade de Sorocaba (UNISO) e podia enxergar alguns caminhos de aproximação com meu tema de pesquisa.

Mas foi ao conhecer o grupo Ritmos de Pensamento (UNISO), através do curso “Movimentos ecologistas de pensar educação, infância e vida cotidiana” (2018), no SESC Sorocaba, que finalmente encontrei minha rede. Durante o segundo semestre de 2018, conheci este grupo de pesquisa que se propunha experimentar outros modos de “ser-em-grupo” nos cotidianos escolares. De repente me vi tecendo redes de conhecimento, sendo modificada e modificando como bem traduz o este trecho de Inês de Oliveira (2016):

(...) em diferentes *espaçotempos* sociais, nossas redes se tecem por meio das nossas múltiplas inserções nos diferentes *espaçotempos* sociais em que, de modo mais ou menos consciente, aprendemos e as modificamos, modificando-nos ao mesmo tempo. (DE OLIVEIRA, 2016, p.36).

Durante o percurso de oficinas, fui conhecendo pesquisadores, e me afetando com as pesquisas apresentadas. Como o próprio relato de Nataliane Martins, em sua dissertação sobre os movimentos do grupo (2019, p.137), descreve: “as oficinas andam o campo da infância dos próprios cursistas também, trazendo o devir criança e compartilhando suas memórias, detalhes e brincadeiras.” Neste *espaçotempo* a minha criança da música do início deste texto, encontrou outras crianças, não mais propriamente infantes, mas outros corpos que também pulsavam este devir-criança.

Lembro-me o quanto era gratificante acordar aos sábados e ir ao encontro deste grupo brincante. Em uma das provocações, um pedaço de papel me foi entregue com o desafio de desenharmos algo que nos remetesse a nossa infância, lembro-me exatamente o que desenhei, uma paisagem, um horizonte, um caminho para desbravar. A criança das viagens de família sempre se fazia presente nestes encontros.

O tema devir-criança pincelado pela professora e pesquisadora Ana Cristina Baladelli (2018), foi aprofundado em outra oficina Eco/poéticas da professora Alda Romaguera (2018) e as palavras trazidas através de recortes numa roda de conversa, pareciam para mim, como faíscas cintilando no ar:

Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988, p. 10-15). Um devir é algo "sempre contemporâneo", criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo (KOHAN, 2004, p.59).

Parece que a bisbilhoteira agora tinha achado uma luz, um grupo de vagalumes (Didi-Huberman, 2011) que em sua resistência, coletivamente faziam brilhar outras formas de ser em grupo. Com esta metáfora o autor traz reflexões sobre o modo de vida dos vagalumes e torna ainda mais claro o sentido do coletivo Ritmos de Pensamento.

Assim como existe uma literatura menor - como bem o mostraram Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito de Kafka -, haveria uma luz menor possuindo os mesmos aspectos filosóficos: "um forte coeficiente de desterritorialização"; "tudo ali é político"; "tudo adquire um valor coletivo" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.52).

Os movimentos deste coletivo menor pulsam *dentroefora* da Universidade de Sorocaba com os orientandos das Prof^a Alda Romaguera, alunos e pesquisadores da linha de cotidiano escolar, além de pesquisadores, artistas, que se interessam por pensar "multiplicidades da singularidade numa perspectiva ecologista de educação" (BARCHI, ROMAGUERA, p.34, 2020). Os vagalumes não só me cativaram por seu acolhimento e sensibilidade, mas por ser um coletivo que abraça as multiplicidades as potencializando em práticas que avançam para além do campo teórico e se apresentam como práticas políticas de um cotidiano que transborda a escola, a universidade, a cidade.

Seus pesquisadores podem até chegar ao grupo pensando de forma compartimentada, como eu, construindo a pesquisa, delimitando os sujeitos da mesma. Mas conforme os encontros se tornam parte da vida destes pesquisadores, as pesquisas também se encontram com o grupo e deste diálogo uma outra perspectiva torna-se

possível. Uma perspectiva integral, um posicionamento crítico frente ao que se apresenta em nossa casa, o mundo, nosso *oikos*. E desses entrelaçamentos outros desdobramentos possíveis afloram pesquisas que compõem este posicionamento de uma pedagogia inventiva de perspectiva ecologista, como assim Barchi e Romaguera (2020) descrevem:

Nomeamos pedagogias inventivas, àquelas que acontecem a cada vez que assumimos a educação como gesto político e opção democrática; a cada vez que nos entendemos como seres políticos, e a cada vez que tomamos a vida em suas múltiplas relações com como compromisso político, em companhia de Paulo Freire (BARCHI, ROMAGUERA, p.34, 2020).

Com a intenção de continuar este caminho com o Grupo Ritmos: estética e cotidiano escolar (GREeCE), e com a pesquisa, não mais em círculos, decidi me candidatar ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Sorocaba (UNISO), na linha de pesquisa Cotidiano Escolar. Ao final do curso do SESC, ainda junto ao coletivo de participantes desta jornada, recebi a notícia de que tinha sido aprovada, junto com mais dois participantes das oficinas do curso. Foi uma alegria, novamente coletiva, luzes piscando numa dança de vagalumes.

A escolha do programa e da Universidade transpassou as experiências narradas anteriormente. Eu não tinha uma pesquisa “tradicional” no campo da educação, nem mesmo havia tido uma experiência anterior formal em educação. Talvez por isso não tenha conseguido uma identificação com o primeiro grupo que participei. Eu não era professora da educação infantil, minha pesquisa “aparentemente” não se aproximava das pesquisas dos colegas da UFSCAR, em pouco tempo, de uma banhista⁷ que eventualmente participava das reuniões do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE), fui me tornando uma pessoa que olhava da praia e não consegui acompanhar as ondas das pesquisas que ali eram desenvolvidas. Me distanciei antes mesmo de vincular me, não conheci e nem fui conhecida pelos integrantes que compunham esta rede.

⁷ O Grupo de pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) apresentou esta classificação criada pela Prof^a. Dr^a. Mirian Celeste Martins: mergulhador(a): membro que participa ativamente; banhista: membro que eventualmente participa das reuniões e, por vezes, fica distraído na areia; olha da praia: membro que está em um momento de acompanhar as ondas à distância.

De forma contrária, no grupo de pesquisas Ritmos, primeiro fui acolhida, me vinculei, conheci e fui conhecida, antes mesmo de formular meu projeto de pesquisa. Aos poucos fui conhecendo pessoas que foram me mostrando caminhos possíveis: a perspectiva ecologista, a Pedagogia do Subterrâneo (PROENÇA, 2017), o tripé homem, ambiente e produção de subjetividades. Acrescento, pois o relato de Nataliane de Oliveira (2018) sobre o que sentiu ao compor este grupo, para reverberar outra perspectiva deste sentimento mútuo de um encontro e pertencimento:

É como se eu estivesse adormecida, esperando para ser acordada, por vibrações de almas, unidas pela mesma causa e luta, a vida e a educação, que atraindo e faz conexões com pessoas e lugares distintos, afetando e arrastando todos com suas ações interventivas, artísticas, poéticas, uma verdadeira jornada de sentir e se permitir sentir sem medo. São experiências geradoras de energia, contato, luz e calor que aqueceu o que estava perdido, no escuro: meu ser (DE OLIVEIRA, 2016, p.67).

A educadora ecologista

Antes da bisbilhoteira das infâncias encontrar sua rede de vagalumes em 2018, àquela que alumiu seu caminho, ela convidou uma amiga para percorrer este trilhar bisbilhoteiro com ela. Carla Salles, curiosa como Tabta, aceitou bisbilhotar e buscar linhas de fuga para outros modos de ser-em-grupo. Juntas decidiram, então, convidar um grupo de amigos e amigos de amigos para co-criar o Costurando Memórias⁸, um portal de conteúdo que abrigava narrativas do cotidiano e memórias de infância dos que ali escreviam.

No dia quinze de julho de 2017 com o encontro daqueles que aceitaram costurar memórias, selou-se o lançamento do portal. As amigas prepararam um encontro sinestésico, um espaço para experiências, o pão quentinho feito pela Tabta, a rosquinha para o café, receita da avó de Carla. Guloseimas de infância, bolo de coco gelado, gelatina colorida. Conexões sensoriais, gustativas, táteis instigavam os participantes. A intenção era trazer à memória aquilo que fazia bem lembrar: uma receita de infância, um sabor de amor, uma brincadeira, um gesto, uma melodia. Trazer ao presente daquele encontro, sentimentos e emoções que mesmo escondidos ou

⁸ Disponível em <http://costurandomemorias.com.br/>

esquecidos podiam ser desvelados e abrir espaço para os encontros, os atravessamos e novas histórias. Foi assim, querendo experimentar mais que apresentar que elas iniciaram o Costurando Memórias.

O manifesto escrito e lido naquele dia, já trazia pistas do caminho de pesquisa da bisbilhoteira que só depois virou pesquisadora:

Nós desejamos que as crianças sejam vistas, ouvidas e sentidas. Sintam-se pertencentes ao seu lar, a sua cidade, ao mundo. Desejamos que possam desfrutar da natureza e das cidades com o olhar exploratório que toda criança possui. Desejamos que as crianças vivam experiências significativas em suas relações com o mundo, os adultos e seus pares, e que se sintam acolhidas por todos ao seu redor. Acreditamos que, na primeira infância, esse cuidado influencia quem somos hoje e, por isso, é preciso reavaliar como estamos compondo nossas relações com os pequenos. O brincar se faz presente, neste momento, não somente como aliado no desenvolvimento infantil, mas como instrumento de fortalecimento de vínculos na interação adulto-criança. (COSTURANDO MEMÓRIAS, 2020)

A princípio, a atuação das curiosas seria de forma virtual, elas acreditavam que poderiam criar engajamento na página ao compartilhar narrativas e reflexões sobre a infância e os desafios postos às famílias com crianças no contexto atual. Só que a interação não veio, as discussões menos ainda e as postagens seguiam um fluxo sem pontes, sem diálogos, eram monólogos que logo sumiam nos *feeds* das redes sociais.

Porém o desejo delas de conversar com as famílias era genuíno e frente ao desafio virtual decidiram costurar encontros presenciais com as famílias. A primeira tentativa foi organizada ainda no mesmo semestre do lançamento do portal, em 14 de outubro de 2017; com o nome Encontro de Bolhas Gigantes⁹ elas divulgaram a atividade nas mesmas redes sociais e diferente do silêncio das postagens de anteriores, desta vez houve interação e no dia do evento a surpresa, mais de trezentas pessoas participaram da brincadeira de bolhas de sabão. Naquele dia, Tabta e Carla perceberam que os encontros de brincar poderiam trazer

⁹ Registro do evento pode ser conferido no vídeo compartilhado no portal. Disponível <http://costurandomemorias.com.br/celebrando-o-simples/> Acesso em 21 de jun. de 2020



Costurando
MEMÓRIAS

- 16H00 RECEPÇÃO
- 16H20 INTEGRAÇÃO REDE
- 17H00 COSTURANDO IDEIAS
- 17H30 VAMOS BRINCAR
- 18H00 LANÇAMENTO DO SÍTE
- 18H15 COMIDINHAS CHEIAS DE AFETO

POR FAVOR
NO DIA TRAGAM
SUAS FOTOS
DE CRIANÇA!



Contamos com a
presença de todos!
Fabta e Carla



Figura 6: Ponto de bordado: (entre)linhas e pespontos

Fonte: Montagem - elaboração própria; Fotos: Isabele Salles

aberturas para outros modos-de-ser em grupo, ou mais, seriam linhas de fuga e possibilidades de experiências para os cotidianos das crianças que participavam dos encontros. As bisbilhoteiras já tinham um caminho, deste evento primeiro, vieram tantos outros, a cada encontro mais famílias e crianças se achegavam. Para cada dia, as propostas e aplicações na programação não tinham apenas a intenção de entreter, mas sim de mobilizar, atravessar e apresentar possibilidades de brincar com, com as crianças, com os adultos, com a natureza, e consigo mesmas.

Aos poucos foi pulsando em mim, minha essência educadora, ainda de forma inconsciente, eu caminhava reverberando a proposta de uma educação ecologista, fora dos muros das escolas. Observando o cotidiano das famílias ao meu redor, a rotina acelerada de crianças e adultos, no contexto urbano, perguntas cintilavam constantemente: como criar momentos para viver o presente? Como fissurar os cotidianos destas famílias que transitam entre muros: escola, trabalho, casa? Como sensibilizar estes núcleos sobre a importância de adentrar espaços coletivos de experiências, e como este movimento poderia impactar a vida destas famílias? Acrescento aqui, mais algumas perguntas que Reigota (2002) coloca no livro “A Floresta e a Escola” por compreender que estes questionamentos apresentados frente às mudanças que o mundo vivenciava naquele tempo e espaço, complementam as minhas inquietações hoje:

Como construir possibilidades pacíficas e solidárias de intervenção cidadã em espaços alheios ao nosso cotidiano? (...) Como conscientizar nossos colegas e alunos, assim como nós mesmos, de que a nossa presença no mundo, qualquer que seja a latitude ou longitude onde estejamos, e as ações que praticamos no presente cotidiano influenciam para melhor ou pior a qualidade de vida no planeta? (REIGOTA, 2002 p.87)

Assim como Reigota (2002), não tinha intenção de trazer respostas, também não tenho eu aqui esta pretensão. Mas foi a partir destas perguntas, e também da participação intensa desde antes da entrada no programa PPGE/ UNISO no grupo Ritmos de Pensamento que a atuação da produtora bisbilhoteira deixou de ser inconsciente para ser intencionalmente uma prática da educadora de perspectiva ecologista. E assumi os eventos de brincar como uma proposta radical, justa e pacífica inspirada nas palavras de Reigota (2002):

A educação ambiental, na escola ou fora dela, continuará a ser uma concepção radical de educação, não porque prefere ser a tendência rebelde do pensamento educacional contemporâneo, mas sim porque nossa época e herança histórica e ecológica exigem alternativas radicais, justas e pacíficas (REIGOTA, 2002, p.88)

O reconhecimento do ser educadora, não foi detectável de início, o incomodo nasceu primeiro e com ele pulsou a prática: os eventos. A teoria veio com as redes de conhecimento e neste balanço *prácticoteóricoprático* os contornos desta pesquisa se pronunciavam. Para fechar este pequeno trecho trago as palavras de Alves (2003), numa reflexão que me atravessa:

“(...) as mudanças na história são, assim, trançadas em nosso dia-a-dia de modos não detectáveis no momento mesmo de sua ocorrência, mas em lances que não prevemos, nem dos quais nos damos conta no momento em que se dão e onde se dão, mas que vão “acontecendo”(ALVES, 2003, p.66).

Alinhavando a pesquisa

Quando entrei no mestrado, o sentimento de rede ficou ainda mais claro. Não estava apenas latente no grupo que pulsava o mesmo ritmo de pensar. Ele fazia agora parte das costuras diárias do percurso acadêmico. Uma nova disciplina, novas costuras, colegas de classe, entrelaçamentos. Novos autores precisavam ser bordados, pois suas leituras eram laçadas de idas e vindas, um vai e vem da linha no mesmo ponto, até que o pensamento escrito viesse ao meu encontro.

As orientações com a professora Alda Romaguera também eram assim, costuras entrelaçadas, com provocações, recomendações e linhas, muitas linhas. No momento que os pontos eram alinhavados, outros eram soltos, e eu me sentia como o avesso: emaranhada, mas não perdida. Como nas palavras de Benjamin (1987a) “à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia a tentação de me apaixonar pelo reticulado

do avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, como o qual no direito, me aproximava da meta” (BENJAMIN, 1987a, p.129).

Era a confusão de tantas linhas que me encantava ainda mais pelo caminho da pesquisa; mesmo que o direito já mostrasse algum desenho, precisava me ater ao avesso, aos conteúdos que me eram apresentados, caminhos que não havia trilhado outrora: educação, cotidiano, infância. Novidades para uma pesquisadora, designer, estilista e sonhadora.

Neste avesso, busquei pesquisas que trouxessem experiências próximas e outros caminhos possíveis. No campo da educação, dentro da linha de pesquisa cotidiano escolar, no PPGE da UNISO, encontrei dissertações e teses que me aproximaram dos desdobramentos da bio:grafia. Com Monteiro (2013) refleti sobre as narrativas que abraçavam a metodologia e sobre o contraponto narrador-leitor.

Nessa tessitura, entrelace articulado, a narrativa rompe as fronteiras temporais, reproduzindo-se nas entre vozes daqueles que dela compartilham cabendo ao narrador todos os créditos dessa articulação que envolveria não apenas o ato da fala em si, mas perpassaria o recurso performático que ele detém, deslocando o tempo, o espaço, implementando ritmos distintos, contextualizando-se nas artimanhas que produz ao narrar suas experimentações cotidianas e opinando sobre elas. (MONTEIRO, 2013, p.34)

O narrador, que para o autor possui os créditos desta condução com o leitor se desdobrou em narradores e múltiplas perspectivas na construção deste trabalho. Com Proença (2009) me desvencilhei das amarras de me apresentar múltipla, como assim o autor o fez em seu processo de pesquisa, ao qual destaco um trecho:

Se antes, minha identidade era de um professor de geografia, ao qual me orgulhava, hoje, me vejo como um sujeito com inúmeras identidades(...) Todas essas faces que me fragmentam e me compõem, são ricas, pois se construíram a partir de uma história de busca emancipatória e são ainda, vividas com intensidade. Elas dizem muito sobre mim (PROENÇA, p. 144).

Com Ariane Silva (2004) reforçei as possibilidades de interpretações das narrativas, “as histórias são ilhas de significados que possibilitam a identificação da própria pessoa e dos outros” (SILVA, 2004, p. 84). E, neste emaranhado, ainda imersa nos trabalhos do PPGE, destaco outro apontamento de Monteiro (2013) que ressoou através da pergunta “de que maneira a educação se configura para além das fronteiras do confinamento escolar, enquanto espaço de convergências nas relações cotidianas dos sujeitos?” (MONTEIRO, 2013, p.12). Todas estas pesquisas me atravessaram, cada qual ao seu tempo, e muitas vezes não de imediato, mas me provocaram a experimentar, documentar e principalmente refletir sobre os conceitos lidos e aprendidos. Como assim escreve Marta Catunda (2013) “Educar é provocar **acontecimentos**, experimentá-los. Mas também há que se refletir sobre eles” (CATUNDA, 2013, p.32, grifo do autor).

Num outro fio deste avesso, bordei nós com os estudos das infâncias. Na tese “Escrevivendo: uma fenomenologia Rosiana do brincar” (WILLMS, 2013). A autora apresenta um caminho investigativo sobre o brincar com base na fenomenologia dos quatro elementos com Gaston Bachelard e apoia sua escrita na metodologia que propõe pulsar o texto com a intermediação de Guimarães Rosa. Também nesta linha de observar o brincar, mas propondo um aprofundamento sociológico, Nayara Bretas (2009) apresenta sua tese: “A Cidade (Re)Criada pelo Imaginário e Cultura Lúdica das Crianças: Um Estudo em Sociologia da Infância”. Este trabalho discorre sobre a preocupação de investigar a criança no ambiente da cidade. A autora apura, através de uma pesquisa etnográfica e participativa, a relação da criança com os ambientes no entorno da escola, no seu ir e vir. Como é seu caminho? Como elas se relacionam com este caminho e com os ambientes de seus trajetos. A autora defende, ao longo do seu trabalho, através de vivência e escutas, a maior participação das crianças nas decisões públicas que as permeiam. A leitura desta tese foi importante tanto pelo conteúdo teórico apresentado, quanto pelo processo de pesquisa descrito em detalhes, pois os desafios apresentados pela autora no caminho, como a dificuldade de documentar as fotos e registros num ambiente de pesquisa aberto nos parques, trouxe um apontamento prático de questões que ainda iriam se levantar no meu percurso de pesquisa.

Com Bianca Rozenberg (2017) na dissertação: “Kombi dos jogos: Narrativas Cartográficas dos Brincantes”. Um nó se desfez abrindo as possibilidades de um caminho metodológico cartográfico. A linha de discurso da autora se aproximou da minha pesquisa, principalmente no ponto em que ela apresenta o tempo de brincar como potencial caminho para a resignificação dos espaços e das relações. As leituras destas pesquisas apontaram autores primários que permeiam toda a escrita deste trabalho. Entretanto minha busca precisou de mais uma laçada para ampliar o estado de conhecimento e costurar metodologias possíveis para entrelaçar o texto acadêmico com o fazer das mãos, que resultaria num produto, num artefato.

Neste caminho encontrei Nina Veiga (2015) com a tese “Fiar a escrita: Políticas de narratividade – exercícios de experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educação inspirado numa antroposofia da imanência”. Este trabalho compõe uma escrita com múltiplos gêneros e foi tecido com o fazer das mãos da autora, pesquisadora, artista, mulher que deseja contaminar, como assim escreve: “as páginas se fazem duplo tátil da tese, encontro manual que se quer bloco de sensação, gerador de afetos. Talvez contaminar. Talvez afetar. Talvez, sempre talvez. Uma vontade de compor escrita acadêmica com mãos – carne, um modo de existir” (VEIGA, 2015, p.s/n).

Num outro caminho, mas com a intenção de também experimentar, encontrei Alice Dalmaso (2017) com a tese “Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação” que me inspirou a trabalhar com as linhas não como uma produção metafórica, mas para pulsar entre as palavras, para provocar no seu campo de experimentos os entremeios dos processos enunciativos.

O que pode esse tecido e esse bordado? Um espaço que se cria, uma relação de espaço e de tempo que se busca criar na pesquisa para que algo se passe. Perceber que esse momento de bordar é de, passivamente, esperar que algo se passe na relação com as linhas, com as cores, com o tipo de ponto que escolho, que algo faça vibrar a teia enquanto se fianda. (DALMASO, 2017, p.31)

Neste mergulho por pesquisas, a vontade era de buscar folego e continuar a abrir os braços no mar aberto de possibilidades, ir ao profundo das águas, mas foi preciso recuar, subir à terra seca para refletir, ler, escutar e reter os aprendizados que ecoariam na minha pesquisa.

Já não mais no mar de possibilidades, mas ainda num percurso aberto a escutas e pesquisas, continuei nadando, agora no rio, com margens que considero limiares do caminho de meu mestrado, as margens da educação e do cotidiano escolar. Na correnteza que me encaminhava, as disciplinas: Seminários em Educação Escolar, Seminários em Cotidiano Escolar, Seminários em Educação Escolar II e Desafios da Escola Contemporânea Temas Emergentes no ano de 2019, me conduziram a rescrita do projeto, ao entendimento das metodologias de pesquisa e ao compartilhamento de aprendizados entre professores e colegas de disciplinas.

No primeiro semestre de 2020, após a primeira aula das disciplinas: Estudos de Produções científicas na Educação Escolar I Cultura e Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I fomos acometidos pela necessidade de isolamento social, em virtude do avanço de casos de COVID19¹⁰ e a confirmação da pandemia em solo brasileiro. Por isso, as aulas da professora Vilma Nista Picollo, e as apresentação dos seminários dos pesquisadores orientados pelo professor Marcos Reigota foram todas realizadas de forma online, através de plataformas de vídeo conferência. A distância dos corpos, foi aos poucos sendo dissipada pelas constantes trocas e pela dinâmica orientada pelos professores. Algumas vezes as conexões desta rede invisível prejudicaram o entendimento dos discursos, houve falhas no som, outras a imagem “travou”, mas os alunos seguiram persistentes buscando resistir e perseveraram até o final do semestre, superando as adversidades virtuais e compartilhando as pesquisas.

¹⁰ Este é o primeiro momento que menciono A Pandemia do Corona Vírus no texto, em outros momentos também farei menção a este acontecimento que perpassou a escrita desta dissertação e por isso trago aqui os marcos iniciais da pandemia. O primeiro caso foi confirmado em 26 de fev. 2020 (Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>, Acesso em: Acesso em 26 de out 2020) , o isolamento foi implementado, no Estado de São Paulo, em 17 de março de 2020. (Disponível em: <https://exame.com/brasil/periodo-de-isolamento-comeca-a-valer-nesta-terca-no-estado-de-sao-paulo/>, Acesso em 26 de out 2020)

Opto, por trazer nestas linhas as contribuições que foram sendo tecidas conforme os colegas da disciplina de Cultura e Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I apresentavam seus Seminários, de acordo com o calendário previamente estipulado pelo professor. O primeiro dos pontos que costurou um desenho com minha pesquisa foi a dicotomia entre romantização e utopia. De certa forma, havia uma confusão em minha cabeça que aproximava a romantização ingênua, da utopia, e nos dois primeiros Seminários, as discussões mediarão a dissolução deste conflito.

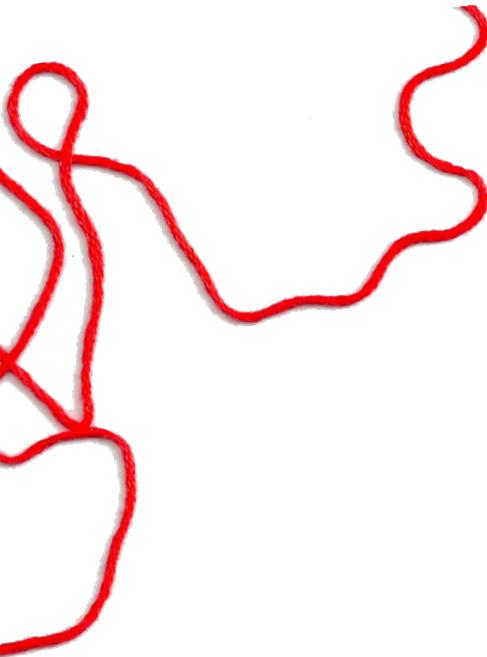
Com os apontamentos da utopia de Paulo Freire apresentados por Tânia Aversi e as perguntas utópicas de Patrícia Maranzano que afunilavam as questões dos direitos humanos, fui deslocando meu pensamento deste emaranhado de linhas. As perguntas das duas alunas: “Como termos práticas pedagógicas mais humanizantes?” (AVERSI) e “Como o ensino do direito pode aproximar os alunos de práticas mais humanizantes?” (MARANZANO) provocaram um atravessamento com a minha pesquisa. E neste processo Paulo Freire (1987) foi inserido para descrever minha própria utopia, que agora se apresenta distante de um romantismo ingênuo e aponta para uma micropolítica, uma força de uma luta que entendo e decido que preciso pleitear: as infâncias.

Em outro dia, um outro Seminário e novos atravessamentos, professora Iris Santoro costurou sua colcha de retalhos com alinhavos que instigavam minha pesquisa, o encontro com autor Benjamin (1987a) na voz da colega de turma, me fez retroceder algumas costuras na minha própria pesquisa. Deste dia em diante, as leituras de Benjamin foram constantes, e o avesso do bordado, nasceu deste ponto. Deste entrelaçamento também partiram outras reflexões, que serão apresentadas no segundo capítulo. Afinal, o que é memória, também foram dobras das apresentações de Iris e Daniele de Oliveira, que ao longo dos seminários, trouxeram a temática da memória, e dos objetos de memória.

Professor Leonardo Bezerra, no mesmo dia da colega Daniele, nos fez percorrer as memórias do sertão e sentir o perfume do Cerrado. E novamente as narrativas de memórias provocaram uma reflexão sobre os “acontecimentos” esmagados e esquecidos pela academia. Givanildo de Oliveira, nos lembrou que “estamos por um fio” e a trama dos

seminários foi sendo atravessada constantemente pelos fios, como uma “costura que faz e se refaz”, nas palavras da colega Iris Santoro.

No seio do rio, mergulhei com colegas, naveguei com professores num processo de aprendizado contínuo, eu estava aprendiz, eu estava no meio. E, inspirada por esta condição escrevi um poema, que nomeei “No meio do Horizonte”, ao qual transcrevo nas linhas a seguir:



Penso no **HORIZONTE**
No horizonte dos mares de morros
Das rochas e cânions
Das praias desertas

O que será que **SONHO?**

Sinto o vento
Sinto o **SILÊNCIO**
Ouço os sussurros
Me calo no ar
Me perco no olhar
Por que não **PENSAR?**
Novamente, começo a sonhar

Que **SONHO?**

Sonhos de criança
Sonhos infantis
Não consigo voltar!

Um **DEVIR**

Um **ENCONTRO**
Possibilidades

Me **SUSPENDO**

Não saio daqui
E não chego até lá
Sinto a brisa, mas não posso estar
Toco a areia, mas não sinto o andar
Percebo a frieza das pedras, mas sequer posso tocar
Não estou lá
Nem estou cá

Estou no **MEIO**

Eu estou no meio, em constante movimento, sou a menina da poesia, a menina que olha o horizonte, que sonha, me descobri múltipla e ao mesmo tempo ordinária. A escrita da dissertação permitiu me (re)conhecer, abrir espaço para minhas multiplicidades. Compreender que minhas camadas ordinárias, me faziam única, não para me colocar num palanque ou conquistar um fim, mas para me deixar no meio, nesta zona de constante aprendizado. Um lugar que me permite pequenos gestos e me abre um olhar de observadora, não só do meu objeto de pesquisa, dos eventos de brincar, mas de todo o processo de pesquisar.

Quando entrei no programa de mestrado, pensei que precisava de grandes conquistas, mudanças. Professor Marcos Reigota me provocou na minha entrevista, quanto ao perigo de transpor para a pesquisa um linguajar do mercado, mesmo que fosse sobre a máscara do empreendedorismo social, este caminho talvez tivesse me mantido nesta postura de querer grandes movimentos, mas me afastaria da pesquisa em educação. Professora Eliete Nogueira me indicou nas minhas correções do projeto de pesquisa, ainda no primeiro semestre, que alguns resquícios ainda persistiam, muitas vezes sobre propor o novo, quando o que eu precisava era observar os gestos, as micropolíticas. Continuo no meio, as leituras me provocam a ler mais, parece que não vou chegar ao fim, e talvez nem queira chegar, há tanto a aprender, tantas linhas a costurar.

A aprendiz pesquisadora

O caminho da aprendiz pesquisadora institucionalizou-se com o ingresso no PPGE da Universidade de Sorocaba e com a aprovação no Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias (PROSUC) fruto de uma parceria CAPES/UNISO. O percurso de linhas soltas da bisbilhoteira agora estabelecia amarrações com o desbravar do caminho acadêmico. Seguindo na linha de pesquisa: cotidiano escolar, fui apresentada a autores que me ajudaram a cerzir os temas, por mim ainda poucos explorados no caminho bisbilhoteiro: educação e cotidiano.

Com Gallo (2007), conheci os conceitos de *educação maior* e *educação menor* que o autor apresenta a partir de um exercício de deslocamento conceitual da filosofia de Deleuze e Guattari (1977), com o intuito de obter mais elementos para sua reflexão sobre o cotidiano da escola. Acrescento, pois, um trecho da exposição do autor sobre esta temática, para destacar outro termo colocado por ele:

Ao primeiro chamam de ciência régia (ou ciência maior); ao segundo, de ciência nômade (ou ciência menor). A ciência régia funciona de acordo com os mecanismos da máquina de Estado; já a ciência nômade opera como máquinas de guerra, no registro dos povos nômades, que não possuem Estado (GALLO, 2007, p.25).

Evidencio a palavra nômade que, o autor resgata da obra de Deleuze e Guattari (1977) e aproximo do contexto das infâncias. Seriam as crianças povos nômades subjugados pelo Estado? Sua pouca voz e mínimas participações nas máquinas do Estado, não as colocam neste movimento menor? Nesta retórica adiciono outro trecho de Gallo (2007) para entrelaçar pontos a esta reflexão:

A ciência menor, marginal, traça linhas de fuga, produzindo saberes autônomos que conectam de forma aleatória, originando efeitos e experiências novas. Não tem intenção de criar uma visão de conjunto e abrangente do mundo, mas peças fragmentárias que podem articular-se em diferentes *puzzles* (GALLO, 2007, p.25).

Relendo estas palavras de Gallo (2007), passo a linha pela agulha e faço novas laçadas na intenção de acomodar a criança como este povo menor, nômade que não é ouvido por seu Estado, e possivelmente até mesmo

pelo seu povo maior: os adultos. Mas encontra na sua pequenez, linhas de fuga para construir seus saberes autônomos e suas próprias experiências.

Lins (2005) complementa minha compreensão sobre linhas de fuga e educação menor trazendo o foco para as crianças. Em seu artigo “Mangue’s school ou por uma pedagogia rizomática” o autor apresenta a possibilidade de outros caminhos com uma pedagogia dos sentidos, avessa a uma educação formativa para o futuro. “Uma pedagogia da desconstrução e da diferença, do indivíduo como singularidade. Uma pedagogia que não trabalha com formas, mas com encontros nômades, desejos, encruzilhadas e bifurcações” (LINS, 2005, p. 1252). O autor instiga um olhar presentificado para a infância, que compreende suas possibilidades e critica uma pedagogia que ofusca as potências infantis, ao qual ele denomina pedagogia do desastre, “falar *pelo* outro, pensar *para* o outro, fabricar a criança, o aluno insere-se na tentação conservadora, mais próxima do estudo dos monstros que da pedagogia. Fabricar uma criança equivale a ofuscar a própria criança” (idem, p.1236).

Além de sensibilizar outros sentidos para a educação, trazendo sabores aos saberes, ele provoca olhar a escola como um mangue, como um imenso ecossistema que não tem começo nem fim, “uma espécie de não-lugar pedagógico onde os devires imperceptíveis podem, como os nômades do deserto, encontrar-se, não numa estrutura, mas numa confiança, numa sedução, numa invenção artística”(idem, p.1240).

Retomando Gallo (2007) neste ponto, resgato seu apontamento sobre um cotidiano escolar mais amplo, que vai além dos muros da escola. Com suas palavras me reaproximo do sentimento daquela menina que nas suas viagens aprendia com o cotidiano vivido, já que “na escola não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia-a-dia da vida na instituição” (GALLO, 2007, p.21). E é a partir deste conceito de acontecimento, que o autor justifica a impossibilidade de conter o cotidiano escolar apenas dentro da escola. “Se o cotidiano da escola pode ser tomado como um conjunto de acontecimentos, ele nos coloca em prontidão, na medida em que não podemos, nunca, exercer absoluto *controle* sobre os acontecimentos” (GALLO, 2007, p.21).

Nesta costura com Gallo e Lins, novas palavras pulsaram e trouxeram com elas outros entendimentos sobre o projeto que estava no seu início. O bom encontro com estes autores, dava pistas de um percurso rizomático, um caminho com sentido próprio, uma abertura a uma pedagogia nômade, atenta aos acontecimentos, como assim descreve Lins (2005) “ Uma pedagogia nômade subtrai-se a toda e qualquer localização temporal e espacial, escorrega entre os dedos, não reside em um lugar nem em um ponto, contudo numa multiplicidade de lugares e pontos quebrantando toda determinação arborescente” (idem, p.1245).

A bisbilhoteira das infâncias não tinha clareza da dimensão dada ao seu sonho de encontrar as infâncias nos espaços nômades da cidade de Sorocaba, ela sabia que precisava promover encontros, possibilidades de experiências, para as infâncias e com as infâncias. Mas foi o percurso da aprendiz pesquisadora que promoveu a costura com estes e outros autores e possibilitou entender a potência dos encontros de brincar, como potências pedagógicas nômades. Conversando com a bisbilhoteira, a menina, a aprendiz e a mãe, percebo que os pensamentos pulsam entre estas identidades, como Deleuze (1998) compartilha em seu texto com Parnet, ao contar de sua amizade e parceria com Guattari:

Éramos apenas dois, mas o que contava para nós era menos trabalhar juntos do que esse fato estranho de trabalhar entre [25] os dois. Deixávamos de ser "autor(...). Não tinha nada a ver com uma escola, com processos de reconhecimento, mas muito a ver com encontros. E todas essas histórias de devires, de núpcias contra natureza, de evolução a-paralela, de bilinguismo e de roubo de pensamentos, foi o que tive com Félix. Roubei Félix, e espero que ele tenha feito o mesmo comigo. Você sabe como trabalhamos; digo novamente porque me parece importante: não trabalhamos juntos, trabalhamos entre os dois. Nessas condições, a partir do momento em que há esse tipo de multiplicidade, é política, micropolítica (DELEUZE, PARNET, 1998, p.14-15).

Entendo que ao trazer esta multiplicidade de modos de ser de um mesmo sujeito, neste movimento de idas e vindas narrativas, contemplo multiplicidades que poderiam escapar numa narrativa única, logo encontro nesta costura identitária uma micropolítica: a escolha política de narrar-se em diferentes perspectivas.

A prática da bisbilhoteira encontrou o caminho teórico da aprendiz pesquisadora para acomodar seus ideais sonhadores nos conceitos investigados e assim abrir espaço para a pesquisa que se chegava. O incômodo da bisbilhoteira frente a uma “ossificação” do cotidiano das famílias, nas palavras de Guattari (2012) e no contexto de uma infância com menos brincadeira e mais tecnologia explicitado por Friedman (2012), precisava encontrar outros autores com a aprendiz pesquisadora para aprofundar as justificativas deste trabalho.

Para ampliar o entendimento sobre as infâncias e entrelaçar com as memórias narrativas desta dissertação trago as palavras de Manoel de Barros (2015) na intenção de bordar o entendimento das possibilidades para e com as infâncias.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação
(BARROS,2015, s/p.)

Inspirada nos versos do poeta entreteço esta imagem de intimidade da criança com o objeto com que ela brinca. A palavra comunhão traz a intensidade desta relação com o brincar. Brincar este, que suspende o tempo, transita em outros lugares, em outras dimensões, como assim coloca Piorski (2016):

Trata-se, aqui, o brinquedo como lugar de viver o extemporâneo, as impressões de outro lugar, de esquecer objetivamente o mundo. O esquecimento, o distanciamento do real, é entendido como intuição do tempo “fora da sucessão homogênea” cronológica do espaço, da vida social, como intuição do “destino”, em Durand, ou de uma “poética do espaço” em Bachelard, que descreve o espaço poético, fantástico, continente, destinado a comprimir o tempo e a preservar o ser de seu “escoamento inevitável” (PIORSKI, 2016, p.50).

No emaranhado desses dois autores, vejo posta a resistência deste povo nômade menor que se adapta a todo e qualquer espaço que lhe é oferecido e neste lugar se ocupa e escoia, tal qual Piorski (2016) descreve. Porém mesmo considerando seu vigor em lutar, seu devir minoritário que escapa entre as brechas, observo o quanto nos centros urbanos pouco lhes é permitido escorrer por entre lugares, por espaços de natureza, por brinquedos do chão.

Com Barros (2015), trago dois pespontos que quero unir como forma de destacar o bordado de seus versos. Para contornar este desenho trago a ilustração da criança sentada no chão a brincar com formigas. Lembro de meu

irmão do meio, que sempre gostou de brincar com estes pequenos insetos. Para esta brincadeira, a primeira necessidade é de tempo, o tempo da experiência. Observar as formigas demanda atenção, um tempo que não é seu, e sim da formiga, o tempo de um ser micro de pernas curtas que trabalha intensamente e de forma ordenada. Para aproximar a imagem do formigueiro, ou do caminho da formiga, você primeiro, precisa ficar atento ao trilho dela, depois pode sentar-se junto a este caminho e aí sim, apenas com o olhar observar para então poder brincar entre formigas, colocar folhas em seu caminho, gravetos, observar como elas retomam seus trilhos, o que carregam. Reforço nesta imagem, a palavra tempo.

No complemento deste desenho, trago o preenchimento, com o segundo apontamento que quero desfiar: o espaço de brincar. Em outras memórias do poeta, ele traz constantemente a imagem do quintal e sua leitura aproxima o leitor da sua própria memória de quintal, que pode ser grande ou pequeno, gramado ou de terra batida, mas que nas memórias do poeta e nas minhas é um espaço de comunhão e contato com a natureza. O que suscita uma nova pergunta: será que estamos oferecendo para nossas crianças espaços tempos de experiência, de um tempo outro, e um espaço de natureza elementar?

Deixo este nó com um ponta solta, para trazer dados do livro *Desemparedamento da Infância*, organizado por Maria Isabel Armando de Barros (2018) e aprofundar o contexto dos espaços urbanos na atualidade.

É necessário refletir sobre o modo de vida e de desenvolvimento que estamos adotando nas cidades, tendo em vista que a urbanização é um processo crescente no país e no mundo. No Brasil, a concentração da população em cidades cresceu de 75,6% em 1991, para 84,7%, em 2015. Portanto, faz sentido pensar sobre a forma como o mundo atual, sobretudo urbano, está acolhendo as novas gerações. Há diversas conquistas e avanços relacionados à infância em nosso país, como o aumento da escolaridade, a redução da mortalidade e o combate à exploração do trabalho infantil. Mas não podemos deixar de considerar que os efeitos da urbanização, entre eles o distanciamento da natureza, a redução das áreas naturais e a falta de segurança e qualidade dos espaços públicos ao ar livre nos levam - adultos e crianças - a passar a maior parte do tempo em ambientes fechados e isolados, criando um cenário que cobra um preço muito alto para o desenvolvimento saudável das crianças (BARROS, 2018, p.18).

Neste movimento de urbanização detalhado no texto, além dos apontamentos que afastam as crianças dos espaços públicos de natureza, também há implícito o crescimento vertical das grandes cidades e a diminuição/eliminação dos quintais nos espaços familiares. Logo, cada vez mais é difícil para as infâncias encontrar as brechas para brincar com os brinquedos do chão.

E ainda há outro desafio, o de ter tempo para a experiência. Para aprofundar o termo, trago as palavras de Bondía (2002) e costuro mais elementos neste caderno de bordar.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.24).

No decorrer do texto Notas da experiência e o saber da experiência (BONDÍA,2002) o autor apresenta os significados do termo para desdobrar suas considerações para o contexto social que analisa. As afirmações de que experiência não é informação abre sua discussão e permeia a apresentação dos demais pontos levantados no texto, que são: o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Todos estes apontamentos compõe o cenário que impossibilita o sujeito da experiência de se abrir, de perceber o que acontece, o que se desvela. O autor trata da problemática na perspectiva do adulto, mas estes apontamentos impactam em consequência a vida das crianças que convivem com estes adultos imersos na cultura do não ter tempo.

Paro um pouco diante destas reflexões de Bondía (2002) para fazer um vai e vem na agulha e narrar a história que pulsou logo após a leitura deste texto do autor.

Mãe e filha estavam na cozinha, o contexto do isolamento social imposto pela Pandemia do Corona vírus, no primeiro semestre de 2020, fazia com que o cotidiano vivido destas duas mulheres fosse imbricado, tanto quanto

no primeiro ano de mãe e filha. Só que agora, a pequena de cinco anos, com seu gênio impetuoso aflorado e sua curiosidade posta em frases e vontades, apresentava o desejo de participar efetivamente de tudo que acontecia na casa. As vezes era convidada, em outras, a mãe ou o pai queriam realizar as tarefas ainda naquele modo automático de ser, da maneira mais rápida possível com o intuito de riscar a tarefa da lista de afazeres do dia, mas viam-se pressionados a quebrar o ritmo a pedido da criança que estava ali o tempo todo com eles.

Numa destas listas de afazeres: a produção do almoço, a menina pediu para ajudar. Sabia que não podia mexer no fogo, mas impetuosa e esperta já sabia quais as tarefas do cozer lhe cabiam, porque sim, em alguns momentos anteriores ela já tinha sido convidada para produção dos alimentos que seriam servidos.

Desta vez, a mãe observava cuidadosamente o raspar e o picar dos legumes pela filha e refletia nas palavras de Bondía (2002), que havia lido, naquela manhã e tudo parecia lhe fazer mais sentido. A mesma tarefa que realizada por ela, seria riscada numa lista, para a criança era tempo aberto à experiência. No tempo aion da criança o simples ato de cortar os legumes, ganhava um potencial de presença. Era todo corpo presente, a língua se movia para fora da boca, para dar ao corpo o equilíbrio para realizar a tarefa, que para o pai, era sempre uma ousadia da mãe. Ele sempre ficava desconfortável vendo a menina manipulando facas de ponta. E mais uma vez, a mulher no intercambio com a pesquisadora se lembrava das palavras lidas “a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (idem, p.25). Depois de realizado o corte, a menina se cansou da atividade e voltou a brincar com as bonecas, enquanto sua mãe finalizava os cozimentos e colocava a mesa para o almoço.

O mesmo ato de cortar legumes produziu na menina e na mulher experiências diferentes, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (BONDÍA, 2002, p. 27). Eu poderia trazer outras histórias com a perspectiva da criança frente aos pequenos gestos cotidianos e sua abertura à experiência, entretanto escolho esta pequena ocasião para trazer um nó no caderno de bordado, um nó que se traduz com Certeau (2012) num processo “de retorção” ao qual se abre numa prática cotidiana, não como ato isolado, mas como “fato destacável da volta que o produz” (idem, p.147).

A utopia da educadora brincante ecologista ganha mais uma contribuição teórica: Bondía (2002). Ao proporcionar eventos de brincar, ela entende que as experiências serão únicas, e que os corpos atravessados por estas experiências, adultos e crianças só a perceberão se estiverem abertos a isso. Por isso, não cabe a produtora do evento criar estes momentos, ela apenas oferece oportunidades de experimentação e fica à escolha dos sujeitos vivenciar *espaçotempos* de presença.

O contexto da pandemia aparece novamente neste texto, agora dentro do contexto narrativo. O isolamento imposto pelo vírus confere a este trabalho um curso diferente, outros afetos que até então não estavam rascunhados. Opto por trazê-los aqui, não para traçar um aprofundamento com uma nova rota, mas para dizer que estou imersa neste acontecimento: a pandemia do Corona Vírus, no momento desta escrita.

Este marco não impactou o percurso da produção de dados que foram concluídos em fevereiro de 2020 e que serão apresentados ao longo do terceiro capítulo, mas ele atravessa constantemente as reflexões desta pesquisa no momento da escrita, que acontece no isolamento. Neste contexto, as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) foram para que a população se mantivesse em casa. Com tratativas orientadas por Estados e municípios, as escolas foram as primeiras instituições a fechar, em março de 2020, os parques públicos fecharam na sequência, os centros comerciais também. Cada cidade no seu contexto de avanço e desaceleração do vírus, buscava melhoria de seus índices de isolamento como estratégia para não pressionar o sistema de saúde.

Em Sorocaba, cidade desta pesquisa, e também morada desta pesquisadora, o mesmo ocorreu. Dentro da cena de educação, primeiro houve a suspensão de todas as aulas em março, depois o retorno gradual das escolas particulares, de forma online, no início de abril. No mesmo período as escolas Estaduais anunciaram a disponibilidade de aulas via televisão e suporte dos professores de forma remota. Por último, as escolas municipais, já em julho, divulgaram a mobilização de atividades não presenciais para os alunos da rede. A escola passou a ser a “casa”, o computador a “sala de aula”, os amigos estavam distantes, professores ainda mais, suas rotinas foram transformadas, como ficaram as crianças neste processo?

A pergunta fica no ar.... São tantos contextos diferentes, há famílias em que os pais estão trabalhando de casa em *home office*, outras que os pais continuam a rotina com suas saídas para trabalhar, se desdobrando para ajustar a nova rotina com as crianças em casa. Mães *solo*¹¹ que precisam se afastar de seus filhos para continuar trabalhando, mães que saem, pais que ficam... e sim, muitas famílias, que durante a Pandemia perderam seus empregos e estão vivendo de ajuda humanitária. Como ainda resistem? Novamente, suspiro sem respostas...

¹²Faz duas semanas exatas que ralentei minhas saídas de casa, aos poucos nós por aqui fomos nos resguardando, na terça dia 17 de março, Helena parou de ir para a escola, eu, também deixei meus compromissos e fui trocando as experiências externas, pelas plataformas online. Aos poucos fui me conectando com os de dentro, com a minha casa. Os primeiros cinco dias foram muito difíceis, não sei dizer se foi a aceitação interna minha e da Helena do que estava acontecendo, se foi o descompasso do pai que ainda circulava entre o trabalho e a casa. Foram dias pesados, tentando segurar o choro, segurar a emoção para não desequilibrar a criança que estava comigo e precisava passar por este momento da melhor forma possível. Era preciso, principalmente para ela, ainda pequena, entender o momento novo, as dificuldades desta reclusão, mas compreender a necessidade de primeiro cuidar de nós e dos outros e manter a calma. Por fim, comecei a me organizar, algumas pequenas coisas foram clareando e as obrigações e compromissos foram se ajustando.

O desafio, diante de nenhuma das minhas atividades diminuírem, era trazer um novo compasso para a minha casa, uma forma de agirmos eu e Eduardo, diante do novo cotidiano que nos foi imposto. Passada esta primeira semana atribulada, a segunda semana foi de ajuste. Os dias foram passando e o que era novidade, virou rotina, estávamos todos em casa, todos os dias, trabalhando, cozinhando, arrumando a casa, brincando. Escrever acabou tendo cada vez menos espaço, pois tempos de reflexão de forma individual, eram poucos nesta rotina emaranhada. Passei a tentar acordar mais cedo que a Helena, para sentar a frente do computador antes que ela pudesse despertar, mas quando eu engatilhava no tema, conseguia desfiar as palavras, logo vinha ela a solicitar minha presença.

¹¹ Mulheres que são as únicas ou principais responsáveis pela criança. No Brasil, “são mais de 11 milhões de mães solo no Brasil que vivem diariamente o impacto da pandemia causada pelo novo coronavírus, de acordo com dados levantados pelo IBGE em 2018.” (SILVA, 2020) Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/> Acesso em 17 de out. 2020.

¹² As inserções do caderno de campo seguem a proposta de recuo das citações diretas, com o uso da mesma fonte e tamanho, para destacar, opto pelo uso da versão em itálico, como opção para diferenciar das narrativas em terceira pessoa.

Presença... sim mesmo estando todos juntos na rotina, em todas as refeições, o entendimento dela de presença, não era só estar junto, era necessário compartilhar a experiência, presentificar o momento. Eu e o pai, por estarmos sempre por ali, na casa, acabamos negligenciando, em alguns ciclos deste isolamento, momentos de dedicação exclusiva a ela. Inclusive dedicação exclusiva a uma só tarefa, começou a ser um desafio para mim, parecia que para dar conta da nova rotina, precisava sair fazendo mais coisas quanto pudesse, e de certa forma perdi muito concentração neste período. (Notas de caderno de campo, 2020)

Este texto, extraído do meu diário de campo, traz o relato do início de um isolamento que perdura até o momento, outubro de 2020. Em menor escala, com pequenas aproximações com a família, mas que ainda traz o peso da responsabilidade de manter as distâncias para evitar contaminações e proteger as pessoas ao meu redor. Frente a este contexto trago palavras de Rodrigo Turin (2020), em um texto produzido para a N-1 edições, na coletânea online com o tema Pandemia, para trazer relevo a este momento:

Não há mais distinção entre dentro e fora, entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Essa nova forma de sincronização é muito mais radical e violenta, forçando os corpos a incorporarem um ritmo frenético e autodestrutivo. As pessoas não escolhem se auto explorarem, elas são induzidas a isso por uma série de mecanismos que as forçam a níveis de produtividade e de performance cada vez mais insustentáveis, seja na saúde, na educação, no direito, na ciência ou em qualquer outra esfera. (TURIN, 2020, p. s/n)

Escrevo este texto, enquanto brinco de caça ao tesouro, “está muito quente” grito entre as palavras aqui. Hoje, entre um parágrafo e outro, já fui ao parquinho, já enchi piscina inflável, já dei almoço, isso no dia que no “combinado” da família seria exclusivo de trabalho da “mamãe” para a escrita da dissertação. A pressão, pode não ser exatamente como nas palavras de Turin (2020), mas ela existe ainda em outros níveis que o autor não citou. Mesmo com combinados, e as organizações de rotina, eu, mulher, mãe, compreendo que incorporo ainda mais este ritmo frenético. Combino funções maternas, do lar, da pesquisa e do trabalho, e nunca paro, de fato. A pressão é grande, o cansaço também, mas e as crianças? Como elas resistem neste ambiente tão diferente? A pergunta persiste... o eco também...

Era um dia qualquer da pandemia, a mãe procurava equilibrar a rotina. Entre brincadeiras, atividades enviadas pela escola, e alguns momentos online com as professoras e os amigos de escola, o interesse pelas letras do alfabeto começou a despertar. Helena estava em seu último ano da educação infantil, seus momentos de interação com a escola eram espaçados e pontuais, em geral duas vezes por semana, em salas virtuais por trinta minutos. A professora começou a apresentar as letras e estimular seus alunos a desbravar dentro de suas casas as palavras do seu cotidiano.

Pela manhã, mãe e filha haviam brincado com papelão, montado um estacionamento para os carrinhos com elevador e tudo. Agora era hora do almoço, a mãe estava na cozinha adiantando os cozimentos, o pai trabalhava no escritório e a menina quieta levantava suspeitas. A mãe, quando percebeu o silenciamento resolveu averiguar o que acontecia, afinal em outros momentos, este silêncio já significou aventuras um tanto perigosas. Desta vez, era consequência de um estado de concentração. A menina tinha aproveitado as rebarbas do papelão que ainda estavam espalhadas pela sala, para criar uma régua com todas as letras do alfabeto. A mãe observou de longe o feito, e retornou para a cozinha em silêncio. A filha quando terminou, foi ao encontro da mãe para apresentar sua criação e pesquisa.

Depois deste dia, vieram as brincadeiras com força, mais um pouco as descobertas fonéticas, rimas e a busca por conhecer as palavras. Rótulos, palavras na televisão e o caça palavras da avó que convivia com a família nos finais de semana eram brincadeiras advindas da curiosidade da menina que queria desvendar os mistérios desta linguagem que todos de sua casa já sabiam codificar.

Acompanhar o desenvolvimento da minha filha em meio a pandemia, de forma livre e espontânea não desconstruiu a importância do papel da escola em seu processo formativo, mas salientou as linhas de fuga que as crianças encontram em seu aprendizado. Helena sente falta da escola, dos amigos e das professoras, percebo em seu comportamento nuances mais egoístas e uma dificuldade de aceitar negativas. Mas observo também, o quanto seu desenvolvimento não parou neste período de pouco contato com a instituição, e o quanto o cotidiano escolar está impregnado na sua busca e não apenas atrelado aos espaços educativos.

É necessário considerar, ainda, pela existência dessas tantas formas de articulação dos vários contextos, que precisamos compreender que os muros das escolas são meras criações imaginárias, mas não indicam o que existe, no que se refere às relações entre as múltiplas e diversas redes educativas e as escolas: precisamos compreender que vivemos todos dentrofora das escolas e que o que é aprendidoensinado nas tantas redes de conhecimentos e significações em que vivemos entra em todos os contextos, porque é encarnado em nós (ALVES, 2010, p.1197).

O cotidiano escolar já estava encarnado na pequena Helena, ela deixou o espaço escolar, mas continuou a aprender, estimulada pelas práticas da professora, pela mediação de seus pais, pela sua própria curiosidade. Em seu tempo, ela aprendeu a andar de bicicleta sem rodinha, em seu tempo começou a compor músicas com rimas, em seu tempo, já consegue ler algumas palavras, em seu tempo ela experimentou suas próprias escolhas, seu próprio devir criança.

A criança molecular é aquela que se produz através de seu meio, não do que se é, mas do que pode vir a ser ao se abrir aos diversos dados dos sentidos e das coisas. Quando o corpo devém criança entra em um estado exploratório e experimental com o mundo, com as pessoas, com as coisas e com os lugares, por isso, dizer para criança não fazer determinada coisa, porque poderá se machucar, não será compreendida por seu corpo criança, já que para ele é preciso ralar o joelho para sentir a dor, é preciso um roxo na canela para tentar controlar as passadas das pernas e construir alguma noção espacial. (NEUSCHARANK, p.5)

Esta pequena observação do meu cotidiano no isolamento, dos joelhos ralados e do aprendizado pela experiência, reforçam a leitura sobre a pedagogia nômade que esta pesquisa defende, sobre o cotidiano que transborda a escola, um cotidiano vivido de um povo menor, que se abre para o mundo, mesmo que este mundo seja apenas sua, casa, seu quintal.

Contudo, a experiência desta criança não abarca todas as infâncias em isolamento, traz, apenas um recorte do que pulsou em mim nestes dias: infâncias e resistência. Para adensar mais este tema, teço esta trama com os pulsos que vieram dos compartilhamentos semanais do grupo Ritmos de Pensamento. Durante todo o primeiro e segundo semestre de 2020 os encontros do grupo eram momentos de pesquisa, compartilhamento de leituras, mas também um espaço de acolhimento das angústias e dificuldades deste período de isolamento.

A primeira preocupação levantada pelo grupo foi a migração da escola para o ambiente online. Era realmente necessário encaminhar as crianças para uma mudança radical, para manter o cumprimento dos 200 dias do ano letivo? As famílias e professores teriam estrutura física e tecnológica para introduzir este novo formato de educação à distância? Ao longo das semanas, documentos e discussões eram trazidas ao grupo para reflexão. Um deles foi a nota pública da UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais), que dizia:

O planejamento da oferta da EAD, como atividade complementar ou substitutiva às aulas presenciais, precisa considerar: a ausência de rede física de Internet e de equipamentos; a situação socioeconômica das famílias dos estudantes; a falta de formação dos profissionais da educação no uso dessas tecnologias.

Além disso, nem todos os estudantes possuem a autonomia de estudo exigida para o uso da EAD, principalmente as crianças mais novas. No caso da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, é necessário um outro tipo de abordagem para garantir o ensino-aprendizagem, visto que o processo se dá de maneira interacional (UNDIME, 2020).

Nas colheitas feitas com professores próximos aos ritmeiros e ritmeiras¹³, ficava claro que nem todas as famílias possuíam estrutura mínima para uma migração online, perguntas ecoavam, afinal as crianças precisavam de tecnologia, ou de cesta básica? Este fio levantou outras preocupações do grupo: em que condições vivem as crianças em isolamento? O que comem, e se comem? Possuem cuidados básicos, seus representantes legais estão conseguindo lidar com esta interação diária? Na outra ponta, observando as crianças que estavam inseridas nas aulas remotas, como estaria sendo sua adaptação? Estariam sobrecarregados? Imersos neste modelo capitalista, de escolas particulares e de uma entrega do “serviço contratado”, uma pressão invisível pairava pelas infâncias. Neste emaranhado de perguntas mais um texto ecoou no grupo de pesquisa, a autora Giane Mota (2020), fez a seguinte pergunta: “Qual é o lugar da infância, em tempos de Pandemia?”

Mais uma vez, como é habitual na educação, todos os olhares se voltam para garantir o Chronos. Garantir a lei, garantir o direito, garantir a aula, afinal há que se garantir o

¹³ Nome dado aos integrantes do grupo de pesquisa Grupo Ritmos: estética e cotidiano escolar (GREeCE).

ano letivo. Parece que tudo está movido pela ideia econômica de que não se pode perder: não se pode perder a hora de trabalho pedagógico, não se pode perder tempo, não se pode ter uma escola fechada, não se pode manter uma equipe sem trabalhar - isto gera gasto, não se pode perder o calendário escolar, não se pode perder o controle, não se pode... mas deve? Deve-se perder um tanto e pouco mais de tudo isso? (MOTA, 2020)

Volto aos meus aprendizados com minha filha e desfilo outro tema entrelaçado entre a pesquisa e o isolamento.

O tempo.

Era qualquer dia da semana na casa de Tabta, Helena e Eduardo, durante a pandemia. A mãe tentava incluir na rotina as atividades enviadas pela professora da turma da Helena: atividades de artes, de experimentação e de movimento. Tabta chegou a comprar um painel para escrever, na geladeira, junto com a filha as atividades que fariam em cada dia e colou a sugestão das professoras próximo a este painel para que a menina pudesse decidir o que fazer. As tentativas de inclusão foram frequentes, mas de fato poucas atividades seguiram o “cronograma” da mãe. A menina não se interessava muito pelas atividades, ela queria seguir livre, brincando de acordo com seus fluxos. Quando uma atividade se destacava aí sim, ela queria repetir, repetir, repetir... Depois de um tempo, a mãe deixou fluir, e percebeu que com este movimento tudo ficou mais leve e ainda sim pouco se perdeu. Helena brincou com artes, se movimentou e se abriu às descobertas, em seu tempo *Aion*, e não no tempo imposto *Chronos*.

Continuo nas reflexões... Sim perdemos muito neste período, foi difícil ficar longe dos amigos e da família, foi difícil não poder sair de casa. Por outro lado, foi muito bom ter mais tempo de convivência nas refeições, tempo para compartilhar as atividades da casa, tempo para nos sentarmos juntos no sofá, um tempo sem medida, o tempo *Aión*.

O *Aión*, tempo individual, próprio a cada ser, sem cronômetro ou medida. É disso que as crianças precisam nesse momento. Mais do que uma rotina de atividades que as sobrecarrega por meio da tecnologia, com tarefas mil, links de vídeos diversos, links de filmes, metas, quiz, vídeo- aulas, vídeo que comprove suas ações, precisamos galgar um meio de conversar com elas. Precisamos de espaço para ajudá-las a externalizar seus sentimentos, espaço de diálogo sobre o que estamos vivendo e como podemos enfrentar tudo isso (MOTA, 2020).

E novamente a pandemia nos traz reflexões sobre como vivemos, e o que estamos fazendo com o nosso tempo, com a nossa vida. Abro este espaço para refletir sobre o “tempo da oportunidade” (FIGUEIREDO, 2020), como expressa a artista em seu “Livro Branco”, e em meu livro abro espaço para costurar a

Presença

Depois de tantas reflexões que atravessam esta pesquisa, apresento meu caminho metodológico que foi construído no processo, numa arte costura cartográfica. Bordei uma cartografia dos eventos de brincar com o apoio dos registros audiovisuais e das reflexões que atravessavam a bordadura. Me desafiei neste processo, a enxergar as camadas, ver modos de existências diferentes, adultos e crianças em suas diversas perspectivas, nos momentos de brincar coletivo. “Aqui ainda se trata fazer ver até mesmo aquilo que permanece invisível, o mundo originário das essências do vivido” (LAPOUJADE, 2017, p.49). Me virei de cabeça para baixo, como ALVES (2015) orienta:

Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como não entendê-las como apoio e verdade, mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano. (ALVES, 2015, p.139)

Os registros dos encontros foram produzidos nos eventos realizados no ano de 2019 e começo de 2020. Os *dadospalavras* e os pulsos foram aos pouco sendo construídos através dos atravessamentos entre arte e ciência, numa “correspondência mundana que pavimenta o unísono da imaginação e da experiência” (INGOLD, 2019). Com as

imagens e através delas, na bordadura, fui dissertando sobre os fatos vividos na pesquisa. O caderno de campo foi outra ferramenta de registro importante neste processo.

Para apresentar este caminho, como uma dissertação, retomo as orientações de Nilda Alves (2015), no artigo “Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas” e narro a vida encontrada nestes percursos e guardada pelos recursos interpretativos de forma a resgatar a memória cotidiana destas ações desenvolvidas para “trazer à tona uma narrativa que não é linear, nem progressista, e sim tudo que é considerado restos” (ALVES, 2015, p.149), que prefiro chamar de gestos.

Com pistas de um percurso metodológico cartográfico, desenrolo a trama que apresento em forma de capítulos. Depois das memórias e dos atravessamentos com autores que compõe o primeiro capítulo: *Memórias que fazem bem lembrar*, apresento o segundo: *Cartografia dos pontos*, que contempla a narrativa e os processos cartográficos desta que é pesquisadora, sonhadora, mãe, brincante, educadora ecologista, narradora de histórias e agora cartógrafa iniciante.

No *Bordando cotidianos*, narro os atra(versa)mentos da pesquisa dentro de palavras-pulso que costurarão o percurso vivido no cotidiano dos eventos de brincar observados. Dos desdobramentos da pandemia em curso, nasceu os *(Des)encontros*. E, para virar a página se achega o *Desbordar*, com os aprendizados bordados e transbordados ao longo da pesquisa.

Referências

- ALVES, Nilda. **A narrativa como método na história do cotidiano escolar**. Disponível: www.bibliotecadominiopublico.com.br. Último acesso em 12 de jun. 2020, v. 29, p. 0972009, 2000.
- ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Revista Teias, v. 4, n. 7, p. 8, 2003.
- ALVES, Nilda. **A aula: redes de práticas**. Os processos cotidianos de aprender e ensinar. Rio de Janeiro, 2000b. [Tese apresentada para o concurso de professor titular na Uerj]
- ALVES, Nilda. **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Autêntica, 2015.
- ALVES, Nilda. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação**. Educação & Sociedade, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, 2010.
- ALANA, Instituto. **Programas do Instituto**. Disponível em <https://alana.org.br/#programas> Acesso em 21 de jun. de 2020
- ALIANÇA PELA INFÂNCIA. **Sobre a iniciativa**. Disponível em <http://aliancapelainfancia.org.br/> Acesso em 21 de jun. de 2020
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, MIA de. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana Editora, 2018.
- ROMAGUERA, Alda; BARCHI, Rodrigo. **Quem somos, Oaxaca?/¿ Quiénes somos, Oaxaca?/Who are we, Oaxaca?**. Encontrar y Encontrarse—un desafío transdisciplinario desde las ciencias sociales, v. 3, p. 19, 2020.
- BÁSICA, CÂMARA DE EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB 2/2018**, Brasília, 2018. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98311-rceb002-18&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20%C3%89%20obrigat%C3%B3ria%20a,e%20das%20normas%20nacionais%20vigentes. Acesso em 26 de out 2020.
- BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Em Obras escolhidas, v.1 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987a, pp. 36-49.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Vol. 1. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987b.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

CASTRO, Alan. **A criança que fui um dia**. Reverb Poesia. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/FaW8-qmlCol> Acesso em 12 jun. 2020.

Castelo Rá Tim Bum, TV Cultura, 1994.

CATUNDA, Marta et al. **ABC dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. Tese de Doutorado. Tese (Educação e Cotidiano Escolar). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade de Sorocaba–UNISO. 2013.

COSTURANDO MEMÓRIAS. **Manifesto**. 2020. Disponível em <http://costurandomemorias.com.br/manifesto/> Acesso em 21 de jun. 2020.

DA VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil et al. **Fiar a escrita: Políticas de narratividade–exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica**. 2015. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. Tese de doutorado – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

DALMASO, Alice. et al. **Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka - por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. Editora 34, 2000.

DELEUZE, Giles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DE OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Cotidianos aprendentes:** Nilda Alves, Regina Leite Garcia e as lições nos/dos/com os cotidianos. Momento-Diálogos em Educação, v. 25, n. 1, p. 33-50, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 14, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. **Conversas em redes e pesquisas com cotidianos:** a força das multiplicidades acasos, encontros, experiências e amizades. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não, p. 41-65, 2018.

FIGUEIREDO, Vera. Livro Branco. 2020. Disponível em: <https://verafigueiredo.com/tempo-de-oportunidade>. Acesso em: 17 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 23ª edição. São Paulo: Cortez, 1989.

FRIEDMANN, Adriana. **O papel do brincar na cultura contemporânea.** Revista Pátio: O Faz-De-Conta na Educação Infantil. Ano I, n. 3, p. 14-16, 2004.

FRIEDMANN, Adriana. **O universo simbólico da criança:** olhares sensíveis para a infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FRIEDMANN, Adriana et al. **Paisagens infantis:** uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças. 2011.

GALLO, S.. **Acontecimento e Resistência:** educação menor no cotidiano da escola. In: Ana Maria Facciolli de Camargo; Márcio Mariguela. (Org.). Cotidiano escolar? emergência e invenção. 1ed.Piracicaba: Jacintha Editores, 2007, v. 1, p. 21-39.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 21ª edição. 2012.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. **A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia.** Educação e Pesquisa, v. 46, 2020.

NEUSCHARANK, Angélica. **Notas de estudos sobre devir-criança, linguagem e tempo: “o tempo muda”.** ClimaCom – Devir Criança [online], Campinas, ano 7, n. 18, Set. 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/notas-de-estudos-sobre-devir-crianca-linguagem-e-tempo-o-tempo-muda-angelica-neuscharank> Acesso em 03 de out. 2020.

KOHAN, Walter. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LINS, Daniel. **Mangue's school ou por uma pedagogia rizomática**. Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, 2005.

MAGRÃO, Sérgio; SÁ, Luiz Carlos. **Caçador de mim**. NASCIMENTO, Milton. Caçador de mim, v. 1, 1981.

MONTEIRO, Huarley. M. V. et al. **Narrativas dos moradores da Terra Indígena do Alto São Marcos-RR: diálogos nas fronteiras do cotidiano escolar**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

MOTA, Giane A. Sales S. **Qual é o lugar da infância, em tempos de Pandemia?** 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/devirformacao/posts/3121847164543941>. Acesso em: 17 out. 2020

PRADO, Bárbara, et al. **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: a recuperação de matas ciliares**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2004.

PADRO, Bárbara; REIGOTA, Marcos (orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção cultura, memória e currículo; v. 8)

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar**. 159f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP. 2009.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Pro-reitoria de pós-graduação, pesquisa, extensão e inovação. Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2017.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. Editora Peirópolis LTDA, 2016.

ROMAGUERA, Alda. WUNDER, Alik. **Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz**. Revista Brasileira de Estudos da Presença [Brazilian Journal on Presence Studies], v. 6, n. 1, p. 124-146, 2016.

ROZENBERG, Bianca et al. **Kombi dos jogos: narrativas cartográficas dos brincantes**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2017.

SCHÖRNER, Ancelmo. **O movimento pela “obra” e os moradores em movimento**: pedagogia cotidiana no morro da Pedra-Jaraguá do sul (SC): 1998-2003. In: Colóquio: Filosofia e Educação: desafios e perspectivas, 2006, Blumenau: Editora da Universidade Regional de Blumenau, 2006.

SILVA, Alexandre De Freitas, et al. **Narrativas ficcionais e discursos sobre a violência no cotidiano escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP. 2004.

TURIN, Rodrigo. Tempos pandêmicos e cronopolíticas. Coleção Pandemia Crítica. N-1 edições. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/121> Acesso em 5 de out. 2020.

VIDIGAL, Maria Cecília Souto. **Sobre a Fundação**. <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/> Acesso em 21 de jun. de 2020.

WILLMS, Elni Elisa, et al. **Escrevivendo: uma fenomenologia rosiana do brincar**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2013.

CARTOGRAFIA DOS PONTOS

Um dia Guilherme Augusto escutou sua mãe e seu pai conversando sobre Dona Antônia.

- Coitada da velhinha – disse sua mãe.

- Por que ela é coitada? – perguntou Guilherme Augusto.

- Porque ela perdeu a memória – respondeu seu pai. (...)

- O que é uma memória? – perguntou Guilherme Augusto. Ele vivia fazendo perguntas

(FOX, 1995).

Empresto a pergunta de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, personagem principal do livro homônimo da autora Men Fox, (1995) para iniciar este capítulo e rememorar os passos desta aprendiz-pesquisadora e suas escolhas metodológicas. Apesar das palavras na epígrafe iniciarem a narrativa do livro que escolhi usar de apoio para costurar este capítulo, o processo de alinhavo e o percurso de aprendizado desta escrita não aconteceram de forma sequencial, como nas páginas de um livro.

Entre aulas e orientações o caminho se constituiu de forma “aparentemente” desorientada e confusa; uso estas expressões, para registrar a minha impressão, relatada, inclusive, nas minhas primeiras páginas do caderno de notas sobre o mestrado. Hoje entendo que desde o início, a confusão era um ato de desatar nós, e a desorientação, a ansiedade de uma estudante que se preocupava mais com o fim do que com o processo. Ao relembrar as palavras de Benjamin (1987a), citadas no capítulo anterior, o avesso se mostrava interessante, mas a aprendiz pesquisadora ainda apresentava restos da aluna ordinária que se preocupava em andar na linha.

O que eu não sabia é que meu caminho seria cheio de nós, e que ao se desatarem, fios cruzados teceriam uma trama de acontecimentos múltiplos. Que cada experiência seria um aprendizado, ou talvez muitos aprendizados, e, então, novas perguntas viriam, num ciclo infinito, que precisou ser recortado neste processo de aprender fazer, que na verdade tomou o fluxo contrário, de um saber que emerge do fazer (PASSOS, BARROS, 2015).

Nada mais era circunstancial, os registros em caderno pedidos, num primeiro momento, pela orientadora, de forma sutil e amorosa, com a intenção de soltar a escrita, registrar processos internos, já não tinham apenas este propósito, eles se tornaram também notas de um caderno de campo, de uma praticante cartográfica que iniciava sua produção de dados. Já desde o primeiro mês, as pistas mostravam que a postura de uma cartógrafa seria o primeiro desafio a ser enfrentado. Meu olhar não seria mais o mesmo, o cotidiano que se dissipava na rotina, agora era material subjetivo de um percurso de pesquisa. Precisei retomar a cadência, como mesmo escrevi nas notas de 02/04/2019:

Retomar uma cadência, perguntar, perguntar... Perguntas ainda sem resposta, suposições se desfalecendo, outras se iluminando. Ainda sinto que estou perdida, mas mesmo neste processo confuso, me sinto atenta, presente e viva. (Notas de diário de campo 02/04/2019).

Ao ler estas notas, lembro-me do sentimento envolto nestas palavras, do ar entrando pelos meus pulmões, da vivacidade de estar presente, à espreita. Meu corpo respondia à atitude de pesquisa, não era só a minha mente que absorvia os conteúdos que começavam a ser apresentados, mas a minha postura de observadora contribuía para uma retomada após um estado de inércia. Precisava deste sopro do percurso acadêmico para suscitar o estado de alerta. Não era somente o olhar guarda-chuva, aberto para acolher o inesperado (KASTRUP, 2015). Mas o corpo mergulhando com todos os sentidos na pesquisa. Assim como Alves (2003) provoca, ao nomear este passo: o sentimento do mundo. Sentimento este, aprendido ainda na infância, nas constantes viagens já descritas aqui e que aos poucos foram resgatadas e somavam para a formação desta que é agora uma *praticantepensante* dos cotidianos.

Com atenção redobrada, desatando o nó desta reversão metodológica que decidi percorrer, de “transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*” (ALVAREZ, PASSOS, 2015, p.138), abri-me às dúvidas, aos autores, aos professores durante os meses iniciais. Por vezes, parei, escrevi, li, reli, ausentei-me da escrita, fui para caminhos de escuta em congressos, palestras, oficinas. Estava distante do papel, mas em constante atenção. Estes atravessamentos me trouxeram neste lugar, deslocaram-me por vezes da escrita, mas me reafirmaram o ponto primeiro, o de aprendiz pesquisadora, que aos poucos compreendia o caminho, como paisagem, como cartografia. E neste processo não via separação entre teoria e prática, “entre espaços de reflexão e ação” (ALVAREZ, PASSOS, 2015, p. 149). E aprendia que o registro e compartilhamento do processo de pesquisa era mais que apenas uma ferramenta de lembretes para a escrita, ela passava a ser gatilhos de reflexões que se costuravam dentro desta grande trama que é a pesquisa.

A intenção destas próximas linhas é a de dialogar com os autores que aos poucos inseri no cotidiano de pesquisa. Narrar caminhos, experiências e atravessamentos que compuseram o todo, não de forma intencional, como

num referencial teórico que nos é recomendado por professores e orientadores, mas por composições incertas que não tinham alvo certo, mas compuseram as camadas desta pesquisa.

Súplica do tempo

O primeiro movimento fora-texto que fiz já no ambiente do mestrado foi a participação no 8º Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI), em abril de 2019, no campus da USP em São Paulo. No caderno de campo, as memórias destes dias, 16/04/2019:

Iniciei esta jornada de forma solo, mesmo assim meu percurso foi coletivo, o caminho entre caronas e conversas, chego ao campus da USP, nos encontros dos corredores, retomo laços, encontro novos abraços e um novo abraço, o sonho coletivo, de uma infância livre, de uma escuta sensível e um respeito mútuo. RESISTÊNCIA é a palavra. (Notas de diário de campo 16/04/2019, grifo próprio)

Sabia que precisava absorver ao máximo, afinal quando que minha face mãe poderia de novo se ausentar de casa por uns dias para se debruçar somente a ouvir os outros, e não ao chamado “mãaae”? Corria sem parar, com o programa nas mãos tentando encaixar todas as escutas possíveis: Silvio Gallo, Alexandre Filordi de Carvalho, Sandra Regina S. Richter, César Donizetti Pereira Leite, Wenceslao de Oliveira Junior, Gandhi Piorski, Lydia Hortélio, Sonia Kramer, dentre tantos outros. Não sabia quais falas e como estas me atravessariam, mas estava aberta, atenta aos encontros. Como assim orienta Alvarez e Passos (2015, p.137) “Aberto à experiência de encontro com o objeto da pesquisa, o aprendiz- cartógrafo é ativo na medida em que se lança em uma prática que vai ganhando consistência com o tempo, marcando o propósito de seguir cultivando algo.”

As sementes da palavra foram assim lançadas, como as pequenas faíscas colocadas por Gallo (2019) que ao incitar a todos “a sonhar os mais belos dos sonhos” alimentava minha versão sonhadora e com a provocação de que “somos incapazes de reagir ao tempo cronológico” ele me instigava a não desistir, e sim a resistir, pois “precisamos ser vetores disruptivos do tempo”. Nesta sementeira, a palavra tempo ecoava... tempo...tempo..., mas que tempo?

Qual seria o tempo da criança? Já trouxe neste costurar, pistas com Barros (2015), Piorski (2016) e Bondía (2002). Acrescento neste ponto as palavras de Kohan (2004), que também cruzaram meu percurso nas aulas, durante o primeiro semestre de 2019.

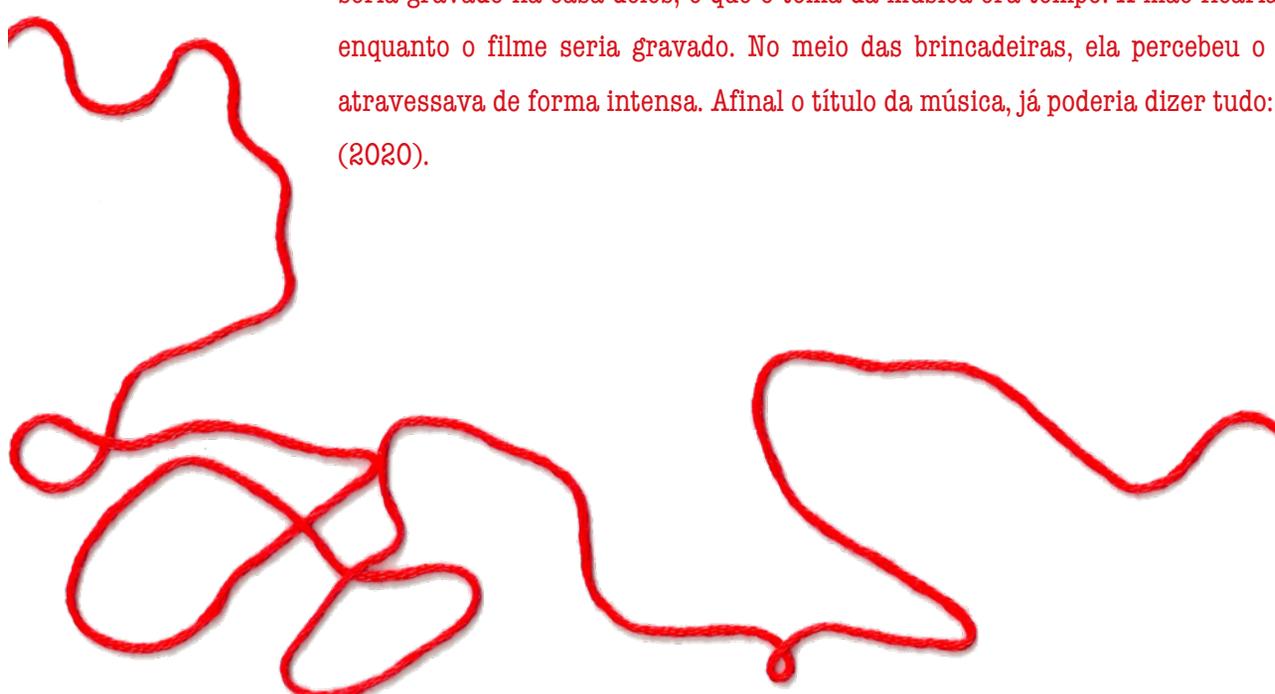
Mesmo que *chrónos* tenha sido a palavra mais bem-sucedida e comum entre nós, não é a única para designar o tempo. Outra é *Kairós*, que significa 'medida', 'proporção', e, em relação com o tempo, 'momento crítico', 'temporada', oportunidade (Liddell; Scott, 1966, p. 859). Uma terceira palavra é *Aión* que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva (Liddell; Scott, 1966, p. 45) (KOHAN, 2004, p.53).

Ao trazer estas descrições, o autor trouxe uma reflexão cruzada com as infâncias, sobre a forma e natureza da relação da criança com o tempo. Ao complementar este trecho, o autor traz a complexidade do “reino infantil” que não é regido por um tempo sucessivo, mas sim por uma força, a intensidade infantil da experiência.

É este o lugar que escolho adotar como concepção de tempo da criança, o lugar da experiência, o lugar do brincar, que não conhece ruptura, que se desdobra em outros *espaçostempos* e que se suspende num campo poético fora da objetividade do mundo. Abro uma memória recente das últimas férias de verão, em janeiro de 2020, para contar como a palavra tempo me atravessou, num dia qualquer, sem pretensão acadêmica, no cotidiano vivido das minhas férias.

A mãe precisava de um tempo; as férias da filha, não significavam férias da pesquisadora que precisava escrever sua dissertação. Entre tantos dias tentando encontrar espaço para dissertar, em meio a realidade materna em tempo integral, tomou um respiro e decidiu desistir do posto da escrita para “descer a serra” e aproveitar o verão com a parte da família que morava no litoral sul de São Paulo. A viagem feita de ônibus descendo a Serra de Santos, já foi uma experiência e tanto para mãe e filha que nunca tinham descido juntas para a praia neste transporte. O tempo ralentado, a espera, a observação do caminho, faziam a mãe relembrar as viagens de quando criança. Mas o passeio desprezioso ainda tinha outras cenas de encontros com tempos ralentados.

Encontros com ela mesma, no tempo que pode ter sozinha para cuidar de si, e principalmente um encontro especial com a arte. Encontros com uma família, em outro compasso, a faziam aprender outras dinâmicas de cozinhar, de servir, de estar. Na noite de sexta feira, sua prima avisou que um clipe do grupo Tukum Bando¹⁴ seria gravado na casa deles, e que o tema da música era tempo. A mãe ficaria nos bastidores cuidando das crias, enquanto o filme seria gravado. No meio das brincadeiras, ela percebeu o roteiro, as cenas, a letra e tudo a atravessava de forma intensa. Afinal o título da música, já poderia dizer tudo: Súplica ao Tempo, de Bruno Olivieri (2020).



Tempo, senhor do mundo
Por favor, me escuta
Te peço desculpas
Sorrindo pra ti

É que o hoje é tão belo
É o momento singelo
Que vivo agora
Não pode partir

Sei que a cada segundo
Se reinventa o mundo
E o que eu era agora
Já não sou mais

É que sou pequenino
Me descobrindo
Entendendo que as horas
Ficarão para trás

Te prometo tempo, que te
Aprenderei
Mas só enquanto eu não sei,
Para o tempo um segundo
Só dessa vez

¹⁴ Tukum bando, música tempo Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V0EypJ8SjyE> Acesso em 21 de jun. de 2020

Senhor das delicadezas
E dos desafios
Das novidades sem fim

Eterno é o encanto
Movimento e beleza
Que moram em ti

É que em um instante encontrado
De sorriso largo
Ali quero morar

Sei que o tempo é fluxo
O fluir rege mundo...
Mas eu quero parar!

Te prometo tempo, que te
Aprenderei

Mas só enquanto eu não sei,
Para o tempo um segundo
Só dessa vez
(OLIVIERI, 2020)

Retomo a narrativa em primeira pessoa, para contar os afetos desta música na pesquisa em andamento. Ela provocou uma pausa, um redesenho, já tinha algumas linhas escritas e uma ideia de estrutura, mas a música me atravessou, e não foi apenas sua letra que me fez refletir. Ao me afetar, fez pulsar novas ideias e outras formas para organizar os capítulos desta dissertação. A súplica continua, “te prometo tempo que te aprenderei, mas só enquanto eu não sei, pare um tempo um segundo, só desta vez.” (OLIVIERI, 2020) E me traz a seguinte reflexão: por que afinal os adultos precisam suplicar ao tempo, enquanto as crianças fluem no tempo? Como podemos fluir com elas?

Continuo este percurso cartográfico, que inclui não só os *espaçostempos* dos eventos que logo serão apresentados, mas também o cotidiano vivido desta aprendiz cartográfica e seus afetos.

O caderno de bordar

Outro atravessamento importante nas minhas idas e vindas, foi conhecer durante a oficina Ecologia de Devires - Devir Criança, no segundo semestre de 2019, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o trabalho de Alice Copetti Dalmaso (2017). Com trechos de sua tese espalhados entre as linhas, fotos, numa experimentação artística, tomei contato com a seguinte frase: “Borda-se para ocupar outros lugares do corpo-pensamento, entortar palavras, (de)formatar-se (para, por vezes, deixar de ser aquilo que vem sendo, desaprender, desinvestir, nas identidades maiores) (DALMASO, 2017, p.73).

Esta atividade puxou um ponto, as palavras me atravessaram. Bordar já era algo que havia experimentado para evidenciar os encontros de brincar, numa proposta de instalação fotográfica que por fim não aconteceu, ainda antes de eu entrar no mestrado. Mas as fotos bordadas preparadas para a exposição cancelada acabaram passeando em algumas oficinas que ofereci durante o mesmo semestre, e assim encontraram os olhos da professora Alda que sugeriu uma reflexão sobre o suporte foto e o bordado produzido nele.

A amarração destes acontecimentos, não foi imediata. No dia da oficina pedi para Alice me encaminhar a tese que continha o trecho apresentado anteriormente. Li, quase que em seguida, mas passaram-se alguns meses do encontro com Alice até o encontro das fotos com Alda, e mais algum tempo para eu pegar estas duas linhas e transformar num laço que ampliou minha relação com o fazer bordar e a escrita desta pesquisa. Trago aqui o arremate, as palavras de Alice que traduzem esta experiência pulsante:

Perceber que esse momento de bordar é de, passivamente, esperar que algo se passe na relação com as linhas, com as cores, com o tipo de ponto que escolho, que algo faça vibrar a teia enquanto se fianda. Quando eu crio esses tempos e espaços para bordar, quero entrar em relação com esse tecido, com as lãs, com o que penso, e escrevo (escrevendo em mim o texto que outrora tenha lido, com as coisas que disse, com a conversa que se teve em espaços diversos, e que acabam se tornando escrita) (DALMASO, 2017, p.31).

O suporte escolhido não foi o tecido, mas as fotos produzidas nos eventos observados. O bordado além de acentuar a mensagem que suspendia nas fotos, ele movimentava a escrita. Cria intervalos, espaços, vazios para pensar sobre leituras, pensar sobre e com a pesquisa e seu entorno (DALMASO, 2017).

Para complementar, entretanto com as reflexões de Alda Romaguera e Alik Wunder (2010), para justificar a escolha do suporte: fotografia, não somente como documentação, mas como potência no processo de escrita.

(...) pensar a criação fotográfica menos por sua força de retenção e documentação. Apostar na pulsação vibrátil das imagens fotográficas, na sua força inventiva e ficcional que se dá entre a finitude e a infinitude do tempo (ROMAGUERA, WUNDER, 2016, p.126).

Logo, componho um objeto que reúne as duas propostas: bordado e fotografia. O caderno de memórias, faz composição a esta pesquisa num processo de *foto-escrita-experimentação* (idem, p.133). Suas páginas de linhas e pontos trazem a cor e são moldura para as narrativas dos eventos e dos acontecimentos. O desafio é não só escrever sobre as fotografias, “mas de escrever e pensar pelas fotografias, atravessando e sendo atravessada por elas” (WUNDER, 2007, p.5).

As fotos selecionadas para este trabalho, no segundo e terceiro capítulo, fazem parte do acervo do Projeto Costurando Memórias, que desde os primeiros eventos registrou seus encontros com o apoio de fotógrafos voluntários. Tal como as idealizadoras, eles acreditam na potência dos eventos como micropolíticas para/com/das infâncias. Cada profissional que, passou pelas edições do Brinca, Sorocaba!, trouxe seu olhar, sua perspectiva frente aos acontecimentos, trouxe sua narrativa e poética.

A seleção obedeceu ao critério de incluir apenas fotografias do recorte dos eventos datados para esta pesquisa. Nas pastas de cada evento, o segundo critério intercambiou imagens que pudessem captar a essência dos eventos ao mesmo tempo em que fossem fotos sem rostos marcados, pois era inviável buscar as autorizações de uso de imagens, após os eventos terem acontecido. Por fim as imagens disseram por si e não foi a segunda regra um crivo possível,

por isso precisei encontrar outras alternativas para resolver o problema das autorizações. Neste caminho, fui cuidadosamente buscando os entrelaçamentos entre os autores aqui evidenciados, com as imagens produzidas nos eventos, fui a observadora perseguindo “a centelha do acaso”, como Benjamin (1987b) assim diz:

Apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muitos extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo olhando para trás (BENJAMIN, 1987b, p.94).

Olhava para trás a cada imagem que aparecia em minha tela do computador. No momento da seleção primeira, algumas me tocavam, outras me conectavam às minhas próprias memórias dos eventos, vibravam atravessamentos vividos. Depois da seleção, com as fotos impressas, outro momento de imersão aconteceu, agora mais ralentado. A bordadura me fez adentrar no profundo, pulsar as histórias, os sentimentos. Conversas seguiam um fluxo, do papel fotográfico ao papel da escrita.

Aos poucos retomava conceitos apresentados em outra oficina vivida com o Coletivo Ritmos de Pensamento em 2018. A pesquisadora Amanda Leite, mediadora deste encontro, fez o convite para que os integrantes da oficina explicassem menos as imagens e as deixassem falar mais, exercitando sentidos outros, atravessamentos, blocos de experimentação, como assim explica em seu artigo:

Em que medida, a fotografia produz novas subjetividades? Quais sintomas decorrem da relação leitor-imagem, imagem-leitor? Que efeitos certas experimentações provocam? Até que ponto o leitor pode se impregnar com a imagem? A fotografia tornar-se tateável? Estas questões ajudam-nos a pensar. O que a fotografia contemporânea busca talvez seja deslocar o sujeito para o lugar do “entre” – não um “entre” relativo à metade, ao medial, mas um “entre” desterritorializado, que se inunda da imagem e, a partir dela, sobre ela, com ela e por ela é capaz de lançar questionamentos sobre o tema. Um “entre” livre do julgo. Um “entre” mais híbrido. Um “entre” que não vê a obra completa, mas que potencializa os fragmentos da imagem e manifesta inacabáveis perspectivas. E, como sabemos, a fotografia não pode

ser fixada em um ponto de vista único. É o movimento, a instabilidade do instante que pode gerar no observador algum tipo de experiência (LEITE, 2016, p.425).

Nesta pesquisa, as fotos primeiro me impregnaram, pulsaram seus *afectos e perceptos* (Deleuze, Guatarri, 1992, p. 213), deixaram de ser apenas registros dos eventos para provocarem blocos de sensações, como discorrem os autores sobre estes conceitos:

O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido (Deleuze e Guatarri, 1992, p. 213).

Estes blocos de sensações que serão apresentados no terceiro capítulo, primeiro foram por mim percebidos. Neste processo os sentimentos foram trans-bordados através das linhas apresentadas na bordadura, a escolha do ponto, o lugar do furo, as linhas, tudo foi primeiro atravessado em mim, tornando se uma composição tátil que “manifesta inacabáveis perspectivas.” (LEITE, 2016, p. 425).

Este desdobramento da imagem como objeto tátil, avançou a cada fotografia que ia sendo bordada. A busca por aprender a técnica, outras possibilidades de pontos, ao mesmo tempo desafiava-me a produzir um artefato que trouxesse a *experiência/sentido* (LARROSA, 2016), que provocasse *afectos e perceptos* (Deleuze e Guatarri, 1992), que deslocasse o sujeito para o lugar do “entre” (LEITE, 2016) e que trouxesse para a pesquisa o pulso dos eventos, não só em imagens, mas em *bloco de sensações* (Deleuze e Guatarri, 1992).

Para sair das percepções vividas, não basta evidentemente memória que convoque somente antigas percepções, nem uma memória involuntária, que acrescente a reminiscência, como fator conservante do presente. A memória intervém pouco na arte (mesmo e sobretudo em Proust). É verdade que toda a obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra (Deleuze, Guatarri, 1992, p.218).

A escolha do bordado, como processo, passou pelas narrativas das experiências já destacadas nos trechos anteriores. Mas o tema bordadura, ganhou corpo diante de um novo desafio apresentado a mim, durante o período de isolamento.

Era final de fevereiro de 2020, Tabta não tinha começado suas aulas do mestrado, mas continuava sua pesquisa em meio as outras atribuições de sua rotina, projetos apareciam para o Costurando Memórias, e reuniões surgiam com possibilidades de parcerias com empresas para realizar um evento conjunto com a Secretaria do Meio ambiente ainda no primeiro semestre, além de uma agenda que já previa a Semana Mundial do Brincar em maio. A bisbilhoteira, educadora, pesquisadora ao mesmo tempo que ficava feliz com o encaminhamento dos eventos, estava aflita com o trabalho que se intensificava na reta final de seu mestrado. Em meio a este cenário, um convite para realizar uma aula teste no curso de moda na Faculdade Belas Artes em Sorocaba trazia um misto de alegria, insegurança e ansiedade, pois incluiria na agenda, já atribulada, o percurso de um semestre com a disciplina Oficina de Estamparia. Durante o processo seletivo, um acontecimento, a Pandemia do Corona Vírus provocou uma mudança no cenário brasileiro, a aprovação como professora substituta da disciplina já em curso, aconteceu na mesma semana em que o Governo do Estado de São Paulo orientou o fechamento das escolas em todo Estado. De repente, todo o seu planejamento do ano tomou outro curso, os eventos do Costurando Memórias estavam suspensos, ninguém sabia ao certo quanto tempo iria levar o isolamento. Por outro lado, Tabta iniciava sua jornada como professora de educação superior, em casa, conhecendo seus alunos pelas janelinhas da sala online.

O primeiro semestre seguiu seu curso desta forma, com aulas online no mestrado, encontros virtuais com o grupo de estudo Ritmos de Pensamento, e o compartilhamento de processos de estamparia via Zoom¹⁵. O desgaste foi grande, houve momentos de desânimo tanto da aluna-professora quanto de seus alunos, alguns estavam insatisfeitos por não conseguirem ter todas as ferramentas e possibilidades que o aprendizado presencial proporcionava, mas Tabta seguiu procurando alternativas para trazer experiências

¹⁵ Aplicativo de vídeo conferência utilizado nas aulas de graduação.

para seus encontros virtuais e fechou seu primeiro semestre com bons compartilhamentos em sua disciplina. Passado o mês de julho, ainda com incertezas sobre o retorno presencial, aos poucos a docente em formação recebia suas novas disciplinas para o segundo semestre. A Oficina da memória de Ofício: tecelagem aproximou as pesquisas do fazer manual de sua dissertação com as possibilidades de promover reflexões com os alunos sobre o fazer manual.

A história da tecelagem e as narrativas atravessadas da cidade de Sorocaba, chamada no passado de Manchester Paulista, pelo desenvolvimento da indústria têxtil no início do séc. XX, apontou possibilidades de aprofundar estes fazeres com as narrativas dos alunos que fariam parte da disciplina. Com a pergunta, “qual é o seu fio na moda?” Ela desafiou o compartilhamento de narrativas pessoais sobre os atravessamentos com o curso que escolheram como profissão, pediu que pesquisassem a história de seus familiares para quem sabe encontrar histórias de operários e operárias que fizeram parte desta narrativa sobre as tecelagens de Sorocaba. Trouxe também para os alunos, a história das operárias, com a participação da artista visual Flávia Aguilera para apresentar sua pesquisa e uma prévia de sua exposição “Livro de Registro”¹⁶, que foi exposta no SESC – Sorocaba, no ano de 2019 e apresentava narrativas de operárias no início do século XX. Unindo estes fios a intenção era desconstruir a visão poética sobre o título que a cidade recebeu, e apresentar uma realidade que ainda perdura no mercado de moda, a exploração e as baixas condições de trabalho, principalmente no campo dos fazeres manuais. Os registros da época descrevem que o perfil dos operários das indústrias têxteis de Sorocaba do início século eram mulheres e até crianças que trabalhavam durante 14 horas/dia com condições de trabalho precárias. Este ponto: mulheres e o trabalho manual, foi destaque de outras discussões da disciplina que também percorreu oficinas destes fazeres, como bordado na fotografia, e o tecer com as mãos, para oferecer possibilidades de atravessamentos outros e apresentar não só os fazeres, mas a potência deste espaço coletivo de compartilhamento de narrativas pessoais.

¹⁶ Para conhecer um pouco sobre a exposição, há os registros documentados no site do Jornal Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/cultura/memoria-dos-operarios-vira-exposicao-no-sesc/> Acesso em 18. out. 2020.

Fecho este trecho que apresenta um pouco sobre a docente em formação, para desfiar outro ponto teórico que abraçou não só a disciplina de Memória de Ofício, como também entrelaça meu processo narrativo à escolha do fazer manual da bordadura.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história. (...) Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (...) A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade - ela é própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987b, p.205).

Meu caminho narrativo foi aos poucos sendo entrelaçado pelo fazer, pela urdidura, que ralentou a minha escrita, me deixou em alguns momentos a deriva, sem saber que caminho seguir, e se este meu caminho cheio de fios, faria sentido para os leitores. Desconstruindo meu apego ao processo lógico linear, fui me apoderando desta tessitura milenar, das histórias e das costuras. Estes caminhos descontinuados e a intensidade deste processo de escrita me fazem recordar de outro texto que compartilho para costurar outro ponto deste caderno.

O que se narra é um fluxo, o que se escreve é uma intensidade, não há como oferecer uma forma pura para o que é vida. Por isso, o escritor é aquele que

Menina

artista

educadora

costurafa

vagalume

mãe

aprendiz
pesquisadora

estudante
de design

biribolteira
das
infâncias

empreendedora

sonhadora

bordadeira

Figura 7: Multiplicidades

Fonte: bordado da autora/ 2020.

desenha a sua vida por um modo esgarçado, percorre linhas sem saber a sua continuidade, nas quais o ato de escrever torna-se um movimento selvagem e a palavra se faz e desfaz-se, a linguagem gesta-se e se experimenta (ROMAGUERA, BRITO, 2018, p.94).

As bordaduras permanecem comigo em todo caminho desta escrita. Observo, perfuro, passo a linha, gesto as palavras, respiro, de novo olho atentamente, experimento. As cores e as linhas sobrepõem-se a imagem, compõem a cena, destacam os personagens. Sinalizam uma crítica, poetizam as crianças. Neste processo de bordar, o fazer das mãos tornou-se uma travessia, fluxos indo e vindo, texto tecido num vai e vem de linhas, um “entrelaçamento perpétuo” como assim traz Barthes (1987):

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido nessa textura o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (BARTHES, 1987, p. 92-93).

Minhas multiplicidades, que pulsaram no caminho da bio:grafia, agora se entrelaçam nesta tessitura bordada, já não sou a bisbilhoteira somente, nem mesmo a pesquisadora, todas as minhas versões se entrecruzam e se dissolvem. A educadora ecologista pulsa não somente com as crianças, mas com os jovens que percorrem as disciplinas do curso de Moda, a pesquisa em educação atravessa o curso da disciplina da Memória e não diferente a tecelagem invade meu percurso de escrita.

Para abrir espaço para outros pontos desta pesquisa, fecho este trecho com Benjamin (1987b) e abro outras possibilidades de reflexões que ficam em aberto nesta composição texto, textura, tecido, urdidura, bordado.

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que

sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.) (...) Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre narrador e sua matéria - a vida humana - não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência - a sua e a dos outros - transformando- a num produto sólido, útil e único? (BENJAMIN, 1987b, p. 220-221)

Afinal, o que é memória? Matéria da experiência?

A história de “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” cruzou meu caminho no mesmo quinze de julho de 2017, narrado no primeiro capítulo como o dia do lançamento do portal do Costurando Memórias. O livro foi um presente dado por uma amiga convidada para este evento. Ela acreditava que a história escrita por Men Fox (1995) poderia trazer outras perspectivas para a tessitura do projeto. O que eu e ela não imaginávamos era o quanto esta história me atravessaria não só no alinhavo do Costurando Memórias quanto no bordado da pesquisa de mestrado.

A história do menino que queria ajudar a amiga, uma senhora com Alzheimer, a recuperar sua memória, mostra a essência de uma memória da experiência, ou poderia dizer “matéria da experiência” ? (BENJAMIN, 1987b) Buscando respostas para a sua pergunta, o menino, saiu a conversar com seus amigos do asilo, lugar onde morava a sua amiga Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro e todos os outros com os quais o menino convivia. Com a pergunta: “O que é memória?” O menino recolhia suas impressões sobre as respostas dos senhores e senhoras que ali viviam. Sra. Silvano disse que era algo quente, Sr. Cervantes que era algo caro, Sr. Valdemar falou que era algo que fazia chorar, e Sra. Mandala que fazia rir. Com estas e outras respostas, que prefiro não contar para não estragar a experiência da leitura deste livro, o menino saiu a procurar as memórias de sua amiga. Neste caminho trouxe elementos, objetos que para ele representavam as palavras mencionadas nas respostas. E sim, com uma cesta de objetos ele conseguiu fazer sua amiga se lembrar.

Esta história sensível me transportou para as palavras de Benjamin (1987b) no texto em que ele discorre sobre A Imagem de Proust, que aprofunda a temática da rememoração: a reminiscência. Analisando e apresentando a obra de Proust pela perspectiva da vida deste autor, Benjamin nos convida a refletir sobre a memória, a recordação, o acontecimento.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve com rigor, o modo de textura (BENJAMIN, 1987b, p.37).

Na história do menino e da senhora, no momento em que Guilherme presenteia a amiga, a memória dela se abre, os gatilhos promovem a reminiscência não só do momento vivido, mas do que aconteceu antes, durante e depois: as experiências, os sentimentos, os gostos, o desdobrar dos sentidos. Sra. Antônia sentiu o calor, lembrou da textura da areia, sentiu tristeza e alegria, lembrou das memórias antigas e das recentes. Ela penetrou no “universo dos entrecruzamentos” (BENJAMIN, 1987b, p. 45) um tempo do eterno, entrecruzado entre passado e presente “(idem, p. 45)

O entrecruzamento de Proust é memória do saber em Certeau (2012), uma memória que se revela no “momento oportuno” (idem, p.146), e que brilha como brilharam as memórias de Sra. Antônia. Como também, cintilam minhas memórias de infância nesta pesquisa com atravessamentos múltiplos que se desfiam, como diz o autor:

Este saber se faz muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. Não tem enunciado geral e abstrato, nem lugar próprio. É uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desafiando as suas singularidades. Instruída por muitos acontecimentos onde circula sem possuí-los (cada um deles é passado, perda de lugar, mas brilho de tempo), ela suputa e prevê também “as vias múltiplas de futuro” combinando as particularidades antecedentes ou possíveis (CERTEAU, 2012, p.146).

A menina que roubava crianças traz latente a bisbilhoteira, e essa se movimenta combinando suas particularidades com a pesquisadora. A palavra memória acompanha o caminho de ambas. Desafio aqui um pouco mais este tecido para apresentar o contexto do Projeto Costurando Memórias que também virou nome desta dissertação, por um tempo, e narrar o processo da concepção destes nomes que foram entrelaçados numa costura não tão linear quanto parece.

Tabta e Carla decidiram caminhar juntas, queriam fazer algo diferente de forma diferente, Tabta pouco a pouco se aproximava dos conceitos ecosóficos de Gattari (2012), Carla no entremeio do término de seu mestrado e de uma aproximação com o doutorado, trazia a sua paixão pelas narrativas da memória e as possibilidades de interlocução com o leitor. Tabta tinha latente sua preocupação com as crianças no cotidiano das cidades e o pouco tempo de presença para vinculação familiar. Carla acolheu a preocupação da amiga e nas manhãs em que se encontravam foram alinhavando possíveis caminhos de trabalho. No começo era um negócio, que nunca saiu do papel, logo veio o projeto ancorado na experiência familiar e na memória: o Costurando Memórias. Ambas desejavam, o que Guilherme Augusto Araújo Fernandes ofereceu para sua amiga, um resgate da memória, a memória do brincar de adultos que já não brincavam tanto assim e que possivelmente também não estavam brincando com as crianças que estavam do seu lado. Não se tratava de “infantilizar” os adultos como Kohan (2004) reforça, mas promover encontros em devir, entre adultos e crianças, novas memórias e outras experiências.

Quando decidi ingressar no mestrado em Educação, já tínhamos eu e Carla percorrido um bom caminho neste percurso de tentar (re)criar experiências e memórias. De uma tentativa digital vieram as experiências de encontros de brincar. No projeto proposto para a entrada no PPGE - UNISO, a intenção era investigar o que acontecia nestes eventos, mas de fato a escrita não deixava claro esta minha intenção. Para “encaixar” o projeto na linha de pesquisa, para justificar o que talvez não precisasse de justificativa, acresci uma miscelânea de referências e deixei o projeto confuso, tanto quanto confusa foi a minha entrevista. Lá ao apresentar o que realizava na cidade, deixei pulsar a questão do empreendedorismo social, mais do que a minha intenção de investigação. Por isso quando recebi a

afirmativa do processo seletivo e também a devolutiva da minha entrevista pela minha já então orientadora, por um tempo, deixei o Costurando Memórias de lado, a bisbilhoteira também. Foram necessárias muitas voltas para retomar o caminho do costurar como nome e principalmente como processo. Lembro então, da reflexão de Laura Barros e Virgínia Kastrup (2015) sobre o processo de pesquisa numa perspectiva cartográfica:

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações (DE BARROS, KASTRUP, 2015, p.58).

Optei por não deixar estas pulsações de lado na escrita, e por isso trago estes recortes para evidenciar o caminho, o processo. O menino do livro pulsou não só no início do Projeto, mas na escrita hoje deste trabalho, Benjamin (1987b) trouxe a textura de uma memória que se desdobra em rizoma, que não tem começo nem fim. Certeau (2012) aponta para o conhecimento que se desfia da memória fora de um tempo cronológico.

Retomo mais um trecho de Certeau (2012) para re(ligar) as memórias com as intenções já narradas das bisbilhoteiras ao promover os eventos de brincar e apresentar o processo de criação dos eventos cartografados nesta pesquisa.

Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro. E por isso ela se desenvolve também com a relação – nas sociedades “tradicionais”, como no amor – ao passo que se atrofia quando se dá a autonomização de lugares próprios (CERTEAU, 2012, p.152).

O decalque do bordado

Com a intenção de tocar as memórias pelas circunstâncias, e deste campo preparado produzir dados para esta pesquisa, foi que iniciei o planejamento dos eventos de brincar nos anos de 2019 e 2020. Aproveitando o calendário já aplicado no ano de 2018 pelo projeto Costurando Memórias, desenhei um decalque das intervenções dentro da

mesma dinâmica: férias de verão, semana mundial do brincar, férias de inverno e mês da criança. Nestes ciclos propostos, as datas alinhavadas foram: maio 2019, julho 2019, outubro 2019 e janeiro 2020.

A proposta do caminho metodológico se confirmou no processo da pesquisa exploratória realizado durante o primeiro semestre de 2019. A dissertação de Rozenberg (2017) “Kombi dos jogos: Narrativas Cartográficas dos Brincantes” me aproximou do percurso cartográfico como processo de pesquisa. O caminho metodológico da autora e a sua observação de brincantes avizinhou nossas propostas, e suas narrativas apoiaram o meu entendimento sobre o processo cartográfico como assim também coloca a autora:

Ao utilizar de narrativas para traçar uma cartografia de encontros no processo das ocupações, inseri-me como uma pesquisadora no/do/com os cotidianos brincantes que emergiam dos encontros entre a Kombi e os micro lugares da cidade de São Paulo (ROZENBERG, 2017, p.27).

A posição teórica da autora de que era possível estabelecer um espaço tempo de brincar como caminho para a ressignificação dos espaços e das relações trouxe pistas para o meu percurso de pesquisa. Sinais que precisaram ser aprofundados com a leitura do livro Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (KASTRUP, ESCOSSIA, PASSOS, 2015) para superar mais uma das marcas da minha formação que insistia em trazer linearidade a uma costura de múltiplos pontos desalinhados. A cada passo lido, um arremate me aproximava do desenho cartográfico e esmaecia as marcas anteriores. Já não pensava em coletar dados, mas produzir dados, eu tinha planos traçados, mas estava aberta aos acontecimentos. Entendi que precisava praticar a cartografia e não aplicar e que minha pesquisa se encaminhava para uma pesquisa-intervenção na qual o/a pesquisador/a caminha junto e se constitui neste caminho.

Intervir, então, é fazer esse mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes característica dos processos de institucionalização (DE BARROS, PASSOS, 2015, p.26).

Nos entrelaçamentos desta pesquisa essa dissolução aconteceu não apenas nos eventos em si, mas nas memórias postas até aqui, que se constituem elementos desse emaranhado de forças a atravessar o tempo todo a pesquisa. Lembro-me do quanto a menina pulsa na educadora e do quanto a bisbilhoteira impulsiona a aprendiz pesquisadora. Todas misturadas, compõem as forças que me motivaram e motivam a trabalhar com/ pelas crianças e optam pela luta, como assim desafia Freire (1977):

Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer". (FREIRE, 1977, p.48)

Desloco a narrativa em terceira pessoa para trazer as personagens imersas no contexto de suas primeiras "lutas".

Desde o primeiro evento criado pelas amigas bisbilhoteiras, suas intenções eram premeditadas, elas queriam modificar cotidianos infantis, desejavam fissurar as rotinas em espaços confinados e criar linhas de fuga para adultos e crianças, através de eventos de brincar nos parques da cidade de Sorocaba. Elas tinham em mãos seus próprios recursos, ambas tinham o design em suas formações pessoais, sabiam utilizar da criatividade para criar possibilidades e experiências. Carla conhecia melhor os mecanismos de comunicação e as ferramentas de produção de conteúdos imagéticos, tinha facilidade de atuação nas redes da internet. Tabta por outro lado, tinha mais aprofundamento na temática das infâncias e habilidades manuais para produzir elementos visuais e brincadeiras. Juntas começaram a organizar e realizar os eventos do Costurando Memórias.

O cuidado com a escolha dos materiais, com a produção das instalações e a comunicação encaminhada aos pais e famílias com convites para brincar, tinham a intenção de religar a memória dos adultos primeiro, para que eles aceitassem o convite de brincar. Elas sabiam que a criança não viria sozinha, era necessário um apelo aos pais para este primeiro passo, o aceite para sair de casa e vir brincar no parque. Nas cheganças, o espaço era preparado não apenas para as crianças, mas para todos. A escolha das cortinas de chita coloridas, as fitas coloridas voando entre as árvores, os bambolês com mandalas de crochet, inúmeros recursos visuais com caráter

manual feitos por Tabta, traziam possíveis elementos de conexão com o adulto e de experiência para as crianças. Possíveis notas do piano que poderiam tocar a memória dos presentes. Elas não apostavam somente em recursos visuais, a escolha das brincadeiras era organizada nesta mesma orientação narrativa, eram brincadeiras do passado, brincadeiras das memórias coletivas de infância: elástico; cordas, bambolês, vai e vem, bola na lata, pé de lata. Todos elementos dispostos na grama, no parque convidando os participantes a sentir o cheiro do mato, da terra e auscultar as memórias dos quintais das casas das avós. A bolha de sabão gigante era o elemento surpresa, ela trazia o encantamento dos brinquedos do ar e trouxeram para os eventos o tempo de assoprar.

Trago as palavras de Mirian Silva (2019), orientadora de Carla nos tempos de mestrado, para adicionar outro elemento teórico que influenciou o percurso narrado e que contribui para nossa luta:

Parece-nos correto afirmar que a memória, articulada pela linguagem, narrativizada, é um artifício capaz de nos vincular aos nossos muitos tempos vividos, aos que nos antecederam, aos que estão ao nosso redor, aos distantes e aos que ainda virão. Na memória, convergem o real (o fato, a experiência concreta) e o verdadeiro (as verdades universais atreladas ao sentir, ao imaginário, às experiências internas), pois o memorar, próximo do co-memorar enseja o estarmos juntos para re-viver, e transforma-se em narrativa, tanto a partir da experiência no mundo objetivo quanto da interpretação dessa experiência e, ainda, da fabulação que toda narrativa supõe. (SILVA, 2019, 159-160)

Em meio às possibilidades do (re)memorar, fabular, vivenciar foram organizados os eventos de brincar. Na esperança de trazer o tempo da experiência (BONDÍA, 2012) um tempo de contemplação e abertura. Em 2019 e início de 2020 a preparação dos eventos foi produzida como decalque do ano anterior, um desenho prévio foi rabiscado a partir das vivências dos eventos passados, as ideias iniciais mantidas, ambientação, decoração e outras possibilidades foram sendo incluídas conforme as características específicas da estação do ano, a temática, os elementos oferecidos, as estações.



Figura 8: Ponto de bordado: Fitas

Fonte: Fotografia José Neto

Para aprofundar o contexto do território desdobre o conceito do avesso, costurando Deleuze e Guattari em Mil Platôs Vol. 04 (1997) no subcapítulo a seguir. Antes fecho este trecho com os mesmos autores em outro volume da mesma obra para rebordar a palavra decalque e reforçar sua possibilidade de vir-a-ser rizoma:

Se é verdade que o mapa ou o rizoma têm essencialmente entradas múltiplas, consideraremos que se pode entrar nelas pelo caminho dos decalques ou pela via das árvores-raízes, observando as precauções necessárias (renunciando-se também aí a um dualismo maniqueísta). [...] A contabilidade e a burocracia procedem por decalques: elas podem, no entanto, começar a brotar, a lançar hastes de rizoma, como num romance de Kafka (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.23-24).

Territórios de experiência

Então, Guilherme Augusto voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido as suas. Ele procurou uma antiga caixa de sapato cheia de conchas (...)
Ele achou a marionete, que sempre fizera todo mundo rir (...) Ele lembrou-se, com tristeza, da medalha do seu avô (...)
Depois achou sua bola de futebol, que para ele valia ouro; por fim, entrou no galinheiro e pegou um ovo fresquinho, ainda quente, debaixo da galinha.
(FOX,1995)

Retomo a história do menino, para destacar os objetos carregados de significados pessoais que ele escolheu para ajudar sua amiga a resgatar suas memórias e entrelaço com o conceito de território que opto por costurar a partir das palavras de Deleuze e Guattari (1997):

O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os "territorializa". [...] Ele é construído com aspectos ou porções de meios. Ele comporta em si mesmo um meio exterior, um meio interior, um intermediário, um anexado. [...] Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo (idem, p.121).

A noção de território é ampliada nas palavras destes autores, ela não contempla apenas o espaço físico e não considera o espaço apenas um mediador, o território é o atravessamento dos corpos no espaço e no tempo e seus afetos, suas expressões.

Para esta pesquisa, território não é o Parque Chico Mendes, espaço que escolhemos para acolher a maioria dos eventos de brincar do projeto Costurando Memórias. Ele também não é apenas espaço somado à preparação realizada para acolher as famílias nos dias de encontros. O território são as expressões que acontecem no encontro das famílias, no lugar com as intervenções, são os ritmos que estes atravessamentos produzem, uma dimensão e não somente uma medida (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Por isso quando a pergunta desta pesquisa se aproxima, o que acontece neste evento? Neste espaço? Neste território? A resposta carrega todo o ritmo e expressão da relação espaço-produção-pessoas. E posso antecipar, que cada encontro produziu um ritmo, um novo território e são estas experiências que narro no capítulo três.

Retomo a narrativa do livro para criar um ponto cheio que será incorporado ao caderno: o ponto território. No dia em que Guilherme entregou sua cesta de memórias para Dona Antônia, eles habitaram um território, um *espaçotempo* no qual a senhora (re)ligou suas lembranças, o espaço asilo, era o mesmo de antes, o menino também, mas os objetos escolhidos depois da pesquisa do menino e a simplicidade da leitura da criança aos conceitos que lhe foram apresentados, transformaram estes objetos em matérias de expressão (DELEUZE, GUATTARI, 1997) que produziram uma experiência única para os dois que ali estavam.

Qual é este movimento objetivo? O que uma matéria *faz* como matéria de expressão? [...] Com efeito, *as qualidades expressivas ou matérias de expressão entram em relações móveis umas com as outras, as quais vão "exprimir" a relação do território que elas traçam com o meio interior dos impulsos e com o meio exterior das circunstâncias.* Ora, exprimir não é pertencer; há uma autonomia da expressão. De um lado, as qualidades expressivas estabelecem entre si relações internas que constituem *motivos territoriais*: ora estes sobrepujam os impulsos internos, ora se sobrepõem a eles, ora fundem um impulso no outro, ora passam e fazem passar de

um impulso a outro, ora inserem-se entre os dois, mas eles próprios não são "pulsados" (idem, p.108, grifo do autor).

O ovo quentinho não teria pulso se não encontrasse na senhora o impulso interno da sua memória de quando encontrou um ovo pintado no jardim da casa da sua tia (FOX, 1995). A medalha trouxe as memórias da guerra, e a tristeza de não ter visto seu irmão retornar. Todos aqueles objetos oferecidos por Guilherme estabeleceram relações móveis, para o menino tinham um significado, para a senhora outro, e destas relações se estabeleceram impulsos internos e constituíram *motivos territoriais* (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Da mesma forma, a escolha dos objetos que compuseram os eventos de brincar, analisados nesta pesquisa, tinham esta mesma intenção: de provocar pulsos em relação. Todas as escolhas de brincadeiras compunham motivos territoriais e do desdobramento se esperava uma experiência como encontro, como pontua Bondía (2012) “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova (idem, p.25).

Na manhã de domingo de 16 de fevereiro de 2020, Tabta saiu cedo de casa para preparar o Parque Chico Mendes para o evento. Chegou nos portões do parque pontualmente as 8h, hora que rotineiramente os funcionários do parque abriam as portas para o público. Ela tinha uma missão primeira: colocar todas as suas ideias rapidamente em ação, produzir o espaço com as fitas, os bambolês, montar as estações de brincadeiras. Mas tinha uma ideia em especial que ela fazia questão de realizar, era o elemento surpresa e foi preparado para levar o conceito da água, tema escolhido para a edição. A proposta era produzir uma instalação de bexigas transparentes com água azul em diferentes alturas para criar um cenário de gotas, como chuva, que poderiam resultar em projeções de luz quando os raios de sol atravessassem as bexigas transparentes com o líquido azul. Rapidamente encontrou uma voluntária que compreendeu sua intenção e deixou a produção na certeza que a instalação ficaria pronta para receber o público já na entrada do espaço que delimitaram dentro do Parque Chico Mendes. A voluntária ficou quase uma hora e meia pendurando as bexigas na árvore, em cima de uma pequena escada. Com os fios de nylon esticados, as bexigas pareciam voar como gotas azuis, assim como havia planejado a organizadora; o que ela não esperava era o que viria a seguir. No instante em que a voluntária desceu as escadas e finalizou o

trabalho, na sequência os pulsos das crianças criaram outras possibilidades para o cenário. Com gravetos postos nas mãos lá estavam eles aptos a estourar as bexigas numa brincadeira coletiva que levou poucos minutos para se findar. No tempo da experiência, não houve tempo de registro do cenário, ou tempo de contemplação das bexigas, o campo estava aberto, as crianças estavam ali e produziram seus pulsos em relação aos objetos apresentados. Em nenhum momento a produtora pensou que isto iria acontecer tão rapidamente, houve até um sentimento de pesar, afinal o trabalho não pode nem ser experienciado por ela, mas logo ela retomou sua atenção bisbilhoteira e se divertiu com o fato das crianças terem criado sua própria interação com a proposta, afinal era esta liberdade que ela pretendia criar nos eventos que propunha organizar.

Nesta narrativa trago um pequeno recorte do último evento que escolhemos cartografar nesta pesquisa, ele não aconteceu em janeiro como tínhamos decalcado no primeiro plano; por conta das chuvas de verão ele ocorreu no começo de fevereiro como assim foi relatado. A costura trouxe tanto dados que compõem a urdidura da palavra território nesta pesquisa, quanto os atravessamentos da própria autora com o conceito de acontecimento. Para fechar este trecho e abrir mais uma versão de mim mesma que se desdobrou no percurso desta pesquisa: a aprendiz cartógrafa, trago as palavras de Barros e Kastrup (2014):

Afetos próprios de um território, de um projeto, de um modo de fazer. Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa (idem, p.52).

A aprendiz cartógrafa

Para o aprendiz-cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura
(PASSOS, ALVAREZ, 2015, p.138).



Figura 9: Ponto de bordado: Gotas

Fonte: composição bordado da autora e fotografia de Carla Salles

Evento Brinca, Sorocaba – edição verão fev. 2020

Com estas palavras que entrelaçam o trecho anterior à paixão da bisbilhoteira já descrita em outros momentos, apresento o percurso destas personagens que se afunilam no fazer da aprendiz cartógrafa. Este caminho não foi tão simples, num primeiro momento a minha observação vinha carregada de julgamentos, certezas e expectativas, eu não estava aberta, meu olhar estava encoberto por uma atenção seletiva (KASTRUP, 2014) que me impedia de exercer o que de fato é atenção cartográfica: “ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta” (idem, p.34).

Meu caderno de campo traz relatos da dificuldade de encarnar esta atenção flutuante. Opto por transcrever alguns trechos de uma tentativa, no período que não tinha internalizado o processo de cartografar e trazia relatos e não narrativas atravessadas com a pesquisa. Este dia de “treinamento” não aconteceu nos dias propostos dos eventos, escolhi visitar um evento que nasceu da iniciativa do Costurando Memórias por estar insegura de que conseguiria registrar os eventos enquanto os organizava.

É difícil me despir da orientadora, promotora e organizadora nestes momentos e apenas observar. Afino o olhar, sem saber o que meus olhos irão ver, o que de fato será registro. Minha primeira percepção ao observar os chegantes brincantes foi a minha dificuldade de suspender o julgamento, já começava a descrever a cena com pré-julgamentos, ansiedade e expectativa. A primeira cena que descrevo é uma afirmação em meio a tantos não que as crianças estavam recebendo no início daquela tarde. Uma menina de pouco menos de dois anos desbravava o espaço de pintar, quebrando a lógica estabelecida na proposta inicial, o adulto pintava a mão e a criança carimbava na faixa com o nome do evento. Ela encontrou um pincel e dentro do seu próprio momento pintava sua mão e braços de cor verde. Seu pai observava ao lado, em pé, intervindo quando ela buscava acrescentar novas cores a sua experiência. Percebendo esta pequena resistência, voltou a seu foco de pintar e virou-se para carimbar suas mãos na faixa. Ninguém ali, a tinha orientado, toda a ação se deu espontânea e ela celebrou seu feito ao perceber que tinha dado certo. Esta pequena festa contagiou os que estavam ali ao redor. “Ai que delícia, ela pintou tudo” dizia uma senhora que estava ali por perto. O pai aflito com a “bagunça” abaixa, para convidá-la a fazer outra coisa. A resposta é um alto não! Uma afirmação que parecia ecoar no meio de tantas outras negativas dos adultos referências que ali estavam tentando afastar as crianças da “sujeira” que a estação de pintura proporcionava. Várias foram as falas, “Vem aqui primeiro, depois você pinta”; “Vai lá para ver” para tirar o foco da brincadeira que acontecia por ali (notas de caderno de campo 18/08/2019).

Neste ensaio de escrita, além da atenção espreita já identificada como desafio até mesmo durante o relato, há também um processo descritivo que não possui relação com a pesquisa, pois o território registrado não era o território proposto, os afetos ali eram outros e não havia o acompanhamento do processo. Aquele espaço por mais que produzisse pulsos na pesquisadora não se integrava ao processo de pesquisa já inicializado.

O “saber com”, diferentemente, aprende com os eventos à medida que os acompanha e reconhece neles suas singularidades. Compreende de modo encarnado que, mais importante que o evento em geral, é a singularidade deste ou daquele evento. Ao invés de controlá-los, os aprendizes-cartógrafos agenciam-se a eles, incluindo-se em sua paisagem, acompanhando os seus ritmos (ALVAREZ, PASSOS, 2014, p.143).

A minha postura à espreita do evento, como alguém de fora observando as cenas, também não era a posição necessária de uma aprendiz, foi preciso este retrocesso na agulha para entender que a produção de dados da pesquisa não precisava dessa postura, mas de uma atenção flutuante que participava com, que caminhava entre, e que em certo pulso ou ritmo configurava seu próprio campo perceptivo (KASTRUP, 2014) e deste ponto traçava um registro, um “saber com”.

Um saber que se mescla com os registros destes pulsos, dos contornos que se formam em relevo no território existencial e as memórias das experiências vividas, como também coloca a autora.

Memória e percepção passam então a trabalhar em conjunto, numa referência de mão dupla, sem a interferência dos compromissos da ação. [...] A cada experiência com um objeto se formam dois registros: a imagem perceptiva e a imagem mnésica virtual. Quando do reconhecimento atento, a memória dirige à percepção imagens que se assemelham a ela (KASTRUP, 2014, p.46).

Enfim a memória, tema costurado desde o início deste capítulo com o apoio de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, agora se faz recurso importante para as costuras das próximas páginas do caderno de bordado que apresenta os pulsos dos territórios existenciais pesquisados.

Referências

AGUILERA, Flávia. **Exposição: Livro de Registro**. SESC Sorocaba, 2019.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. *Revista Teias*, v. 4, n. 7, p. 8, 2003.

ALVES Nilda. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação**. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, 2010.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: obras escolhidas**. Vol. 2. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. 1. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987b.

BRYAN-WILSON, Julia; LEME, Mariana; RJEILLE, Isabella; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Histórias das mulheres, histórias feministas*. São Paulo: MASP, 2019.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DALMASO, Alice. et al. **Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

DE BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. 52-74.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP**. São Paulo, Nova Crítica, 1977.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque- Book, 1995.

DELEUZE, Gilles; **DO SENTIDO, Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

KOHAN, Walter. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

LARROSA, Jorge. **A experiência e suas linguagens**. Tremores: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-56, 2016.

LEITE, Amanda Maurício Pereira. **Fotografia: estímulos ao pensar**. Quaestio-Revista de Estudos em Educação, v. 18, n. 2, p. 419-442, 2016.

OLIVIERI, Bruno. **Súplica ao tempo**. Tukum Bando São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V0EypJ8SjyE> Acesso em 21 de jun. de 2020

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; WUNDER, Alik. **Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 6, n. 1, p. 124-146, 2016.

ROMAGUERA, Alda. Regina. Tognini; BRITO, Maria dos Remédios de. **Fissurar a educação por entre escrita deriva...** Revista Observatório, v. 4, n. 1, p. 89-114, 1 jan. 2018.

ROZENBERG, Bianca et al. **Kombi dos jogos: narrativas cartográficas dos brincantes**. 2017. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Narrativas da Cia. Tempo de Brincar:** Uma Poética Antropofágica. Revista Comunicação, Cultura e Sociedade, v. 10, n. 2, p. 152-171, 2020.

WUNDER, Alik. **Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola.** 31^a Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2007.

BORDANDO COTIDIANOS

Diferentes observadores, uma mesma fotografia e a pergunta: que palavras lhe surgem ao entrar em contato com esta imagem?

Um convite: entre na imagem experimente-a. Exercite um olhar passivo, que se deixa afetar pelas coisas vistas, não aquele ativo que quer explicar a imagem, dessecá-la, revelar a verdade que mora por detrás dela, dar-lhe uma versão oficial e verdadeira.

(WUNDER,2006, p.8)

Com o convite de Wunder (2006) abro este capítulo estendendo as possibilidades de urdidura aos leitores, compreendendo que a minha escrita e os afectos e perceptos (Deleuze e Guatarri, 1992), que serão lidos ou vistos a seguir são uma versão, frente às possibilidades de experimentação que um olhar passivo pode revelar.

Nas próximas páginas trago imagens que pulsaram palavras numa *foto-escrita-experimentação*. O bordado traz o relevo dos pulsos, dos sublinhados que transbordam a partir da pergunta: o que acontece neste território existencial dos encontros de brincar? As narrativas que opto por transcrever são outros pulsos que compõem os dados desta pesquisa. Assim, as imagens e a escrita são entrelaçadas, mas não subordinadas umas às outras, são memórias que pulsam *acontecimentos/sentidos* desta narradora personagem, que agora entretece todas as suas versões para entrar nas imagens/palavras e experimentar os acontecimentos atra(ver)sados nesta pesquisa.

Com a paixão de quem viveu a experiência e sendo a paixão a própria experiência, inspirada por Bondía (2002) “se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão “(idem, p.26); arrisco dizer o quanto reviver estes momentos afirmam minha escolha de caminhar com/na/pela educação. Com o povo nômade que ao ocupar os espaços propostos a convite do projeto Costurando Memórias, produz seu próprio território de experiência e não mais o que eu sistematicamente havia decalcado.

Em cada *corpolugar* um ritmo foi instaurado, em cada *tempolugar* um pulso ou pulsos diferentes atravessaram as *narrativasimagens*. Muitas vezes os eventos aconteceram no mesmo lugar, por isso opto por escrever tempolugar, também diferentes corpos transpassaram estes espaços e não podem ser esquecidos, *corpotempolugar* é a composição de palavras que reforça a dimensão única dos territórios existenciais cartografados. Num sobrevoo por estas paisagens, inspirada por Deleuze e Guattari (1991) opto por contornar com bordados as singularidades coletivas, reforço a costura em pontos para condensar e convergir pensamentos e abro espaço para criar, como nas palavras de Wunder (2011):

Outros sentidos nessa materialização do efêmero, como um *acontecimento* que se dá na própria linguagem, nesse “dizer das coisas e seres” (Deleuze e Guattari, 1995, p.13) por imagens. Sentidos que não provém do fato fotografado, mas desses dizeres sobre algo visto, atravessados pela passagem inexorável da luz (idem, p.167).

Pensei em iniciar a disposição das fotos de forma cronológica, na sequência dos eventos, até comecei a escrever este capítulo assim. Mas desta forma, o pensamento começou a ficar compartimentado, por evento, por palavra pulso, o texto arborescia, se fixava nos relatos, não me permitia desviar, sentir as imagens. As fotos começaram a explicar o texto e não transcender o contexto. Precisei parar, voltar nas palavras dos filósofos que me acompanham nesta escrita desde o começo para trazer a imagem do mapa, das múltiplas linhas que se entrecruzam, do rizoma.

Os paradigmas arborizados do cérebro dão lugar a figuras rizomáticas, sistemas, acentrados, redes de autômatos finitos, estados caóticos. Sem dúvida, este caos está escondido pelo esforço das facilidades geradoras de opinião, sob ação dos hábitos ou dos modelos de reconhecimento; mas ele se tornará tanto mais sensível, se considerarmos ao contrário, processos criadores e as bifurcações que implicam (DELEUZE, GUATTARI, 1991, p.276-277).

Em meio ao caos, entro nessa bifurcação desordenada que tem a intenção de proliferar pensamentos (GALLO, 2003) e, rearranjo este capítulo, não mais cronologicamente, mas como um mapa dos afectos e perceptos que emanam nas fotos, nos escritos de caderno de campo e na memória desta aprendiz pesquisadora, educadora, cartógrafa, bisbilhoteira, mãe e menina. Reforço também, minhas multiplicidades como potência neste processo “Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares” (DELEUZE, GUATTARI, 1991, p.86).



Era manhã de sábado, Tabta saiu cedo, com o carro lotado de apetrechos para compor dois espaços da programação da Semana Mundial do Brincar¹⁷ (SMB) 2019, o primeiro encontro seria no Parque Três Meninos, na Floresta Cultural, e tinha a parceria do Projeto Floresta Cultural¹⁸, da Comunidade que Sustenta a Educação (CSE) e do grupo Trilhares Educacional. O segundo encontro, no começo da tarde, seria na Escola Estadual Selma Cunha, no Jardim Tatiana, e tinha a parceria da escola por meio do Projeto Escola da Família¹⁹, da organização estudantil Enactus com alunos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) unidade Sorocaba e Missão Arca Underground, organização que atuava no bairro. Os encontros tinham propostas que se adaptavam aos espaços, na Floresta a programação contemplava passeio nas trilhas, cantigas de rodas, espaço sensorial com argila e bolhas de sabão. Na escola ela montou uma estação de brincadeiras populares, bolhas de sabão, estação de pintura, estação de jogos coletivos, oficina de skate e pintura com giz líquido. No evento da manhã, o friozinho ralentou a chegada das famílias, aos poucos pais e filhos foram acolhidos e compunham nos espaços. O clima era de intimidade, de atenção, de um coletivo fluido, tímido que aos poucos se integrava. No meio da programação um convite à grande roda, consolidou um ritmo já instaurado, uma cadência leve aos sons dos pássaros que gorjeavam e que se aquecia com os raios luminosos que vinham entre as árvores, um evento suave, delicado que terminou dentro da floresta numa expedição pelos espaços que muitos ali do bairro ainda não conheciam.

¹⁷ Semana Mundial do Brincar é uma iniciativa da Aliança pela infância que convoca núcleos no país a criar eventos na cidade para promover o brincar livre, na semana próxima ao dia 28 de maio, dia internacional do brincar.

¹⁸ Organização sem fins lucrativos, saiba mais nas suas redes sociais. Disponível em: <https://www.facebook.com/florestacultural> Acesso em 21 de jun. de 2020.

¹⁹ Programa Escola da Família – PEF, instituído pelo Decreto 48.781, de 7-7-2004, na rede estadual de ensino, revelado pelo desenvolvimento de ações socioeducativas e pelo fortalecimento das relações escola-família comunidade, promovendo, entre outros benefícios, a cultura da paz, a melhoria na aprendizagem dos alunos, a democratização dos espaços escolares, a redução da vulnerabilidade local, harmonia e solidariedade nas unidades escolares. (Resolução SE nº 3, 2019)



Figura 10: Ponto de bordado: ares

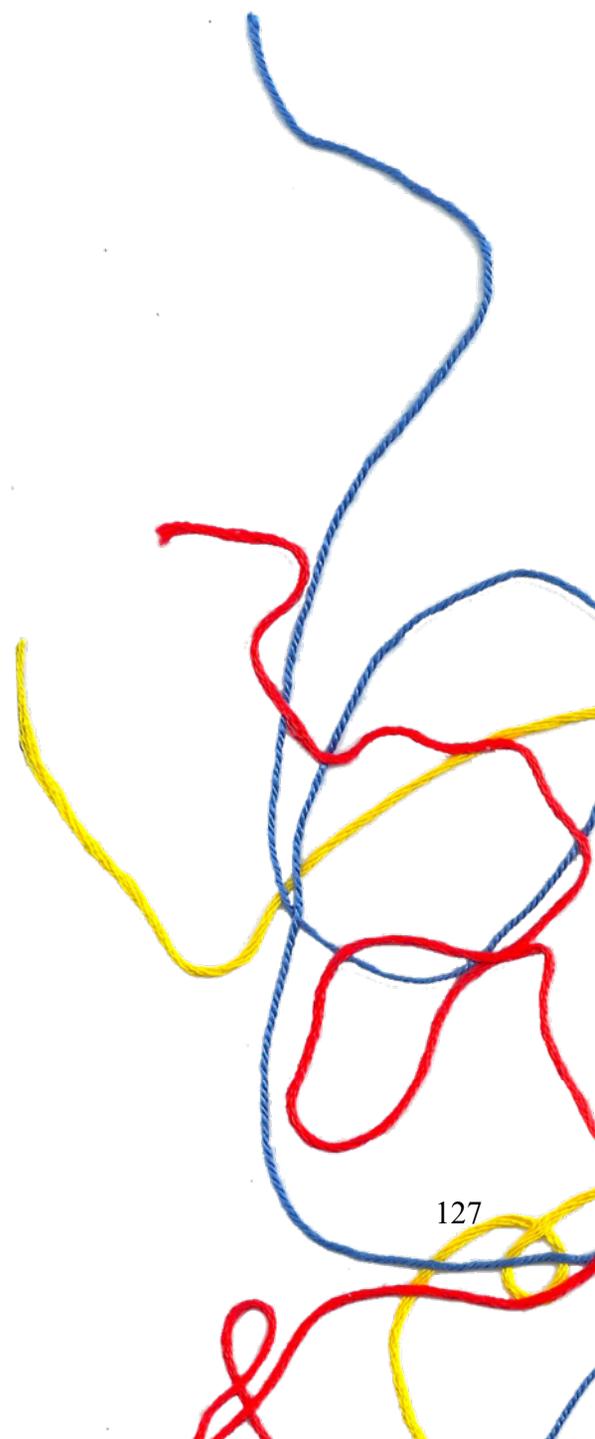
Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Neto
Evento Brinca, Floresta! Dia 25 mai. de 2019

.

liberdade

corpo

intensidade



No ritmo destas palavras trago a poesia de Thiago de Mello, construída a partir dos textos de Paulo Freire no livro Dicionário Paulo Freire (STRECK, REDIN, 2015) para espetar a agulha na foto, e abrir um outro ponto nesta costura:

*Se minha palavra não fosse refundada
eu não poderia sofrer a experiência
da refundação da palavra
no silêncio absoluto.*

*Cultura? O barco é cultura. A maneira de usar o barco também
é o tambor que soa pela noite adentro. O ritmo do tambor.
o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores é a maneira que o Povo
tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar enquanto trabalha.*

*Comunhão? Ninguém liberta ninguém.
Ninguém se liberta sozinho.
Os homens se libertam em comunhão*

*Uma fala que se legitimava noutra cultura em que a comunhão não era
apenas
de homens e mulheres e de deuses ancestrais, era também a comunhão
com as diferentes expressões da vida.
O universo da comunhão
abrangia as árvores, os bichos, os pássaros, a terra mesma, os rios, os mares.
A vida em plenitude.*

*Sonho: o sonho é estratégico: um ato político necessário.
uma forma de estar sendo,
que homens e mulheres têm.
A luta de classes é um motor da história. O sonho também.*

Neste emaranhado de linhas: texto, imagem e poesia pulsam os sentidos vividos, experimentados ou (re)significados. O clima de intimidade narrado no trecho anterior à foto, produziu o universo de comunhão descrito por Mello (2015) na poesia, e a **liberdade** vivida pela menina irradia o território existencial composto pelos corpos que se libertam mutuamente.

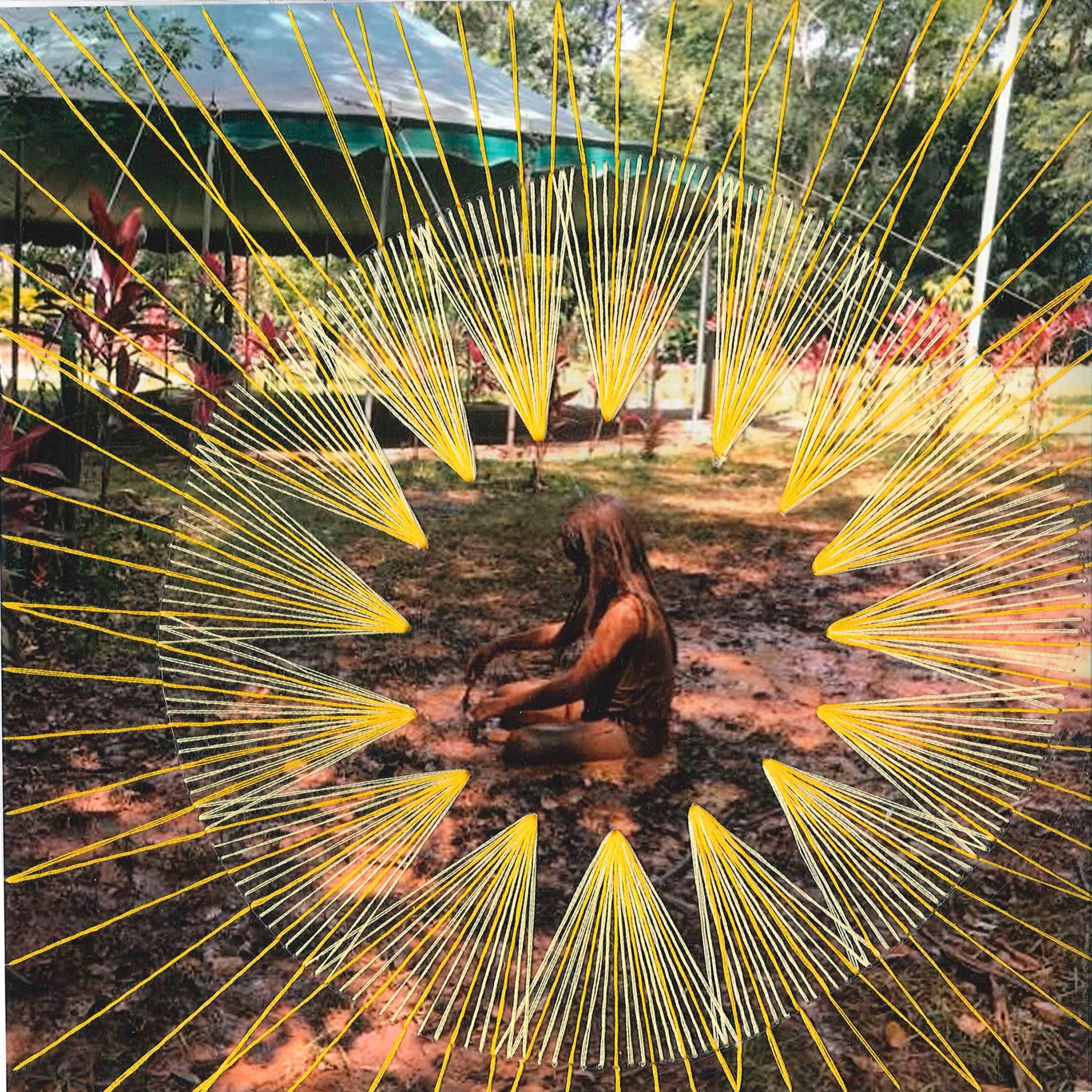


Figura 11: Ponto de bordado: Círculo

Fonte: composição bordada da autora e fotografia da autora

Evento Brinca, Sorocaba! Edição Verão - Dia 16 fev. de 2020

Em gestos e composições diferentes, um mesmo contorno, a **liberdade**, o **corpo** e a **intensidade**. No ar a menina brinca com o vento, expande seus movimentos, flutua, irradia alegria. Na terra em composição com a água, a outra menina na lama se enraíza, se atola, se entrega. Gestos contrários de expansão e introspecção, mas que foram apoiados pela possibilidade de liberdade no universo da comunhão, no território no qual estavam inseridas. Para aproximar o contexto das matérias fundamentais, os elementos: terra, fogo, ar e água, faço um vai e vem na agulha, e incluo os devaneios da imaginação poética de Bachelard (2001) com a interlocução de Piorski (2016) para conversar com as imagens que aos poucos são inseridas neste caderno de bordar.

A materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. Faz trabalhar uma imagem vital. Uma imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidades específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora (PIORSKI, 2016, p.19).

O ar que atravessava os braços da menina também flutuava nas bolhas soltas no alto da praça no mesmo evento e impulsionava os grandes aviõezinhos de papel que eram confeccionados aos poucos pelas famílias que se achegavam. O elemento ar trazia o ritmo para aquela paisagem. “Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos voos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimações do brincar. (idem, p.20). A natureza permeava as brincadeiras, nas minhas memórias uma outra cena sem registros imagéticos, pulsava a mesma intensidade. No meio da colina verde que cintilava úmida por conta do orvalho da noite, crianças desciam escorregando como prontas para voar. Não tínhamos planejado esta brincadeira, tampouco pensado em trazer o papelão para dar pistas para as crianças, mas sábias elas já sabiam o que fazer e escorregavam sem parar traçando seus próprios traçados nesta manhã de abertura ao brincar.

A menina na lama estava em outro território, em outro dia e lugar. Meu encontro com ela aconteceu no evento de fevereiro de 2020, foi o último registro do último evento que pude realizar neste ano. Em seguida, no mês de

março fomos acometidos pela necessidade de nos isolarmos socialmente e desde então, seguimos em nossas casas esperando a pandemia cessar.

O evento chegava ao fim, Tabta passeava pelos espaços do Parque Chico Mendes para ver se não havia deixado nada para trás. Sempre percorria o lugar depois do encontro, parecia ter a intenção de reviver as lembranças ainda quentes, para não deixar escapar os sentimentos experimentados naquele *espaçofloresta*. Neste dia não foi diferente, com o coração aquecido pelos movimentos pulsantes das crianças num dia regado a muita água, a alegria vibrava e transparecia em sua face. Nas pequenas árvores ao canto, rememorava as cabanas que foram lugar para piqueniques e brincadeiras de intimidade e cuidado, ali o tempo foi ralentando e fecundo com descreve Piorski ao dizer sobre os brinquedos da repercussão: “as casinhas das crianças [...], abrem possibilidades de contato com a solidão necessária e benfazeja que nutre meninos e menina de tempo largo, um espaço-tempo verticalizado, numa infância rica, livre e fecunda.”(PIORSKI, 2016, p. 82) Algumas crianças ficaram por ali o evento inteiro, mexendo nas panelas, brincando com os brinquedos de papelão dispostos como uma pequena casa ou dentro das cabanas cuidando de seus filhos imaginários. Aquelas imagens aos poucos se fixavam na sua mente e coração. Com mais alguns passos, chegou a um lugar com um grande tronco que acomodava pais com seus pequenos rebentos, ali a proposta trazia experimentações sensoriais principalmente orientadas aos pequenos bebês, mas nada impedia que todas as crianças percorressem a estação, no meio de farinha, água, macarrão cru, ao poucos as melecas se formaram, ali tinha de tudo um pouco, esponjas, colheres, brinquedos não brinquedos para serem experimentados.

Do outro lado da tenda que se fixava ao centro deste território, estavam as brincadeiras com água, uma lona grande foi estendida na grama no leve declive que havia naquela ampla clareira. Aos poucos as crianças se aglomeravam na intenção de escorregar ou simplesmente se molhar. Uma outra estrutura produzida pela bisbilhoteira das infâncias aspergia água bem ao lado como outra opção de brincadeira com a água. Foi neste lugar próximo às poças de águas que se formaram durante o evento, que Tabta encontrou a menina coberta de lama. Ela observou de longe para não atrapalhar sua imersão, percebeu sua introspecção, sua lentidão, sua intimidade com a terra. Ficou aflita porque não tinha nada nas mãos para registrar aquele momento de **liberdade** e

intensidade. Correu então, buscar um celular e no caminho percebeu a família da menina por perto observando a cena em total **comunhão**. Não havia negativas da experiência, nem tampouco uma preocupação evidente de como ela iria se limpar, havia a experiência sendo compartilhada com todos naquele território existencial. Tabta pediu autorização à mãe para tirar a foto e explicou que tomaria cuidado para não mostrar a identidade da criança e assim de longe fotografou a menina e deixou aquele espaço.

Com estas palavras/imagens costuro com Piorski (2016) o bordado:

A lama é o troféu da menina, a imundície, sua realização, sua patente investigadora, seu alforje de experiências. As matérias pegajosas que sujam, melam e pregam dotam não só as mãos, mas todo o campo tátil de percepções do atolamento (idem, p. 121-122).

Coloco mais linha agulha entrelaçando esta cena dotada de experiência com Bachelard (1998) “tal mão que trabalha tem necessidade da exata mistura de terra e água para bem compreender o que é uma matéria capaz de uma forma, uma substância capaz de uma vida. (idem, p. 14) e continuo com o autor para discorrer sobre este fazer ancestral ao qual ele nomeia *homofaber*:

É um sonho contínuo. É um trabalho em que se pode fechar os olhos. É, pois, um devaneio íntimo. E depois, ele é ritmado, duramente ritmado, num ritmo que toma o corpo inteiro. É, portanto, vital. Tem a característica predominante da duração: o ritmo (BACHELARD, 1998, p. 112).

Neste ritmo, tomada de corpo inteiro por seu fazer, a menina parecia não estar ali, se desterritorializou (Deleuze; Guattari;1997) num movimento cosmológico:

E, com efeito, não é mais um movimento nem um ritmo de meio, tampouco um movimento ou um ritmo territorializantes ou territorializados; o que há agora, nesses movimentos mais amplos, é Cosmo. Os mecanismos de localização não deixam de ser extremamente precisos, mas a localização tornou-se cósmica. Não são mais as forças territorializadas, reunidas em forças da terra, são as forças reencontradas ou liberadas de um Cosmo desterritorializado (idem, p.114).

Uma desterritorialização que me atravessou como imagem, pulso e memória. Não uma memória cronológica horizontal do curso, do fim dos eventos, tampouco vertical da ordem do tempo (Deleuze; Guattari;1997). Era uma rememoração em Benjamin (1987b), com Proust que não expressava apenas aquilo que vivi, mas um tecido da rememoração. Foi preciso, então, como o autor descreve

[..] mergulhar numa camada mais especial, mais profunda, dessa memória involuntária na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente com imagens, mas informe-indefinidos e densos anuncia-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador (idem, p.49).

Consciente da necessidade deste mergulho profundo, trago estes dois pontos, começo e fim, primeiro evento e último não para traçar uma linha vertical, e sim para liberar a linha, deixar os fios soltos de modo que os afetos brotem do meio, do “*intermezzo*”(Deleuze; Guattari;1997), num sistema multilinear, onde as palavras borbulham, na composição com a costura das fotos.

No emaranhado dessas linhas, trago a imagem da bebê imersa no visgo. Não tento aqui me ocupar de descrever a fotografia, mas de destacar os traços e as cores que percebo no bordar. O macarrão cozido para a brincadeira se entrelaça ao seu pé, a cor da beterraba, disposta em bacias com tinta natural para a pesquisa dos bebês, agora fazia composição com a cor da roupa e do chão. O papel *kraft* que serviu de forro para a brincadeira era o objeto da vez a ser investigado. Neste dia de **liberdade**, foi difícil escolher apenas uma foto que compusesse o álbum desta pesquisa. Na mesma bagunça dos macarrões outros bebês compunham diferentes cenas com suas cores e gestos. Longe dos lugares assépticos, normalmente destinados a brincadeiras com os pequenos, os bebês quase mimetizavam entre os elementos no chão, eles eram experiência e substância, corpo e matéria (PIORSKI, 2016). Traziam nas mãos a **intensidade** de sua pesquisa e no tato seu devir matéria.



Figura 12: Ponto de bordado: Emaranhado

Fonte: composição bordada da autora e fotografia Edilene Ponciano

Evento Brinca, Bebês! Dia 1 jun. de 2019

A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta, pois o campo de repercussões por ela almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo. Pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais (PIORSKI, 2016, p.109).

A menina da foto, no virar dessa página é expressão da potência do cruzamento da matéria fundamental com seu corpo tátil. Bordo e deixo pulsar a força, tento não explicar com palavras, mas sentir com o corpo. Faço uma pausa e trago as palavras de Manoel de Barros com trechos do poema *Sabiá com trevas*, no verso XV (2016) para ser como árvore como diz o poeta ou avançar e alinhar com Deleuze e Guattari (1997) um devir rizoma.

[...]— Dífícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?
— Para entender nós temos dois caminhos:
o da sensibilidade que é o entendimento do corpo;
e o da inteligência que é o entendimento do espírito.
Eu escrevo com o corpo
Poesia não é para compreender mas para incorporar
Entender é parede: procure ser uma árvore. [...]

Natureza é fonte primordial?
— Três coisas importantes eu conheço:
lugar apropriado para um homem ser folha;
pássaro que se encontra em situação de água;
e lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha.
Natureza é uma força que inunda como os desertos.
Que me enche de flores, calores, insetos,
e me entorpece até a paradedza total dos reatores
Então eu apodreço para a poesia
Em meu lavor se inclui o Paracléto. (idem, p.31-32)

Poderia escrever muito mais sobre esta imagem, poderia narrar mais histórias sobre este dia, mais palavras e deixar fluir com autores outras camadas das fotografias que até aqui foram dispostas, mas receio seguir apenas um sentido vertical do profundo, e não conseguir apresentar outros ritmos e compassos que também foram experiência no *hódos* desta pesquisa. Então, inspirada nas palavras do poeta deixo a menina

“pássaro em situação de água” (BARROS, 2016) produzir ecos nesta leitura e me encaminho para outros cantos deste grande mapa da pesquisa para trazer o elemento fogo e entretecer outro ponto na trama dos eventos de brincar.

Era início de novembro, a data foi deslocada de outubro para não coincidir com as programações do dia das crianças e assim não competir com o único período do ano em que havia atividades diferentes para as crianças fora da cena dos shoppings ou de eventos direcionados para o consumo na cidade. Tabta e Carla não tinham intenção de dividir e sim somar possibilidades de ocupação das crianças nos espaços públicos, somar possibilidades de experiências com uma “pedagogia social da brincadeira” (PIORSKI, 2016, p.46), “trazer à luz a vida do brincar livre, os objetos daí nascidos e a corporeidade que se constitui na narrativa da própria criança” (idem, p.46).

O domingo nasceu com o céu azul intenso, os raios do sol cruzavam na diagonal entre as frestas das casas e das árvores. Tabta saiu para recolher alguns temperos que incluiria na estação da natureza e sentiu na brisa da manhã que o dia prometeria ser quente. Chegou nos portões do Parque Chico Mendes, as oito horas, o funcionário já conhecido por ela, logo abriu com um sorriso e a deixou entrar. Em outro momento ele já havia lhe compartilhado sua alegria e nostalgia de ver o parque cheio como outrora, nos tempos de grandes eventos no início da década de 90.

Tabta, começou a montar os espaços de interação. Na clareira, entre árvores altas numa superfície plana, organizou a estação da pintura, no meio das árvores baixas, um pouco mais à frente, como uma pequena toca, dispôs as esteiras e em cima dela os temperos que havia colhido pela manhã. Com panelas, colheres de pau, e argila dispôs elementos na possibilidade de interação numa proposta de brincar de cozinhar. Mais à frente organizou uma estação sensorial dos bebês e do outro lado da tenda central as brincadeiras populares. No meio



Figura 13: Ponto de bordado: Asas

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Alexandre Battaglini Valentim

Evento Brinca, Sorocaba! Edição Verão - Dia 16 fev. de 2020



Figura 14: Ponto de bordado: Traços

Fonte: composição bordada da autora e fotografia da autora

Evento Brinca, Sorocaba! Edição Criança - Dia 3 nov. de 2019

de tudo isso ainda orientou um espaço para a estação de bolhas de sabão e separou um local para a montagem de uma estrutura para a prática do slackline²⁰.

No caminhar da organizadora do evento uma tensão, ela não sabia ao certo como intercalaria suas funções no território existencial da *pesquisaevento*. A pesquisadora participante cartógrafa estava ao mesmo tempo preocupada em acolher as famílias, cuidar dos voluntários, (re)organizar os espaços para mais experiências. Estava tensa, achava que deixaria “passar algo” da pesquisa, que não conseguiria registrar tudo. Não distante desta preocupação uma cena lhe saltou, um dos objetos deixados na esteira perto das painéis: a lupa, foi passear em outro espaço, para promover um encontro com o devir fogo, uma aproximação de corpos atentos em busca da chama.

Diante desta cena inesperada, retomo a narrativa em primeira pessoa para costurar mais pistas do caminho cartográfico. Como Kastrup (2014) orienta no artigo “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”, a abertura da atenção não significa prestar atenção em tudo, mas perceber no todo, numa atenção flutuante, uma sintonia com o próprio inconsciente. Foi no meu campo perceptivo que a imagem pulsou, num dia quente e árido que podia ser representado por aquele fogo buscado pela família, tudo era fogo, tudo era calor. E assim, fui me constituindo na pesquisa. Distante daquele dia, neste trânsito de narrativas, consigo destacar os relevos, em nenhum outro evento, o sol aqueceu e transformou o ritmo do território como naquele dia. O calor se constituiu ingrediente importante na cena, como a água dos dias do encontro de verão, desta vez o fogo se fez presente como elemento de atravessamento dos corpos naquele *espaçofloresta*.

[...] cada um dos quatro elementos, as imagens, na brincadeira, criam narrativas diferentes, enredam o viver por aspectos diversos. A vida – social, material, cultural – ganha sempre a largura e a suspensão do ar, a fluência e a sinergia da água, a iluminura e a têmpera do fogo, a gravidade e o peso da terra (PIORSKI, 2016, p. 117).

²⁰ Slackline é uma modalidade de esporte que trabalha o equilíbrio, através da disposição de uma fita presa em duas hastes. No caso do evento, foi montada uma fita entre duas árvores e também uma alça de apoio para os iniciantes acima da altura da cabeça.

curiosidade

atenção

ritmo

Não foi apenas a busca pelo fogo, esta **curiosidade** instaurada que pinçou meu olhar para esta cena. A atitude dos corpos em **atenção** suspensa e a complexidade do **ritmo** em seus gestos traziam uma costura com outras cenas em outros eventos cartografados.

Eram adultos e crianças brincando de corrida de saco, meninas e meninos saltando na amarelinha e se apoiando uns nos outros, eram pais e filhos sentados compartilhando a experiência de pintar, de traçar cores com pincel sem se preocupar com o sujar, eram mãos sujas de argila compondo modelagens num mesmo ritmo.

As nuances eram muitas e escolho algumas imagens para provocar os sentidos “pensar/dizer por fotografias, suspender o olhar que julga e acontecer por elas, e na incapacidade de dizer o sentido último, deixar nascer palavras outras” (WUNDER, 2008, p.16).

(Com)tato



Figura 15: Ponto de bordado: Encontro de linhas

Fonte: composição bordada da autora e fotografia de Moira Dálete.

Evento Brinca, Sorocaba! Edição Criança - Dia 3 nov. de 2019

.



Figura 16: Ponto de bordado: Correntes

Fonte: composição bordada da autora e fotografia Edilene Ponciano
Evento Brinca, Sorocaba! Edição SMB 2019, 9 de jun. de 2019.

enlace



toque

cuidado



Figura 17: Ponto de bordado: Laço

Fonte: composição bordada da autora e fotografia Edilene Ponciano
Evento Brinca, Bebês! (programação SMB 2019), dia 1 jun. de 2019



Figura 18: Ponto de bordado: Planos

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Neto.

Evento Brinca, Floresta! Dia 25 mai. de 2019.

.



Figura 19: Ponto de bordado: Texturas

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Alexandre Battaglini Valentim

Evento Brinca, Sorocaba! Edição de verão, 16 de fev. de 2020

.

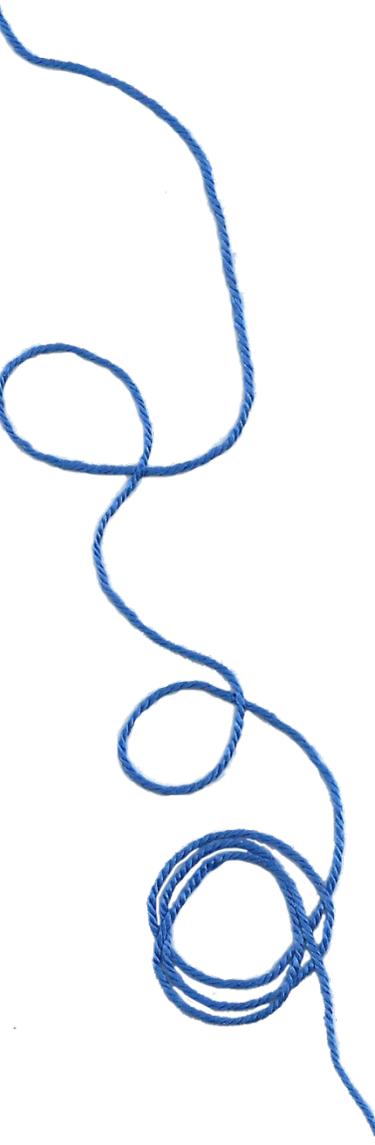


Figura 20: Ponto de bordado: Cama de gato

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Alexandre Battaglini Valentim

Evento Brinca, Sorocaba! Edição de verão, 16 de fev. de 2020

.



sorrisos

(com)partilhar

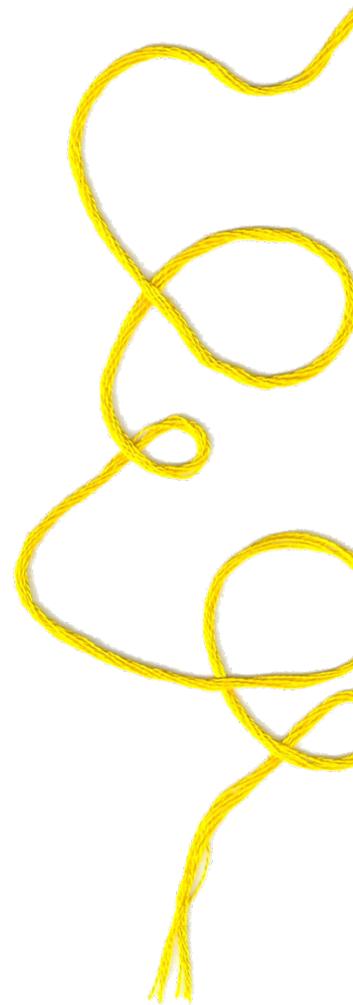




Figura 21: Ponto de bordado: Foco

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Alexandre Battaglini Valentim

Evento Brinca, Sorocaba! Edição de verão, 16 de fev. de 2020

.

Figura 22: Ponto de bordado: Bolhas

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Alexandre Battaglini Valentim

Evento Brinca, Sorocaba! Edição de verão, 16 de fev. de 2020

.

Depois deste mergulho entre imagens e vocábulos retomo o bordado da última cena para desfiar a palavra **compasso**. No sopro da mulher e da criança, uma cadência, gestos em sincronia num mesmo plano ressoavam nos territórios existências dos eventos. O agachamento era como um aceno à desterritorialização do adulto rumo ao encontro com seu devir criança.

O devir-criança é o encontro entre um adulto e uma criança - o artigo indefinido não marca ausência de determinação, mas a singularidade de um encontro não particular nem universal [...] O devir-criança é uma forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa (KOHAN,2004, p.64).

Essas intensidades de devires atravessaram os territórios dos eventos, não eram somente contornados nos registros dos corpos adultos, elas também realçavam em cores as infâncias minoritárias. Para trazer as camadas deste relevo continuo com Kohan (2004):

Em certo sentido, há duas infâncias. Uma é a infância majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento, das maiorias e dos efeitos: é a infância que, pelo menos desde Platão, se educa conforme um modelo. [...] Existe também uma outra infância, que habita outra temporalidade, outras linhas, a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: "a criança autista", "o aluno nota dez", "o menino violento". É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do "seu" lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados (idem, p.63-64).

Os encontros com a infância minoritária se davam no cotidiano nômade, apresentado como fissura, como trincheira frente à educação maior dos muros, das escolas e das casas. Era um *entre-lugar*, espaço fronteiro onde a pedagogia estava em constante transformação (FIGUEIREDO,2011), ora era pedagogia das mãos que sonham (PIORSKI, 2016), ora era a potência da pedagogia social do brincar (idem,2016). Vezes eram viagens sem sair do

lugar, trajetos do imaginário em devir (DELEUZE, 1997) potencializados pelo contato com as matérias do mundo natural. Eram também, um *nãolugar* “espaço agitante-circulante de uma *geopedagogia*, que é aquela que faz do tempo atual alavanca para seus movimentos dinâmicos e suas fundamentais desterritorializações” (FIGUEIREDO, 2011, p. 82).

Esta micropolítica nômade instaurada nos eventos foi desenhada como uma militância frente aos muros, uma proposta de educação menor (GALLO, 2003). O projeto de brincar no parque, já não era somente uma aposta da bisbilhoteira, ele era um desejo de educadores militantes, pais, professores, pesquisadores brincantes, multiplicidades que foram se integrando como um rizoma, se conectando e interconectando, (GALLO, 2003). Uma gama de voluntários que integravam suas singularidades em torno das possibilidades de conexões. Como reforça Gallo (2003):

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas (idem, p.82).

conexões

Embalada por esta palavra me animo a escrever mais uma história dos territórios de brincar.

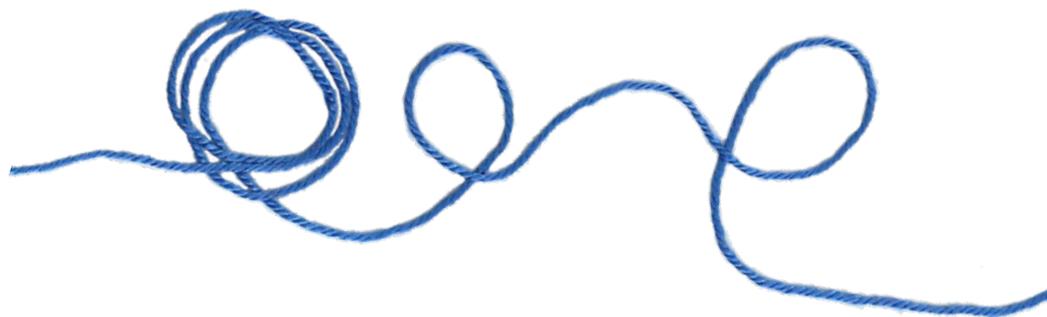


Figura 23: Ponto de bordado: Explosão

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Neto

Evento Brinca, Vila Assis! (Programação SMB 2019), dia 26 de mai. De 2019

.



No domingo de manhã Tabta saiu para organizar e montar os espaços de brincar, naquele dia ela cruzaria a cidade da zona leste até o extremo norte, não vivenciaria a manhã por completo no Parque dos Espanhóis, pois precisava iniciar os preparos do Jardim Carandá próximo ao meio dia para conseguir organizar tudo antes das duas da tarde, horário marcado para iniciar as intervenções na praça daquele bairro. No tempo em que esteve no evento nomeado Brinca, Vila Assis! ela preparou os espaços, distribuiu as atribuições de cada voluntário, percebeu que o céu estava azul piscina e que as bolhas de sabão atingiam seu maior tamanho com as leves brisas que refrescavam a manhã. Sentiu o compasso leve, dando a cadência aos que se achegavam e percebeu que o público aos poucos se acomodava e compunha com as intervenções brincadeiras de pular corda, de lata, pintura e bolhas. Naquele lugar havia um espaço destinado aos bebês, um espaço sensorial de experimentação, então a cena se fazia mista com pequenos e grandes. A música passou pelo espaço e motivou um grande trem de alegria, a brincadeira já não era apenas um gesto e sim uma onda com múltiplos corpos compartilhando um mesmo momento.

encantamento

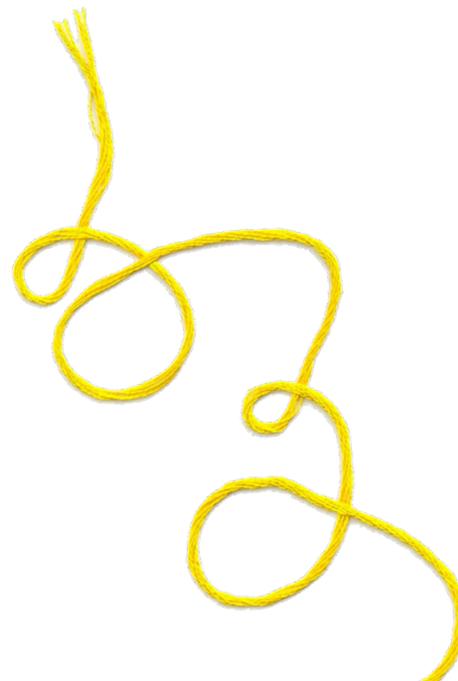




Figura 24: Ponto de bordado: Múltiplos pontos

Fonte: composição bordada da autora e fotografia José Neto

Evento Brinca, Vila Assis! (Programação SMB 2019), dia 26 de maio de 2019.

.

multiplicidades

No meio da onda, Tabta precisou deixar o evento na Vila Assis, deixando nas mãos de Carla e de seu irmão o recolhimento de todas as intervenções inseridas no parque. Atravessou a cidade e chegou na praça do Carandá, lá começou um trabalho de limpeza e de uma nova composição de espaços de interação para o evento Brinca, Carandá!²¹ A praça por si só já era um presente, as árvores de copas altas e frondosas ao centro formavam um túnel, o caminho era um convite a experimentar. Com a ajuda de muitos voluntários aos poucos foram sendo criados espaços de ativação, uma parede de pintura, um espaço de acolhimento, a estação de bolhas de sabão, o *slackline*. Tudo era disposto em relação, para que houvesse a liberdade de chegar e brincar. Como nos outros eventos, os apoios foram primordiais para a realização das atividades, no Carandá a parceria com a comunidade local ajudou o Costurando Memórias a levar para o bairro uma estação de brinquedos inclusivos cedidos pela Prefeitura de Sorocaba. Sem o apoio logístico da Secretaria de Esportes, os brinquedos foram carregados e dispostos na praça pelos próprios moradores que juntos carregaram as traves e os equipamentos por mais de duas quadras a pé para atender à exigência da prefeitura e guardar os itens antes e depois do evento num local fechado. Todo este esforço conjunto tinha um motivo especial, a região acolhe um percentual representativo de famílias de crianças com deficiência, e para muitas aquele dia era uma oportunidade única de sair de casa para brincar. A potência deste evento não estava apenas retratada pelo volume de pessoas que se encontravam ali na praça, mas por estes gestos coletivos rizomáticos. O engajamento refletia na alegria pulsante das pessoas, nas brincadeiras e na vivência dos corpos. Tabta saiu exausta depois de ter passado por dois eventos no mesmo dia, mas seu coração estava feliz de compartilhar com outros corpos ordinários possibilidades de ser-em-grupo.

²¹ Brinca, Carandá! Evento dentro da programação da Semana Mundial do Brincar (2019), realizado dia 26 de maio de 2019.

The background of the page is white and features several abstract, hand-drawn lines in blue, red, and yellow. These lines are scattered across the page, with some forming loops and others extending across the space. The lines have a slightly textured, hand-drawn appearance.

ser-em-grupo

Neste ambiente coletivo, aberto às “mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade” (GUATTARI, 2012, p.16), outro relevo se destaca como importante elemento a ser costurado no caderno de memórias. O **(com)partilhar**, palavra pulso, já escrita em outros trechos deste capítulo, agora se desdobra como tema, numa camada mais profunda, o da alteridade. Para esta tessitura, complemento com Freire (1987):

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não eu -, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu. Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação (idem, p.226,227).

Os sujeitos em compasso nos territórios existenciais eram “eus” e “tus”, não havia sujeitos dominados, nem dominadores. A liberdade era respirada a cada salto da corda, a comunhão exalada nas cirandas de brincar.

Assim, não há dominados nem dominadores na brincadeira. Quando nascem, tais insinuações, precisam estar num pacto com todos que brincam. Caso contrário, destitui-se o pai e a mãe é banida. Prevalece a autonomia de cada um nas diferenças. Um campo aberto da diversidade. Eis o arquétipo *fraternus* (PIORSKI, p.88).

fraternus

Num outro dia, um outro território existencial pulsava. Na escola, no Jardim Tatiana, as cheganças aconteciam de forma diferente, as crianças apareciam sozinhas e traziam a necessidade de estar perto dos voluntários, de conversar. Tinham curiosidade de saber tudo o que estava sendo construído, e do porquê cada coisa estava em seu lugar, das fitas coloridas no portão, aos bambolês, tudo era investigado, mas não experimentado. Os espaços dispostos para brincadeira, eram explorados, mas havia pouca intensidade, havia o desejo de consumir cada lugar, de passar rapidamente, para ver o que tinha a seguir, o compasso era rápido, eles corriam de um espaço a outro da escola, brincavam de bola, passavam no circuito de brincadeiras populares, paravam um pouco ali. Poucos se fixaram num posto, não perceberam o fluir das bolhas, não deixaram a composição do painel das tintas adquirir seu tempo. Os poucos adultos que chegaram junto com as crianças, sentaram-se no beiral de um jardim que havia quase em frente à estação de pintura e por ali ficaram na posição de sentinelas e não participantes.

A estrutura da escola de concreto, parecia pesar nos corpos, os brinquedos estavam dispostos no chão, mas precisavam de convites dos voluntários para que a brincadeira acontecesse. No único espaço verde, um gramado pequeno ao lado da quadra, a dinâmica parecia um pouco diferente, tinha mais cor, mais vida. Ainda assim, a brincadeira precisava ser mediada, pouco se rompia, pouco ganhava a forma das crianças.

Numa tentativa de provocar os adultos inertes, Tabta fez um gesto em direção às mães que estavam na mureta, perguntou a elas se alguém gostaria de brincar de elástico²², queria provocar

²² Para pular ou saltar na brincadeira de elástico, são necessários no mínimo três participantes.

As crianças amarram as pontas de uma tira de elástico de aproximadamente três metros de comprimento.

Duas crianças, distantes três metros uma da outra, colocam o elástico ao redor de suas pernas, formando um retângulo.

O terceiro participante se posiciona ao lado do elástico esticado e pula no vão do retângulo, com uma ou duas pernas.

Os pulos são alternados de acordo com sequência estipulada pelos participantes e também de acordo com a movimentação do elástico, que sobe, desce e cruza. Uma canção, ou até mesmo o cantar de uma palavra, dividida sílaba por sílaba, pode determinar os movimentos de quem pula. (TERRITÓRIO DO BRINCAR, 2020) acesso 11/06/2020



Figura 25: Ponto de bordado: Experiências

Fonte: composição bordada da autora e fotografias José Alexandre Battaglini Valentim
Evento Brinca, Jardim Tatiana (programação SMB 2019), dia 25 de maio de 2019.

devires, queria tocar a memória daqueles adultos para quem sabe, abrir outras possibilidades de trocas entre eles e as crianças. Recebeu negativas, ninguém se animou a pular com ela, num primeiro momento. Entendendo que só um convite não seria atrativo suficiente, ela fez um gesto, começou a pular, chamou duas meninas voluntárias e começou a cantarolar seu repertório de músicas, não tão vasto, desta brincadeira popular. Na sequência duas mulheres vieram na direção da brincadeira e algo se fez, muito mais sabidas, tinham as letras na ponta da língua e se desafiavam a pular mais alto. Tabta saiu feliz da cena com este pulso ainda pequeno de devir criança.

Nas minhas lembranças daquela tarde, pulei corda, andei de skate, pinteí grafite com giz, brinquei de roda, tudo na intenção de provocar gestos devires em mim e em outros corpos. Experimentei ativamente como nas palavras de LINS (2005):

Experimental significa também participar ativamente, engajar-se no sentido em que o pensamento não é simplesmente espectador ou contemplador, mas participa de maneira ativa daquilo que tenta. Enfim, na experimentação, o pensamento engaja-se num processo do qual desconhece a saída e o resultado, e é nisso que ele está profundamente vinculado à experiência do novo. O novo não é a eternidade, é a invenção (idem, p.1254).

Busquei interagir com aquele público que desconhecia e que também não me reconhecia. Eles não participavam dos eventos de brincar desde 2017, eles não estavam acostumados com interações não mediadas do Costurando Memórias. Havia ali, um certo **(des)compasso**. A escola para muitos, era espaço de assistencialismo, eles tomavam seus lanches nas tardes de sábado, eram atendidos por instituições que promoviam ações de formação em artes marciais, educação religiosa ou esportes. Eu sabia que seria difícil fissurar aquele cotidiano, mas não poderia desistir antes de tentar e percebo pistas de que outros devires quase imperceptíveis atravessaram aquele *espaçotempo* de brincadeiras, e a intensidade do meu vivido registrada nas minhas memórias, nas fotos e no registro de caderno de campo, não só narram uma experiência, mas apontam o inspirar, o fôlego que realimenta a minha vontade de continua

Hoje acordei reflexiva... em meio as minhas leituras, adentrava nos conceitos que sim atravessam o meu cotidiano vivido, estavam presentes em toda concepção de projeto do Costurando Memórias e perpassavam a minha prática no Brinca, Sorocaba! Mas o cansaço também era um ingrediente neste dia e me perguntei, até quando será que terei fôlego? Afinal o percurso é difícil, demanda um esforço gigante, traz caos a minha casa, são tantas as dificuldades... e de repente abro a página do Costurando Memórias e novas fotos do evento do Jardim Tatiana me trouxeram a resposta, não eram fotos de outros, mas minhas! Sorrisos e presença num estado de intensidade que só vivo nestes momentos. Por enquanto essa resposta me bastou.... e amanhã revigoro minhas forças com mais encontros de brincar. (Notas de diário de campo, 08/06/2019)

No meu caminho outros descompassos também se sobressaíram. Nos próximos registros, imagens pulsam um objeto (oni)presente nos cotidianos das famílias e sujeitos na atualidade, de novo não busco reescrever as cenas, nem traçar significados, apenas deixo as palavras emergirem no bordar.



Figura 26: Ponto de bordado: Desfoco

Fonte: composição bordada da autora e fotografia Edilene Ponciano
Evento Brinca, Bebês! (programação SMB 2019), dia 1 jun. de 2019

.



Figura 27: Ponto de bordado: Preenchimento

Fonte: composição bordada da autora e fotografias Edilene Ponciano
Evento Brinca, Bebês! (programação SMB 2019), dia 1 jun. de 2019

(des)compasso

As imagens selecionadas pulsaram palavras para responder à pergunta, o que acontece nos eventos de brincar? Há tantas outras fotografias e outras memórias que poderiam ser compartilhadas aqui, mas preciso escolher o momento de virar a página e fechar este capítulo. Nesta trajetória de afectos e perceptos, utilizei-me das imagens e das narrativas para apresentar os dados-palavras desta pesquisa. Inspirada pelos tantos sentidos expostos ao longo deste capítulo, opto por cerrar este trecho com os sons do evento de Maio/2019, coletados pelo músico, pesquisador Mauro Tanaka (2019) e disponível em seu canal do *Soundcloud*²³. Este dia tivemos um pulso singular, o pulso dos sons das crianças, uma cacofonia de brincar.



²³ Para ouvir, abra seu aplicativo de leitura de Qrcode e posicione a câmera do celular, caso não consiga acesse o link: <https://soundcloud.com/user-630224547/instalacao-sonora-parque-sonoro-nomade-escalafoabetico>

Referências

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, Manoel de. **Sabiá com Trevas**. Arranjos para Assobio. São Paulo: Alfaguara, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FIGUEIREDO, Gláucia Maria. **Imagens embaralhadas**: cenas-acontecimentos e geopedagogia. In: AMORIM, AC; GALLO, S.; OLIVEIRA JR., WM (Org.). *Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...* Rio de Janeiro: Editora DP et alli, 2011. p. 67-86.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª edição. 2012.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

KOHAN, Walter. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

LINS, Daniel. **Mangue's school ou por uma pedagogia rizomática**. Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, 2005.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. Editora Peirópolis, São Paulo, 2016.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2015.

TANAKA, Mauro. Instalação sonora parque sonoro nômade escalafobético. Sorocaba. 2019. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-630224547/instalacao-sonora-parque-sonoro-nomade-escalafobetico> Acesso em: 5 de out. 2020

WUNDER, Alik. **Fotografias como exercícios de olhar**. Reunião Anual da Associação de Pós, 2006.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escola**. 2008. 120p. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

WUNDER, Alik. **Fotografias, Restos quase Mortais**. In: AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de (Org.). *Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...* Petrópolis: DP et Alii Editora, 2010. P. 155-176.

(DES) ENCONTROS

ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim:
O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz.
Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar.

Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os *impossíveis verossímeis* de nosso mestre

Aristóteles. Dou quatro exemplos:

- 1) É nos loucos que grassam luarais;
- 2) Eu queria crescer pra passarinho;
- 3) Sapo é um pedaço de chão que pula;
- 4) Poesia é a infância da língua.

Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada.

Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

(DE BARROS, 2010, p.7)

Este capítulo não tinha intenção de existir, mas também a pandemia neste ano, eu não imaginava existir...

quando terminei de escrever os atravessamentos dos encontros, senti saudades. Emaranhada na escrita e em todos os afazeres que este ano me entorpeceram, até então, não tinha me deixado sentir saudades, do barulho, do cansaço, do colorido, e principalmente dos sorrisos. De repente um vazio, um branco. O decalque dos encontros de brincar não aconteceu em 2020, foi interrompido, não era traçado como dados desta pesquisa, mas era parte da vida desta pesquisadora. Não tivemos uma incursão pela cidade na Semana Mundial de Brincar, em maio, não tivemos nosso encontro de férias de inverno, nem mesmo celebramos o mês das crianças juntos. Depois do último território existencial em fevereiro, de encontrar com a menina pássaro, de pulsar as palavras com Manoel de Barros, o silêncio, a distância que somava a gente para menos, como assim escreve o poeta no escrito que escolhi para a epígrafe deste capítulo.

O isolamento do poeta criancês que queria desenhar com as palavras, é diferente do nosso, mas o sentimento de pegar o abandono, me parece tão próximo. Sinto que abandonei, as crianças, as infâncias. Não consegui navegar pelo fio invisível da internet, buscar e propor alternativas para as famílias que sempre estavam conosco em nossos encontros. Também não era esta proposta, de uma possibilidade virtual, vivi o (des)encontro, não houve *corpotempolugar*, não vivenciamos territórios existenciais. Impossibilitada de construir novos momentos de brincar coletivos, me encolhi, e busquei nas palavras escritas aqui, um refúgio, uma costura, que traz os pulsos do tanto que aprendi entre/durante e depois destes momentos.

Nos (des)encontros continuamos. Já não temos o isolamento compulsório, e a decisão de ficar em casa torna-se mais uma decisão social e política, quando ainda há esta possibilidade. Pois muitos já retomaram suas atividades

de trabalho²⁴ e as escolas²⁵ aos poucos estão retomando suas aulas presenciais. Mesmo assim, não avisto possibilidades de agendar novos eventos, de nos reunirmos, de aglomerarmos. Sigo na minha morada, desenhando com as linhas, me abastecendo de solidão, pulsando os sentidos deste momento ímpar na nossa sociedade. Refletindo sobre a pesquisa e com a pesquisa. Dou uma pausa e trago as costuras que pulsam neste (des)encontro.

O Branco, os pontilhados, as pequenas linhas de fuga... só penso no eco, como elas resistem?

²⁴ Sorocaba entrou na fase verde dia 09 de outubro de 2020, a classificação por fases foi adotada pelo Governo do Estado de São Paulo, e segundo os parâmetros desta fase, há mais flexibilidade na abertura dos estabelecimentos. Disponível em : <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/09/governo-altera-regras-e-cidade-de-sp-e-mais-seis-regioes-avancam-para-fase-verde-do-plano-de-flexibilizacao-economica.ghtml> Acesso em 22 de out 2020.

²⁵ As escolas municipais não retornarão em 2020, mas escolas particulares e estaduais estão liberadas a receber seus alunos de forma gradual e com capacidade reduzida. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/08/27/prefeitura-de-sorocaba-determina-retorno-das-aulas-presenciais-da-rede-municipal-para-2021.ghtml> Acesso em 22 de out 2020.

“Sobre o nada tenho profundidades”

Intencionalmente escolhi a poesia de Manoel de Barros (2010) para entrelaçar este capítulo, pois sua poesia é a “infância da língua”, e é sobre as infâncias que continuo aqui escrevendo.

Uma das perguntas que mais me afligiu, principalmente no início da pandemia, foi como ficariam nossas crianças sem a escola? E não por conta de seus conteúdos, do que poderia ser “perdido”, dentro de um tempo cronológico, mas pela função social, de acolhimento, alimento, experiência e troca. O texto da Kohan (2020) escrito durante a pandemia, trouxe as palavras que traduzem minha aflição:

(...) o tanto de coisas que se fazem em uma escola, que não dizem respeito a apenas ao ensinar e ao aprender, mas à dimensão social da escola em um país como o Brasil, onde, para muitos setores da população, a escola é o local onde se faz a principal (ou única) refeição do dia e que não há como fazer quando ela fecha as suas portas; a insubstituível presença de professoras e de professoras que não podem ser substituídos(as) por quem não está preparado para isso e menos ainda por sistemas tecnológicos auto programáveis e executáveis; a inescusável necessidade de formar os e as docentes atuantes nas escolas para que possam ser os e as docentes que desejam ser; as gritantes desigualdades da sociedade brasileira com uma altíssima parte da população sem as mínimas condições de conectividade e aparelhagem como para atender a uma educação remota ou a distância; a impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes, corpos que se tocam, se abraçam, se cheiram e até se empurram e se atropelam; a tensão entre a casa e a escola ou, em outras palavras, a importância de a escola ter um espaço próprio, separado, apartado das outras instituições sociais; ainda, em outras palavras, a impossibilidade de ser mãe e docente, pai e docente ou filha/filho e aluno ao mesmo tempo. Como podemos perceber, não são poucas coisas as que o vírus tem permitido apreciar. E, mais uma vez, a lista está longe de ser exaustiva (KOHAN, 2020, p.5).

impossibilidades

Este trabalho defende um cotidiano escolar que extravasa a escola, que aprende e ensina, que avança além dos muros, que compõe com e não é possibilidade sem. É preciso ter escola para haver cotidiano escolar, é preciso lutarmos pelo *corpotempolugar* da escola, pelo território existencial escolar, que pulsa experiências únicas na vida das crianças. Volto a Benjamin, em seu texto Experiência e pobreza (1987b) para traçar um paralelo, entre o que o autor escreve sobre o fim da experiência, em seu contexto entre guerras e o nosso tempo de **impossibilidades**. “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não o vincula a nós? (idem, p.115) “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando a experiência? (idem, p.114) Estamos em crise, já vivíamos a crise da experiência, mas na escola havia resistência, havia educadores militantes fazendo rizoma (GALLO, 2003), também havia resistência nos espaços de brincar que fissuravam os espaços entre a escola e a casa. Fomos todos dissipados... perdemos força, nos encolhemos. Enquanto isso, estamos vivendo o caos, em muitos sentidos, não somente por conta da pandemia, mas pelo momento político atual.

Trata-se de uma guerra permanente, constante, persistente, um projeto racista, misógino, assassino que se afana em excluir todas as formas da diferença que não se encaixam nele. (...) o governo Bolsonaro vive da morte, do extermínio que fazem parte do seu modus operandi de maneira essencial. (...) É a consumação da necropolítica baseada em um conceito de soberania, como o que A. Achille Mbembe afirma: “[...] a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição dos corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2018, p. 10-11) (...) O que é a necropolítica? Digamo-lo de forma simples, com a inspiração de M. Foucault: entre nós, a necropolítica é um dispositivo de governo para *fazer morrer e não deixar viver* (KOHAN, 2020, p.3 grifo do autor).

Já vivíamos encurralados, mas a pandemia nos dissipou, nos enfraqueceu ainda mais. Precisamos retomar a força coletiva da educação menor para fazer frente a esta necropolítica. “A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam (...) todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza.” (GALLO, 2003, p.84). Precisamos nos conectar e nomear os tempos vividos para fazer frente à barbárie com outra barbárie, uma barbárie rizomática.

Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda (BENJAMIN, 1987b, p.115-116).

Precisamos resistir e mais, sermos bárbaros, começar de novo, (re)construir com pouco. Fecho este trecho de reflexão com Benjamin (1987b) nos inspirando a voltar ao riso, me inspirando a sair do estado de encolhimento, a sermos loucos pois “nos loucos que grassam luarais” (De BARROS, 2010). Não podemos deixar empenhar mais uma vez nossas infâncias “em troca da moeda miúda” do “novo normal²⁶”.

Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros, na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito (BENJAMIN, 1987b, p. 119).

²⁶ Termo bastante veiculado na mídia para designar o pós-pandemia, com as adequações necessárias para a retomada de toda a cadeia comercial.

Referências

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Vol. 1. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987b.

DE BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa, v. 15, p. 1-9, 2020.

DESBORDAR

[...] desborda a mais tradicional ideia da infância como etapa cronológica para instaurar uma meninice como força da vida, não apenas para a vida individual de um ser humano em qualquer idade, mas, inclusive, ou, sobretudo, para a vida coletiva, isto é, para uma revolução política (KOHAN, 2018, p. 3).

Desbordar²⁷ é um verbo com múltiplas possibilidades, ele pode ser transitivo direto ou intransitivo e trazer o sentido de fazer ultrapassar ou ultrapassar a borda, transbordar. Mas ele também pode ser transitivo indireto e expandir seus significados para extrapolar, ir além dos limites. O escolhi para dar título a este capítulo para costurar este que será o último, mas não será o ponto final, pois acredito que no transbordamento das palavras escritas, podemos extrapolar, transbordar, ir além, rizomar, pulsar, multiplicar.

Durante o processo de pesquisa, pesava sobre mim uma cobrança pessoal, de como esta dissertação poderia contribuir para a ciência? Ainda resistia, e resiste em alguns pontos destes escritos o modo de pensar hegemônico, que nos coloca em caixas, tais como na pesquisa separam método, dados, análise, resultados. Ainda não descosturei todas as marcas do meu processo escolar, e algumas caixinhas a mais me foram colocadas durante o percurso de mestrado, percebo que é difícil se desvencilhar destas marcas. Para resistir, com as marcas e não sendo as marcas, bordo os aprendizados de um percurso, do recorte de uma busca, pois sim, hoje acredito que a pesquisa é uma busca, e não somente uma diligência técnica desconectada do sujeito da ação. “A pesquisa não é uma operação técnica, algo específico que você faz na vida, durante tantas horas por dia. É uma forma de viver curiosamente – ou seja, com dedicação e atenção. E como tal permeia tudo o que você faz” (INGOLD, 2019, p.36).

Professora Alda, me ancorou, me ajudou a compreender esta integralidade do processo de pesquisar, e me provocou cada vez que eu insistia em me encaixar numa caixinha. O grupo Ritmos de Pensamento me apoiou, me acompanhou durante todo este caminho. Em nossos encontros semanais, eu colocava minhas dúvidas, minhas marcas e coletivamente buscávamos nossa singularidade. Os pulsos do grupo não eram lineares, as práticas rizomáticas escapam da lógica cartesiana, mas as subjetividades estas, me ajudaram a

²⁷ Os exemplos e as informações sobre o verbo foram extraídos do Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/eoDW/desbordar/> Acesso em: 24 de out. 2020

Colétores do parâmetro.

empresa viva

ECOLOGISTA EM EDUCAÇÃO

TRIPÉ — relação
ambiente e pro
subjetividade.

Perspectiva ecológica
através ciência.

monia — **BIOGRAFIA**

vida — perspectiva política

ACIONAR trazer da reali
de fato precisa ser mostrada

Família vida está a frente da fun
pedagógica.

Família vida está a frente da fun

(mesma ma

Tabela...

Exploração dos múltiplos sentidos...



Figura 28: Ponto de bordado: caminhos

Fonte: composição autora/ 2020

compor meus pensamentos nesta escrita. Por isso, também escolhi deixar neste bordado final, a imagem dos primeiros contatos que tive com este coletivo para reforçar o elo com os vagalumes. Já tinha iniciado a minha busca, minha pesquisa, como a bisbilhoteira das infâncias, quando conheci o grupo, mas os registros compostos nestas fotos me impressionam. Os escritos do fundo são minhas primeiras anotações: perspectiva ecologista; bio:grafia; a função da vida está a frente da função pedagógica; vida; homem; ambiente; natureza; criança; devir; permitir tempos e espaços. Tudo quando leio, agora, em composição com o presente dado por Ana Cristina em sua oficina que trazia também as minhas impressões do encontro: “exploração dos múltiplos sentidos” e a foto do meu desenho também desta oficina, que trazia minha memória de infância, parecem-me o melhor rascunho da minha dissertação. Seria a minha carta de intenções de projeto, se na época eu soubesse o que eu iria trilhar no processo até aqui, mas distante do que foi, o meu projeto para entrada no mestrado, não é nem mesmo um decalque.

Não considero isso um erro, e sim um acerto, minha busca tomou seu caminho verdadeiro, sem a pressão que tive na escrita do projeto de “me encaixar” ao programa ao qual me candidatava. A minha pesquisa fluiu, primeiro me enchi da minha meninice, do meu olhar do horizonte atento e ao mesmo tempo disperso. Em cima daquela montanha da minha memória de infância, e desejando restaurar outras infâncias, trilhei meu próprio devir, colhi aprendizados, conheci autores, escrevi. O processo foi de (re)descobertas, minha curiosidade inata infantil, agora virava atenção flutuante da cartógrafa aprendiz. De repente, tudo era pesquisa, o caminhar da minha filha na beira da calçada me trazia o gatilho para uma leitura, o cortar dos legumes, uma reflexão, já não conseguia mais separar o dado, do atravessamento. Eu pulsava pesquisa. Eu me dedicava à pesquisa. “A curiosidade, em pesquisa, é a prática do cuidar, no sentido de importar-se, dedicar-se, ter interesse, dar atenção.” (INGOLD, 2019, p.39-40).

A criança foi meu primeiro impulso, eu me importava com elas e por elas fiz os encontros de brincar. Não sabia como deste impulso nasceria a pesquisa, continuei bisbilhotando e com os eventos comecei a espreitar. A minha entrega está registrada nestes capítulos, eu senti medo, fiquei insegura, não sabia sobre cartografia, sobre rizoma. Uni meus olhos, minha mente, minhas mãos, e com bordado costurei os pulsos, as palavras.

Nossos olhos e ouvidos, mãos e mentes, absorvem suas maneiras de operar, uma acuidade perceptiva afinada a modos particulares de mover, sentir e de ser. Atendemos a esses modos, também respondemos a eles, à medida que estes respondem a nós. Então, a pesquisa se torna uma prática de correspondência. É ao corresponder com as coisas que atentamos para elas: é um trabalho de amor, de retribuir o que devemos ao mundo por nossa própria experiência como seres que o habitam. A pesquisa como correspondência, neste sentido, não é apenas o que fazemos, mas o que passamos. É uma forma de experiência (INGOLD, 2019, p.40).

A pesquisa tornou-se minha própria experiência, e se me perguntassem o ponto mais marcante deste caminho, eu diria: “o processo, meu caro, o processo”. Ele foi algo quente, que resgatou minhas memórias mais preciosas. Ele foi algo antigo, pois me fez tirar o pó de muitas experiências. Ele me fez chorar, em muitos momentos. Mas me fez rir e me alegrar com tantos coloridos. Este caminho foi como o bem mais precioso de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, sua bola. Ele foi o meu presente nestes dois anos de trilhar.

Além deste aprendizado do caminho, rememorando os eventos e entrando em contato com eles, nesse ir e vir das costuras, me alimentei, percebi a força das micropolíticas, de outros modos de ser-em-grupo. Nas leituras e nas vivências observei a potência de vida que há na infância em devir. Suas linhas de fuga, sua resistência, em tantos contextos. Ainda assim, retomo a pergunta: será que estamos oferecendo para nossas crianças *espaçostempos* de experiência, de um tempo outro, e um espaço de natureza elementar? A Pandemia imobilizou nossa luta. Contudo, elas continuam resistindo, mas precisam o tempo todo resistir? Podemos resistir por elas?

Nas linhas desta pesquisa, os desenhos foram contornados aos poucos, minha intenção era investigar a potência dos *espaçostempos* de brincar nos parques da cidade, mas antes me virei do avesso. Como foi difícil escrever sobre mim mesma, cito as palavras de Tânia Aversi no livro “30 anos do Quintal” (2019) organizado por ela e Valter Almeida, quando a mesma se dirigindo à Barbara Prado, numa carta transcrita, trazia seu sentimento sobre a dificuldade do exercício de narrar-se:

(...) como é difícil escrevermos sobre nós mesmos, não é? Somente quem já tentou fazer esse exercício sabe do que estamos falando. Chega a doer! Física e

emocionalmente. Mas por outro lado, quanto autoconhecimento e amadurecimento essa prática proporciona! (ALMEIDA, AVERSI, 2019, p. 198)

Doeu vivenciar minhas memórias, mesmo parecendo tão doces, e são, elas afloraram sentimentos do hoje e muitas vezes dificuldades deste hoje. Por outro lado, o autoconhecimento e o amadurecimento foram tão pungentes nestes dois anos que é difícil mensurar. Só com estes ganhos pessoais já poderia me sentir completa com esta pesquisa. Mas este caminho não trouxe apenas contribuições pessoais.

A percepção da potência pedagógica do cotidiano infantil e a compreensão da resistência das infâncias desbordam o avesso, provocam a reflexão e alimentam a educadora ecologista que pulsa com/na/da pesquisa. O aprofundamento dos conceitos de tempo e espaço ressaltam os contornos da problemática de redução do tempo de brincar livre e da diminuição de espaços naturais de interação das crianças nas grandes cidades. O quintal já não era mais o mesmo, e o tempo para observar o caminhar das formigas era ligeiro frente à rotina das famílias urbanas.

Entre linhas bordadas, meu devir criança, permitiu que a perspectiva infantil de horizonte inundasse meu corpo; e, numa postura de pesquisa que se fez no caminho, a pesquisadora cartógrafa bordou os sentidos da pesquisa. Com o desatar dos nós foi-se tecendo a trama dos acontecimentos vividos nas cinco edições do Brinca, Sorocaba! Palavras pulsos foram puxando outras linhas que contornaram autores com os conceitos de cotidiano escolar, educação menor, devir criança. A força dos elementos naturais evidenciou o fluir das infâncias com a natureza. E reforçou compassos únicos dos territórios existenciais experienciados na pesquisa. Uma bordadura se fez das memórias das infâncias, não só das minhas, mas das infâncias que cruzaram esta pesquisa.

Retomo o texto da epígrafe, para entrelaçar os bordados finais, neste momento, para resistirmos, para sermos bárbaros precisamos nos encontrar com nossa infância e nos inundarmos dela para cuidarmos da vida, de nós e dos outros. Precisamos acreditar no potencial pedagógico do cotidiano vivido e compreender que os fluxos de aprendizado não têm hora e nem lugar para acontecer. O tempo da criança é o tempo da experiência, vamos fluir com elas.

*A tarefa parece ser não só a de encontrar uma infância para si,
mas ir ao encontro da infância do mundo e restaurá-la.
Buscar propiciar relações “infantis” com os outros e com o mundo,
encontrar o que o mundo tem de novo,
inventar um novo mundo,
encontrar um outro mundo.
(KOHAN, 2003, p.8)*

Referências

- AVERSI, Tania, ALMEIDA, Valter (Orgs.). **30 Anos no Quintal:** trajetórias atravessadas pela Educação Ambiental. Editora Pontes, Campinas, 2019.
- INGOLD, Tim. **O mundo e outros escritos.** Trad. Lúcia Rosa. Coletivo Dulcineia Catadora, São Paulo, 2019.
- KOHAN, Walter O. Imagens da infância para (re) pensar o currículo. **Revista Sul-americana de filosofia e educação, Brasília, Universidade de Brasília, s/v, n. 1, p. 1-9, 2003.**
- KOHAN, Walter. Paulo Freire: outras infâncias para a infância. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-33, 2018.

ANEXOS

O Artefato

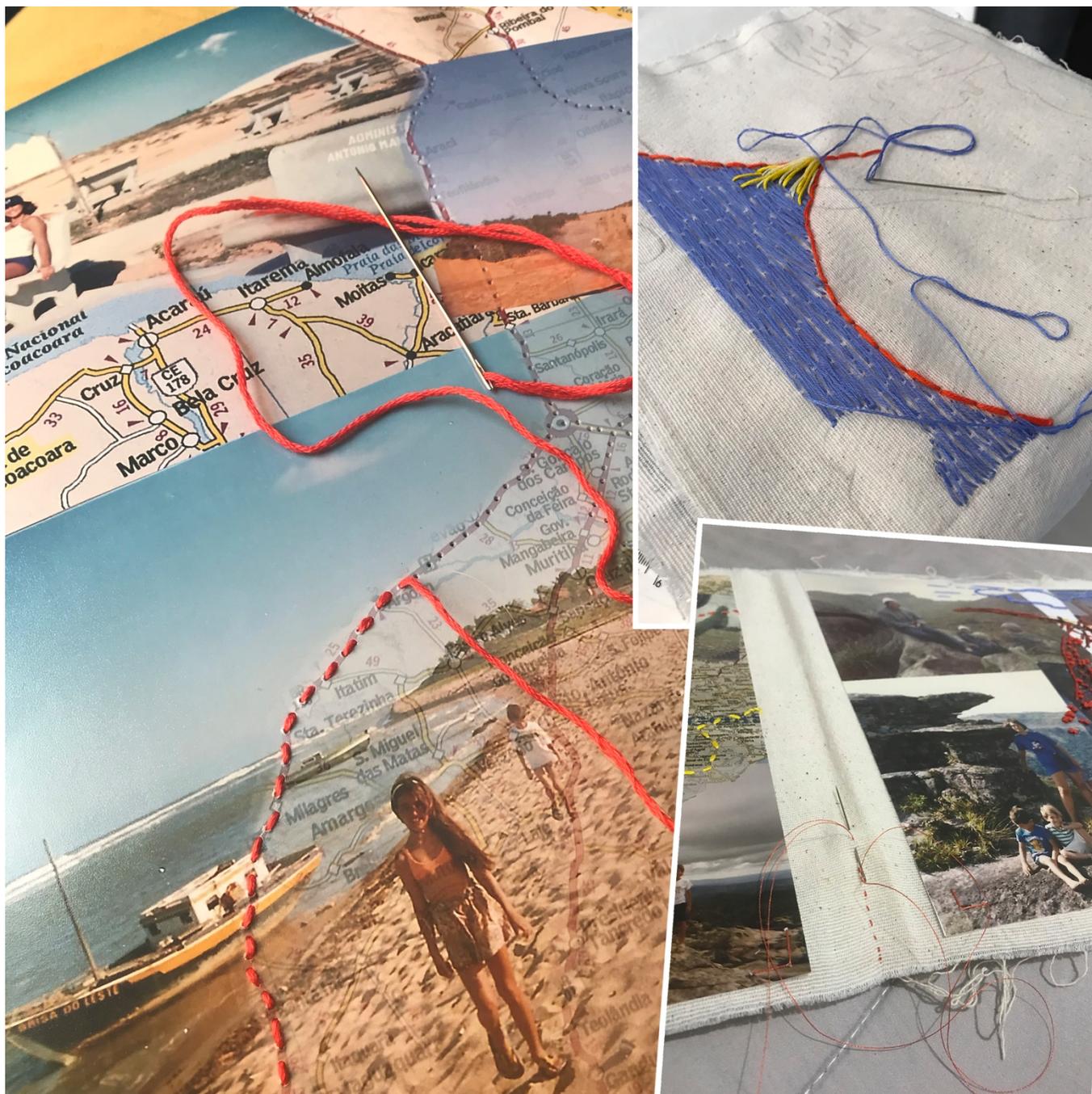


Figura 29: Costuras
Fonte: composição autora/ 2020



Figura 30: Caderno de memórias
Fonte: da autora/ 2020

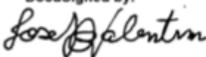


Aponte para o celular para Qrcode para folhear o caderno
ou acesse <https://vimeo.com/478929766>

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu, José Alexandre Battaglini Valentim, nacionalidade brasileira, portador da Cédula de identidade RG nº 33.129.135-6, inscrito no CPF/MF sob o nº 414.526.608-08, residente à rua Maj. Artur da Cunha Soares, 103 - Vila Melges, Sorocaba/SP, autorizo o uso da minhas fotografias na Dissertação "**Espaçostempo de brincar: uma bordadura da memória**" apresentada ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Sorocaba, 28 de setembro de 2020

DocuSigned by:

6F98F9F2E7F5475...

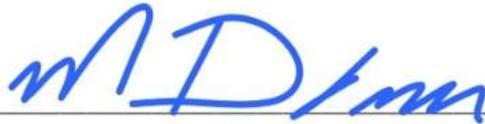
Nome: José Alexandre Battaglini Valentim

Telefone para contato: 15 99170-7070

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu, Moira Dalete dos Santos Lima, nacionalidade brasileira, portador da Cédula de identidade RG nº 43274857 x, inscrito no CPF/MF sob o nº 355.292.848-09, residente à rua Assis 90, Apto lucerna 01, Bairro Trujillo, Sorocaba/SP, autorizo o uso da minhas fotografias na Dissertação "**Espaçostempo de brincar: uma bordadura da memória**" apresentada ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Sorocaba, 28 de setembro de 2020



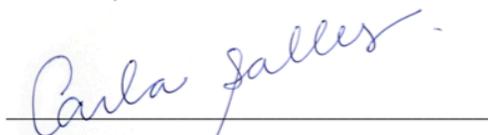
Nome: Moira Dalete dos Santos Lima

Telefone para contato: 15 98122-6418

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu, Carla Bonfim de Moraes Salles , nacionalidade brasileira, portador da Cédula de identidade RG nº 153534217 , inscrito no CPF/MF sob o nº 177.264.00854 , residente à alameda Jaboticabal, 365, Jardim Saira, Sorocaba/SP, autorizo o uso da minhas fotografias na Dissertação **“Espaçotempo de brincar: uma bordadura da memória”** apresentada ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Sorocaba, 28 de setembro de 2020

A handwritten signature in blue ink that reads "Carla Salles". The signature is written in a cursive style and is positioned above a horizontal line.

Nome: Carla Bonfim de Moraes Salles

Telefone para contato: 15 99723-1181

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu, José Ferreira da Silva Neto, nacionalidade brasileira, portador da Cédula de identidade RG nº 21.574.628 - 4, inscrito no CPF/MF sob o nº 127.153.308-11, residente à Avenida Elias Maluf, 2695 - casa 43, Bairro Wanel Ville, Sorocaba/ SP, autorizo o uso da minhas fotografias na Dissertação **"Espaçostempo de brincar: uma bordadura da memória"** apresentada ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Sorocaba, 28 de setembro de 2020

DocuSigned by:

81C94DA10EC44BC...

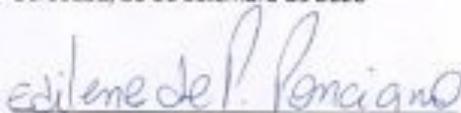
Nome: José Ferreira da Silva Neto

Telefone para contato: 15 99701 8441

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu, Edilene de Paula Ponciano, nacionalidade brasileira, portador da Cédula de Identidade RG nº 41.483.228.0, inscrito no CPF/MF sob o nº 279.514.528.66, residente à rua Flor do Carvalho, 436 - Éden - Sorocaba/ SP, autorizo o uso da minhas fotografias na Dissertação "Espaçotempo de brincar: uma bordadura da memória" apresentada ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Sorocaba, 28 de setembro de 2020



Nome: Edilene de Paula Ponciano

Telefone para contato: 15 99658-2985

